

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

SIMONE MAXIMO PELIS

**SILÊNCIO: A LINGUAGEM EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA
PARA IDOSOS**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2020

SIMONE MAXIMO PELIS

**SILÊNCIO: A LINGUAGEM EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA
PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Aquisição e Desenvolvimento da Língua(gem) Típica e Atípica

Orientadora: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2020

P436s	Pelis, Simone Maximo. Silêncio: a linguagem em uma instituição de longa permanência para idosos. / Simone Maximo Pelis; orientadora: Nirvana Ferraz Santos Sampaio. – Vitória da Conquista, 2020. 135f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2020 Inclui referência F. 128 – 131. 1. Linguagem - Idosos. 2. Neurolinguística. 3. Institucionalização. 4. Silêncio. I. Sampaio, Nirvana Ferraz Santos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós- Graduação em Linguística. T. III. CDD: 401.4
-------	--

Catlogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
 UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Silence: Language in a Long-Term Care Institution for the Elderly

Palavras-chave em inglês: elderly; institutionalization; neurolinguistics; silence.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Mestre em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Nirvana Santos Ferraz Sampaio (Presidente-Orientadora), Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB) e Profa. Dra. Nádia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo (UNICAP).

Data da defesa: 24 de março de 2020.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6926-240X>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8472584800081241>

SIMONE MAXIMO PELIS

**SILÊNCIO - A LINGUAGEM EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA
PERMANÊNCIA PARA IDOSOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

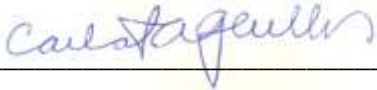
Data da aprovação: 24 de março de 2020.

Banca Examinadora:

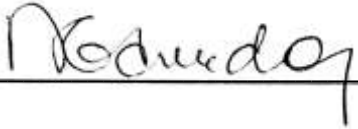
Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos
Sampaio (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-
Pires
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Nadia Pereira da Silva
Gonçalves de Azevedo
Instituição: UNICAP

Ass.: 

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.¹

À minha orientadora Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, por sua paciência, empenho, racionalidade e dialogicidade com que me orientou neste e em todos os trabalhos que realizei durante esta trajetória denominada mestrado. Muito obrigada por suas correções e provocações que proporcionaram meu amadurecimento acadêmico e pessoal.

Aos membros da banca de qualificação Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB) e Profa. Dra. Nádia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo (UNICAP), por aceitarem avaliar o trabalho, e pelas mais que valiosas contribuições.

Aos membros da Banca de Defesa Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires (UESB) e Profa. Dra. Nádia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo (UNICAP), por se disponibilizarem a fazer parte desta banca e por todas as sugestões que contribuíram para o aprimoramento desta dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, em especial à Profa. Dra. Vera Pacheco, que me contagiou com sua paixão pela Linguística ainda no tempo de aluna especial.

Aos funcionários do PPGLin em especial: Vanêide e Luciana, que me acolheram em cada debruçar desesperado e insistente no balcão do programa, para dirimir as dúvidas fundadas e infundadas...

À Instituição de Longa Permanência Abrigo Nosso Lar, diretores, funcionários, moradores e voluntários, por possibilitarem esta pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. José Carlos Martins Oliveira, do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas (UESB), por sua colaboração, mais do que isso, por acreditar.

Agradeço aos meus clientes, por me compreenderem, me apoiarem e me incentivarem.

Por último, quero agradecer à minha família e aos amigos, especialmente ao meu esposo Robério e ao meu filho João, pelo apoio incondicional que me foi dado, por

¹ Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

suportarem a minha ausência ao longo desse percurso, meus pedidos de silêncio e minhas leituras em voz alta que rompia com o silêncio deles; a minha filha Nancy, a minha mãe Sônia e ao meu irmão Marco, por nem sempre aceitarem, mas compreenderem minha distância. Mus queridos obrigada por sonharem comigo esse projeto de vida.

Não me enjeites no tempo da velhice; não me desampares, quando se forem acabando as minhas forças. [...] Agora, quando estou velho e de cabelos brancos, não me desampares, ó Deus (Salmos 71: 9; 18).

RESUMO

Os objetivos desta dissertação são analisar a linguagem em indivíduos institucionalizados no processo da consciência individual dos idosos, através da linguagem, especificamente, a relação discurso - enunciado dos idosos recentemente institucionalizados no Abrigo Nosso Lar e de seus familiares / responsáveis; observar o processo de silenciamento em idosos institucionalizados; e verificar o silêncio enquanto parte de um sistema alternativo de significação estruturante de sentidos. Para isso, foram selecionados, como amostra, cinco idosos institucionalizados na ILPI Abrigo Nosso Lar. Na perspectiva teórico-metodológica da Neurolinguística Discursiva, apoiada em preceitos enunciativo-discursivos, foram construídas as análises aqui apresentadas, e cada dado-achado (COUDRY, 1988, 2008, 2017) foi alinhado a conceitos relevantes para a Linguística, de forma geral, e para a teoria da Enunciação e da Análise de Discurso, aliadas a conceitos da Música e da Filosofia, mais especificamente. Percorremos o caminho para compreensão do processo de silenciamento social dos sujeitos idosos, através de análise de pesquisas oficiais e da linha francesa da análise de discurso (ORLANDI, 1999, 2009), e, posteriormente, do funcionamento protocolar institucional como fator impactante na fala do idoso. Com as análises de dados, verificamos que o silêncio faz parte de um sistema alternativo de significação, ao possibilitar o sujeito dizer o que o inconsciente não permite que seja dito, e que ele é fundamental no processo de elaboração da consciência individual e de estabelecimento de sentidos. Para indivíduos privados de liberdade e autonomia, ou seja, institucionalizados, a escuta, capaz de reconhecer o sentido atribuído pelo sujeito ao silêncio, funciona como intervenção de forma eficaz.

PALAVRAS-CHAVE

Idoso. Institucionalização. Neurolinguística. Silêncio.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to analyze the language in institutionalized individuals in the process of individual awareness of the elderly, through language, specifically the speech - statement of the elderly recently institutionalized in Abrigo Nosso Lar and their family members / guardians, to observe the process of silencing in institutionalized elderly and verify silence as part of an alternative system of structuring meaning of meanings. For this, five institutionalized elderly people at the ILPI Abrigo Nosso Lar were selected as a sample. In the theoretical-methodological perspective of Discursive Neurolinguistics, supported by enunciative-discursive precepts, the analyzes presented here were constructed and each data-finding (COUDRY, 1988, 2008, 2017) was aligned with relevant concepts for Linguistics, in general, and from the theory of the Enunciation, from the Discourse Analysis allied to the concepts of Music and Philosophy. We followed the path to understand the process of social silence of elderly subjects through analysis of official research and the French line of discourse analysis (ORLANDI, 1999, 2009) and later the institutional protocol functioning as an impacting factor in the speech of the elderly. With data analysis, we found that silence is part of an alternative system of meaning by enabling the subject to say what the unconscious does not allow to be said, and that silence is fundamental in the process of elaborating individual consciousness and establishing senses. For individuals deprived of freedom and autonomy, that is, institutionalized, listening, capable of recognizing the meaning attributed by the subject to silence, works as an effective intervention.

KEYWORDS

Elderly. Institutionalization. Neurolinguistics. Silence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Características selecionadas das ILPI´s conveniadas com o MDS, 2017	30
Figura 2 – ILPIs no Brasil	37
Figura 3 – Razões de Institucionalização de Idosos	38
Figura 4 – A Câmara Anecóica de Beranek	48
Figura 5 – Circuito da Fala.....	52
Figura 6 – A forma do tabuleiro não influi nas regras	53
Figura 7 – Representação do signo linguístico	54
Figura 8 – Valor Linguístico	54
Figura 9 – Representação Gráfica do Silêncio	55
Figura 10 – O Sujeito Lacaniano	63
Figura 11 – O Grande Salão	68
Figura 12 – Atividade no Ecoa.....	72
Figura 13 – O recomeço de Maria	79
Figura 14 – O Marco de Tata	80
Figura 15 – Pertences.....	85
Figura 16 – Indumentária	89
Figura 17 – O Mundo Solitário de Iva	92
Figura 18 – A Dor da Perda.....	95
Figura 19 – Olhares que Significam	96
Figura 20 – Ela Está Aqui	97
Figura 21 – Iva na Oficina de Motricidade	99
Figura 22 – Ou Cura ou Morre	100
Figura 23 – Silêncio, um pedido de socorro, aviso de dor	102
Figura 24 – Resultado de Tomografia de Iva Após 09 dias de Internação	103
Figura 25 – Música e Ressignificação	107
Figura 26 – Milagre, Ressignificação e Linguagem	117
Figura 27 – Interrompendo o Silêncio	123
Figura 28 – Oficina da Memória – O Encerramento	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de Silenciamento	46
Quadro 2 – Identificando o Silêncio	73
Quadro 3 – Identificação dos participantes	74
Quadro 4 – Adaptação e Pertencimento	76
Quadro 5 – Inadequação, Despertencimento	77
Quadro 6 – O Silêncio como Reconhecimento	86
Quadro 7 – Enfrentando a Finitude	89
Quadro 8 – Alegria e Ansiedade	91
Quadro 9 – O Silêncio como Encerramento	93
Quadro 10 – Sentimento de Exclusão	94
Quadro 11 – O Silenciamento pela Dor	96
Quadro 12 – O Silêncio e o Desejo de Morte	97
Quadro 13 – Inadequação, Saudade	99
Quadro 14 – O Silêncio Estruturante	101
Quadro 15 – O Silêncio como Saudade	104
Quadro 16 – Tinha Horror!	106
Quadro 17 – Silêncio, Elaboração e Fuga	107
Quadro 18 – Ressignificação e Silêncio	109
Quadro 19 – Silêncio, Censura e Medo	111
Quadro 20 – Silêncio que possibilita o não dito	113
Quadro 21 – Silêncio que é Resistência	114
Quadro 22 – Silêncio Polissêmico	116
Quadro 23 – Silêncio que corrobora	116
Quadro 24 – Ajuda quando as palavras faltam	120
Quadro 25 – Silenciamento vertical e Ressignificação	121
Quadro 26 – Silenciamento interrompido	122
Quadro 27 – Movimento, ritmo e interação social	123

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Expectativa de Vida ao Nascer – Brasil 1940 / 2015.....	20
Tabela 2 – Violência em Números.....	33
Tabela 3 – Quantitativo de Idosos	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AVC	Acidente Vascular Cerebral
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CCA	Centro de Convivência de Afásicos
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
ECOA	Espaço de Convivência entre Afásicos e Não-afásicos
HUPE	Hospital Universitário Pedro Ernesto
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPI	Instituição de Longa Permanência para Idosos
IPEA	Instituto de Pesquisa Estatística e Aplicada
LAPEN	Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MDS	Ministério de Desenvolvimento Social
ND	Neurolinguística Discursiva
PPP	Parceria Pública Privada
PSMP	Pesquisador
PNFS	Orientador/pesquisador
PNI	Política Nacional do Idoso
SNC	Sistema Nervoso Central
SNDPI	Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa
SUS	Sistema Único de Saúde
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
TCE	Traumatismo Cerebral Encefálico
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UnATI	Universidade Aberta da Terceira Idade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 ENVELHECIMENTO, LEI E LINGUAGEM	19
2.1 O Reconhecimento de Direitos da Pessoa Longeva.....	20
<i>2.1.1 A Constituição Cidadã.....</i>	<i>21</i>
<i>2.1.2 Outros Marcos Legais</i>	<i>23</i>
2.1.2.1 Lei 8.742/93	23
2.1.2.2 Lei 8.842/94	23
2.1.2.3 Lei 10.741/2003	24
2.2 O idoso na Lei: a pessoa, o tempo e o espaço	24
<i>2.2.1 O Dito</i>	<i>26</i>
<i>2.2.2 O Enunciado</i>	<i>26</i>
<i>2.2.3 O Contexto de Produção do Enunciado</i>	<i>26</i>
<i>2.2.4 A Pessoa</i>	<i>27</i>
<i>2.2.5 O Tempo (Hic – Nunc).....</i>	<i>28</i>
<i>2.2.6 O Espaço</i>	<i>29</i>
2.3 Direito Garantido ou Omitido	32
<i>2.3.1 A proposta do que é dito</i>	<i>32</i>
<i>2.3.2 A Realidade do Não Dito</i>	<i>33</i>
<i>2.3.3 Violência difusa.....</i>	<i>35</i>
<i>2.3.4 As Instituições de Longa Permanência no Brasil.....</i>	<i>36</i>
3 A INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS: NARRATIVAS E PERTENCIMENTO	41
3.1 O Envelhecimento e a Institucionalização	41
4 SILENCIAMENTO SOCIAL.....	43
4.1 O Silenciamento Institucional.....	44
4.2 O Silenciamento e o Silêncio	46
4.3 O silêncio não é nada, é tudo.....	48
4.4 Signo, significante, significado	51
4.5 O Valor Linguístico e o Valor do Silêncio	54
4.6 A Multimodalidade do Silêncio.....	55

4.7 Implicações do Silêncio para o indivíduo	58
4.8 O Silêncio na Clínica: Multifuncionalidade	59
4.9 O Idoso, Sujeito de Pesquisa	62
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS: NATUREZA DA PESQUISA, FORMA DE COLETA DOS DADOS, LOCAL, ESCOLHA DOS SUJEITOS	65
5.1 Local - A Instituição Abrigo Nosso Lar.....	65
5.2 O Idoso Institucionalizado Percebido pela Sociedade.....	66
5.3 O Idoso e o (Des)Pertencimento.....	67
5.4 Forma da coleta dos dados e composição da amostra.....	69
5.5 Sobre as questões éticas.....	70
5.6 Sobre a condução da coleta de dados.....	70
5.7 Sobre a identificação dos sujeitos	73
6 DADOS E ANÁLISES	75
6.1 Maria – Exceção e Realização.....	75
6.1.1 <i>De Volta para Casa</i>	79
6.2 Tata – Uma vida dedicada a cuidar.....	79
6.3 Ofélia - Cantar é Minha Alegria	81
6.4 Iva - Uma Estranha no Lar	83
6.5 Valdo - A força da FÉ	84
6.6 Em cada caso, vários dados, e cada dado é um caso	85
6.6.1 <i>O Impacto Da Chegada</i>	86
6.6.2 <i>São João – data comemorativa</i>	88
6.6.3 <i>O Silêncio e o Morrer</i>	94
6.6.4 <i>Despertencimento e Desmerecimento</i>	98
6.6.5 <i>Ou cura ou morre</i>	100
6.6.6 <i>Envelhecimento e Solidão</i>	103
6.6.7 <i>A Institucionalização Para os Idosos</i>	105
6.6.8 <i>O Silêncio Como Possibilidade</i>	113
6.6.9 <i>O Silêncio Como Resistência</i>	114
6.6.10 <i>Milagre - Ressignificação e Linguagem</i>	117
6.6.11 <i>Ressignificação</i>	121
6.6.12 <i>Oficina da Memória - Encerramento</i>	124

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	128
ANEXOS	134
ANEXO A – Normas de Transcrição Utilizadas nesta Dissertação	134
ANEXO B – TCLE.....	135

1 INTRODUÇÃO

Na Psicologia, a palavra é importante, mas o não dizer é imprescindível para observação do profissional que faz a escuta clínica. Em especial, o sentido que emerge na ausência de palavras se torna o cerne da investigação em um processo terapêutico. Foi na atuação profissional como psicóloga, e na experiência pessoal como cuidadora de um ente querido e longo, que a temática da Gerontologia me despertou interesse. Em tempo de aprimoramento profissional, a especialização em Geriatria e Gerontologia, na Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), instou-me a debruçar sobre a realidade do envelhecimento populacional do Brasil e do Mundo, e me vi atravessada por esse tema, pois, em pouco mais de uma década, farei parte dessa amostra populacional. Observando atentamente os idosos e suas demandas, as suas perdas, as suas vozes e seus silêncios, percebi, no estágio, na Enfermaria de Cirurgias Cardiovasculares, do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), que as pessoas idosas possuíam direitos desconhecidos, e, quando reconhecidos, desrespeitados. Eram silenciados.

Mas a questão dos idosos era mais ampla. Na clínica, percebi que o silenciamento social direcionava o longo ao embotamento, e o não dizer dos idosos traziam sentidos singulares de toda ordem: biológicos, fisiológicos, psicológicos, sociais e culturais. Não era um não dizer, tratava-se de um silenciamento progressivo e contínuo. Para compreender o que estaria além das palavras, e o que há nas entrelinhas, melhor dizendo, na lacuna entre uma palavra e outra, onde o sentido se consolida, busquei na Linguística, disciplina que estuda a língua(gem) nas mais diversas experiências humanas, o amparo teórico para um projeto de pesquisa que tinha como objetivo estudar o silêncio na terceira idade, especificamente, com idosos institucionalizados. O delineamento da pesquisa, nesse espaço singular, se deu por: a) eu prestar serviço voluntário em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), em Vitória da Conquista; e b) por se tratar de um lugar que, por sua estrutura disciplinar e organizacional de funcionamento, ditada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), proporciona privações: a forma mais direta pela qual o silenciamento é materializado ao indivíduo.

Como aluna especial da disciplina de Fonética e Fonologia, no programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob orientação da Profa. Dra. Vera Pacheco, elaborei o projeto adequado à linha de pesquisa que trata da Aquisição e Desenvolvimento da Língua(gem) Típica e Atípica, cujo eixo temático abarca a

Linguagem nas Afasias² e nas Neurodegenerescências³, sob coordenação e orientação da Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio. A partir daí, o projeto amadureceu, tomou forma e deixou de ser projeto para ser esta dissertação, que considera que a institucionalização afeta a linguagem do idoso, ressignificando a linguagem verbal na linguagem não verbal, e que o silêncio, enquanto linguagem não verbal é parte de um sistema alternativo de significação possível para idosos institucionalizados. Nesse sentido, caracterizam-se como objetivos da pesquisa realizada: analisar a linguagem em indivíduos institucionalizados no processo da consciência individual dos idosos, através da linguagem, especificamente, a relação discurso - enunciado dos idosos recentemente institucionalizados no Abrigo Nosso Lar e de seus familiares / responsáveis, observar o processo de silenciamento em idosos institucionalizados e verificar o silêncio enquanto parte de um sistema alternativo de significação estruturante de sentidos.

Para compreender o silêncio nos segmentos discursivos dos longevos, ancoramo-nos, teórico-metodologicamente, nas questões enunciativo-discursivas e no conceito do dado-achado, cunhado por Coudry (1988, 2008), que possibilitou a análise de cada dado de forma dinâmica “pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito” (COUDRY, 2008, p. 17). A partir de seu estudo sobre a linguagem nos afásicos, utilizamos também o conceito de processos alternativos de significação, visto que o “afásico, em um ambiente discursivo, produz rearranjos para falar por diferentes trajetos que, de maneira geral, se apresentam como uma relação não oficial, [...] mas, produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não verbais” (COUDRY, 2008, p. 13). Esse conceito foi relevante para verificar o silêncio na institucionalização de idosos. Além disso, debruçamo-nos em compreender o sentido, através de Benveniste (1989), e compreender o dizer, o dito e o não dito (DUCROT, 1987).

O modo pelo qual o silêncio é constituído se deu pela análise de discurso, principalmente, a partir do trabalho de Eni Pulcinelli Orlandi, que concebe o sujeito linguístico-histórico e busca compreender como os sentidos e os sujeitos se constituem como efeitos de ressignificação (ORLANDI, 2009). Ademais, o olhar do silêncio na área da Música, da Filosofia e da Psicanálise também foi considerado. Discutimos os trabalhos do músico

² Coudry (1988) conceitua a afasia como alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos.

³ Projeto sob Coordenação da Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio, e colaboração da Profa. Dra. Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, que agrega subprojetos relacionados aos seguintes eixos: a) processos linguísticos, pragmáticos e discursivos, relacionando linguagem, cérebro e cognição em casos de afasias; b) processos linguísticos, pragmáticos e discursivos, relacionando linguagem, cérebro e cognição em casos de neurodegenerescências.

John Cage (1961), do filósofo alemão Heidegger (2011), dos psicanalistas Lacan (1985, 2011) e Nasio (2010), que, coadunados com a leitura de Orlandi (2007) sobre a linguagem e o silêncio, direcionaram as análises dos dados referentes ao silêncio dos idosos em uma Instituição de Longa permanência. Nesse sentido, como poder-se-á verificar, nesta dissertação, o inconsciente e o consciente encontram, no silêncio, uma forma de expressão, uma forma alternativa de significação, de estabelecimento de sentido e de ressignificação.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo descreve o envelhecimento, suas características, implicações e reconhecimento de direito do idoso ao longo da história. Retomamos a Constituição Federal de 1988, quando a pessoa idosa é referenciada, outros marcos legais como as Leis 8.742/93, 8842/94, 10.741/2003, o Plano Nacional do Idoso em 1994 e O Estatuto do Idoso em 2003, observando e analisando, a partir da teoria da enunciação, enunciados que constam na Lei Brasileira referentes ao idoso.

O segundo capítulo trata das implicações e o caminho até a institucionalização do indivíduo longo, apresentando o contexto histórico desse modo de amparo e a legitimidade de direitos concedidos. Com esse propósito, o pensamento de Althusser (1970), Foucault (2008) e Pêcheux (1983, 1990) foram o suporte para conduzir o olhar do pesquisador na observação dos mecanismos de institucionalização.

O terceiro capítulo apresenta o impacto da institucionalização na linguagem do indivíduo longo e como o silêncio manifesta o sentido e a ressignificação para o idoso institucionalizado.

O quarto capítulo aborda questões de natureza metodológica, direcionadoras da coleta dos dados referentes a cinco idosos institucionalizados e a três idosos externos à instituição. Os dados e as discussões referentes à linguagem dessa amostra encontram-se no quinto capítulo. Por fim, nas considerações finais, ratificamos que o silêncio é um somatório de sons e não a subtração deles e que o diferencial caberá ao valor atribuído a ele, visto que o somatório de sons internos, quando sobressaem ao externo, pode ser perturbador, causador de estresse emocional e que, aos idosos institucionalizados, deve-se proporcionar o direito a uma escuta capaz de reconhecer o sentido atribuído pelo sujeito/idoso ao silêncio.

2 ENVELHECIMENTO, LEI E LINGUAGEM

O envelhecimento é um processo natural derivado de uma série de mudanças biológicas, psicológicas e sociais, que tendem a comprometer a autonomia do indivíduo longo. O processo de envelhecimento tem início no nascimento, ocorre de forma processual ao longo da vida do indivíduo e é inevitável. Aproximadamente aos 40 anos, o período de desenvolvimento humano alcança seu ápice e, posterior a essa etapa, começa o fluxo natural de envelhecimento denominado senescência. O envelhecimento com comprometimento patológico é denominado senil (idade) e está relacionado com os hábitos de vida, envolvendo, em sua maioria, a necessidade de assistência.

No avançar da idade, o indivíduo acumula perdas além das caracterizadas pelo desenvolvimento biológico; perdas socioeconômicas, emocionais e psíquicas. Contudo, o envelhecimento não diz respeito somente a uma quantidade de anos vividos, o modo como o envelhecimento é construído em nossa sociedade não é natural, mas sim elaborado dentro de construções do imaginário (KUWAE, 2015, p. 623). Apesar da tentativa de mudança de conceito de *velhice* para o conceito de *terceira idade*⁴, envelhecer ainda é sinônimo de adoecimento pela passagem do tempo, precariedade da saúde, limitação de autonomia e dependência de cuidados terceirizados, solidão, repouso, perdas sociais, e do controle de si. Com o afastamento das atividades laborais e cotidianas, relações e interações rarefeitas, o esgarçamento da malha social no entorno do idoso cria lacunas que podem levar o longo a situações impensáveis. O abandono familiar, a fragilidade fisiológica, a perda financeira e a falta de cuidadores por afeto (familiares, amigos) são alguns dos inúmeros motivos que levam o idoso a uma instituição de longa permanência. Há casos em que a institucionalização, por questões econômicas, sociais, emocionais, é sugerida como solução temporal e passa a ser definitiva sem que o idoso se dê conta. A institucionalização da pessoa longa ocorre baseada em argumentos sociais assistencialistas, que ecoam em enunciados que reproduzem um mecanismo de poder e controle social e segregação socioespacial, como veremos nas seções a seguir. No entanto, vale ressaltar que uma ILPI é um equipamento de cuidados de alta complexidade para pessoas com idade superior a 60 anos e um meio de garantir direitos aos longos.

⁴ O termo terceira idade surgiu na França na década de 1970, com a criação das Universités du Troisième Âge (Universidades com cursos exclusivos para idosos) marcando uma mudança na concepção da idade avançada como período de vida propício para novos aprendizados e novos projetos ao invés da espera passiva da morte (KUWAE, 2015, p. 623).

2.1 O Reconhecimento de Direitos da Pessoa Longeva

Em 1988, a carta magna instituiu que qualquer pessoa com idade superior ou igual a sessenta e cinco anos é considerada idoso. Na Tabela 1, é possível perceber a diferença na expectativa de vida entre os anos 1940 e 2015. A expectativa de vida evoluiu gerando novos conceitos e reconhecimento para os longevos.

A Tabela 1, apresentada a seguir, revela que, em todo o tempo, a expectativa de vida da mulher é superior à do homem. Isso ocorre por conta de fatores genéticos, hormonais e sociais: pelo favorecimento genético de dois cromossomos X, que tem mais genes que ajudam a prolongar a vida, por conta do hormônio antioxidante, o estrogênio, que o organismo da mulher produz naturalmente e que impede ou retarda o envelhecimento das células e pelo fato de que, historicamente, a mulher tem mais comportamentos preventivos e de autocuidado do que o homem. Vejamos:

Tabela 1 – Expectativa de Vida ao Nascer – Brasil 1940 / 2015

Ano	Expectativa de vida ao nascer			Diferencial entre os sexos (anos)
	Total	Homem	Mulher	
1940	45,5	42,9	48,3	5,4
1950	48,0	45,3	50,8	5,6
1960	52,5	49,7	55,5	5,9
1970	57,6	54,6	60,8	6,2
1980	62,5	59,6	65,7	6,1
1991	66,9	63,2	70,9	7,8
2000	69,8	66,0	73,9	7,9
2010	73,9	70,2	77,6	7,4
2015	75,5	71,9	79,1	7,2
Δ (1940/2015)	30,0	29,0	30,8	

Fonte: Agência IBGE Notícias (2016).

A Tabela 1 mostra que, na década de 40, a expectativa de vida era de 42,9 anos para homens e 48,3 anos para mulheres. Diferença de pouco mais de cinco anos, que continuou a existir de forma crescente. Essa diferença é refletida nas Instituições de Longa Permanência, onde seus moradores são predominantemente mulheres.

Elaborada há pouco mais de trinta anos, a Constituição Brasileira de 1988 tem um importante papel social, que é a garantia dos direitos fundamentais de todo e qualquer cidadão brasileiro. É um compromisso do Estado com a sociedade definir, em um único artigo constitucional, quem é indivíduo longevo: aquele que tem sessenta e cinco anos ou mais. É possível compreender que o longevo ou idoso é considerado uma pessoa desamparada, pois é

delegado o dever de amparo a ele. Este dever é delegado à família, à sociedade e ao Estado (o próprio enunciador). Trata-se, portanto, de um discurso assistencialista.

No artigo 230 da Constituição Federal (CF) de 1988, é expressa a mudança de percepção da pessoa idosa. Delega-se à família, à sociedade e ao Estado o dever de amparo àquele indivíduo que, sob as condições expostas pela longevidade, torna-se legalmente sujeito instituído, com reconhecido direito à personalidade. Nas Cartas Magnas (1824 e 1891) não havia referência ao idoso. Quando adoecido, senil ou desamparado, era confundido e misturado aos loucos em sanatórios. Em 1890, os ferroviários e os funcionários do correio recebiam as primeiras concessões de aposentadoria. A Lei Elói Chaves, de 1923, se tornou um marco com a criação da Caixa de Aposentadoria e pensões para os empregados das empresas ferroviárias no Brasil. As demais classes foram contempladas 40 anos depois. Era tudo o que se tinha em termos de direito para a pessoa idosa. Após a CF/88, foram elaborados a Política Nacional do Idoso (1994) e o Estatuto do Idoso (2003), cujo objetivo é garantir direitos de cidadania aos longevos. A necessidade de combate à violação dos direitos naturais, que, durante duas grandes guerras, resultou na mortandade em massa de povos, levou delegados de cinquenta diferentes nações, sob a presidência de Eleanor Roosevelt, a elaborarem em 1948 a carta magna dos direitos humanos: a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Havia uma emergência histórica para o reconhecimento e a materialização do que era entendido como direito natural, mas não reconhecido. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, além de proclamar os direitos inerentes a todo indivíduo, conclama a todos a se comprometerem ao cumprimento desses e a todas as nações a pensarem ações constituintes de promoção e garantia de cuidado uns pelos outros. Sendo assim, as nações democráticas elaboraram suas leis constitucionais.

2.1.1 A Constituição Cidadã

O Brasil vivenciou a violação dos direitos naturais, com maior veemência durante o período da ditadura, denominados direitos humanos. Posto que o contexto histórico que ambientou a elaboração de 250 artigos e 80 emendas constitucionais, a chamada Constituição Federal, de 1988, conclamava a reinstituição de medidas arbitrárias da Constituição de 1967 e do Ato Institucional Cinco (AI-5). A Carta Magna de 1988 se tornou a materialização do discurso de uma possível sociedade democrática. Desde então, a pessoa idosa passou a ser referenciada e teve reconhecimento de direitos instituídos no Brasil.

Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. § 1º Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares. § 2º Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos (BRASIL, 1988).

Até então, os idosos, chamados velhos, muitas vezes eram esquecidos em instituições manicomiais para tratamento de “loucuras” (delirium ou demências) decorrentes do processo de envelhecimento normal ou patológico. Este fato ocorria, principalmente, por idosos, no Brasil, até os anos 60, constituírem perfil de exceção. A expectativa de vida no Brasil não promovia tais reflexões. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2016), a expectativa de vida em 1920 era de 35, 2 anos e, em 1960, 52,3 anos. Somente nos anos 70 foi alcançada a média de 63,1 anos, e, na década de 80, chegou a 64,7 anos.

Segundo Foucault (2008, p. 472), “a população tem suas próprias leis de transformação, de deslocamento, e é submetida a processos naturais tanto quanto sua própria riqueza”, logo a população vai crescer, decrescer, se deslocar. A população no limiar de sua idade produtiva, em franco teor de produção, era uma na década de 30 e é outra bem diferente hoje em dia. As leis que nortearam esta transformação não são de controle do homem, embora tenham sua contribuição; são constituídas naturalmente pelo dinamismo do desenvolvimento do homem e sua historicidade.

As organizações mundiais já alertavam para o envelhecimento da população mundial, devido o avanço da medicina e a erradicação de doenças letais. A Organização das Nações Unidas convocou, em 1982, a Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, em Viena, que representou um marco nas discussões sobre o envelhecimento, que, por projeção, se tornaria um problema mundial. O Mundo não estava preparado para o envelhecimento da população. Foi elaborado, então, o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento com reflexões, diretrizes e normas legais sobre o envelhecimento. Em 1991, a ONU elaborou os Princípios das Nações Unidas, em prol da pessoa idosa, que compreendem os pilares das ações e leis a serem desenvolvidas. Divididos em seções, são eles: independência, participação, cuidados, autorrealização e dignidade.

Em 2002, a segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento ocorreu em Madrid. Na ocasião, foi aprovado o segundo Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento (PAIE), que priorizou a formação de uma agenda temática, bem como o desenvolvimento de políticas de meio ambiente com foco na necessidade do novo perfil da sociedade e da importância específica e global da saúde.

Com a expressa mudança da percepção da pessoa idosa, o Artigo 230 da CF/88, que tem como objetivo a seguridade dos direitos fundamentais de todo ser humano, estabelece ao Estado a proteção social do idoso. Ainda no artigo 203 da CF/88, é assegurado ao idoso o direito de benefício mensal para garantir seu direito à vida de forma digna. Desde a CF/88, outros diplomas legais foram instituídos para contemplação de diversos aspectos da vida da pessoa idosa: a Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), a Política Nacional do Idoso (PNI), o Estatuto do Idoso, entre outros.

2.1.2 Outros Marcos Legais

2.1.2.1 Lei 8.742/93

A Lei Orgânica de Assistência Social, promulgada em 07 de dezembro de 1993, regulamentou o artigo 203 da Carta Magna de 1988, regulando o benefício de prestação continuada (BPC) como garantia de um salário mínimo mensal ao idoso com setenta anos ou mais, que não possua meios de provisão própria ou familiar. Todavia, por meio da Lei 9.720, de 1988, reduziu-se a idade de requerimento do benefício para 67 anos, e o Estatuto do Idoso, posteriormente, em 2003, para 65 anos.

“Art. 38. A idade prevista no art. 20 desta Lei reduzir-se-á para sessenta e sete anos a partir de 1º de janeiro de 1998” (BRASIL, 1998).

2.1.2.2 Lei 8.842/94

De 04 de janeiro de 1994, lei que dispõe da Política Nacional do Idoso, tem por finalidade a promoção da cidadania ao idoso, criando “condições de autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”, entre outras providências.

Art. 1º A política nacional do idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Art. 2º Considera-se idoso, para os efeitos desta lei, a pessoa maior de sessenta anos de idade (BRASIL, 1994).

O referido diploma legal ressalta a cidadania e a igualdade. Para tanto, dispõe de princípios que tem como alicerce a atuação da família e do Estado no sentido de garantir os direitos fundamentais do indivíduo idoso.

2.1.2.3 Lei 10.741/2003

O Estatuto do Idoso é um documento que propõe assegurar aos idosos direitos cotidianos, como moradia, lazer, educação, cultura e saúde, reforçando que a dignidade do idoso deve ser um compromisso para além da família e do Estado, ou seja, de toda a sociedade. Enfatiza o direito à liberdade e à convivência familiar, bem como o respeito, a cidadania e a justiça, atribuindo, ao Ministério Público, o papel de interventor em casos de violação desses direitos. O Estatuto ainda regulamenta e impõe punições para as ações lesivas e as normativas. Ao considerar que um discurso é constituído por diversos enunciados e que, após a Constituição Federal de 1988, foram elaborados o Plano Nacional do Idoso, em 1994, e O Estatuto do Idoso, em 2003, ambos com o objetivo de garantia de direitos e promoção de bem estar às gerações de idosos, é necessário verificar o que esses enunciados materializam.

2.2 O idoso na Lei: a pessoa, o tempo e o espaço

Os enunciados, marcos legais, materializam uma realidade histórica, revelam a pessoa e discriminam o tempo em que um ato de fala ocorre, em que a língua está em funcionamento, individual ou socialmente. Ferdinand de Saussure (1916 [2012], p. 41) teorizou, em sua celebre obra póstuma “Curso de Linguística Geral”, que a linguagem humana apresenta aspectos individuais e sociais. Individual quando diferenças semânticas e fônicas possibilitam a diversificação de sons da língua⁵; social quando o conhecimento internalizado é compartilhado e se refere ao próprio sistema. Saussure (1916 [2012], p. 51) postula que o estudo linguístico tem por objeto a língua, que por essência é social, independente do indivíduo. A língua, enquanto sistema, tem ordem própria, e a fala, por sua vez, é uma manifestação individual e momentânea - um ato individual de vontade própria. A língua é a linguagem sem a fala. É mister uma massa falante para que a língua exista (SAUSSURE, 1916 [2012], p. 117). Baseado nesses preceitos, Benveniste (1989) questiona: como se dá a passagem daquilo que é da ordem do sistema para aquilo que se considera fala e afirma que a passagem da língua para a fala ocorre pela enunciação. Assim, ao processo de materialização da língua em fala dá-se o nome de Enunciação.

⁵ “A língua tem caráter inatingível, mas não inalterável. Sua arbitrariedade é anulada quando o tempo possibilita às forças sociais desenvolverem seus efeitos sobre ela. O signo linguístico é que é arbitrário” (SAUSSURE, 1916 [2012], p. 119).

Não menos relevante, Wittgenstein, filósofo austríaco, que viveu entre 1889 e 1951, considerava a linguagem como uma prática social que, considerando o contexto no qual é utilizada, é possível acessar seu sentido como em um jogo de linguagem. Baseando-se nos postulados de Wittgenstein, Austin, filósofo britânico, que viveu entre 1911 e 1960, afirmou que cada sentença é uma ação, conceituando assim a Teoria dos Atos da Fala⁶. Para Austin (1990), as afirmações não seriam apenas para descrever coisas, mas também para descrever ações. Distinguindo os enunciados como constativos e performativos, ele afirmou que os enunciados constativos descrevem ou relatam um estado de coisas e podem ser valorados como verdadeiros ou falsos e os enunciados performativos, quando ditos, majoritariamente na primeira pessoa do presente do indicativo, realizam ações. Por exemplo, os seguintes enunciados: “eu ordeno que você entre”, “te absolvo”, “declaro marido e mulher” não descrevem ou relatam coisas, por isso, não podem ser valorados como falsos ou verdadeiros. Eles executam atos (ato de ordenar, absolver, condenar, punir, perdoar etc.). Posteriormente, John Searle, filósofo norte-americano, retomou a teoria dos atos de fala reconhecendo que um falante é aquele que produz um ato locucionário e, para que um enunciado seja reconhecido como ato de fala, é necessário que este seja produzido de acordo com as convenções de uma língua natural. Dessa forma, uma promessa, uma ordem, uma petição, uma afirmação, uma negação são exemplos de atos de fala (SAMPAIO, 2006, p. 35). Atos de fala são enunciados. É a língua em funcionamento. Retomando Benveniste (1989, p. 82), “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Podemos considerar que enunciação é dizer. Enunciado é o dito.

Sem o dizer não há o dito. Sem a enunciação não há o enunciado. Logo, a existência de um enunciado pressupõe a situação de uma enunciação. Um enunciado pode ser oral, escrito ou semiótico (se pensarmos no *não-verbal*), materializado por alguém, para alguém, em certo tempo e em certo lugar. O enunciado é uma materialidade linguística, mas é uma realidade da ordem do discurso. Isso quer dizer que são necessários conhecimentos linguísticos para compreensão de um enunciado, porém, para compreender o sentido deste enunciado, será necessário ter domínio, também, sobre o contexto da enunciação.

Um enunciado pode ser produzido a partir do conhecimento internalizado da língua, a apropriação da língua em um ato individual – a instância de mediação entre a língua e a fala.

⁶ A Teoria dos Atos de Fala surgiu nos anos 60, a partir da Filosofia da Linguagem. Em 1955, John L. Austin proferiu doze conferências na Universidade de Harvard, apresentando sua Teoria, publicada em 1962, após sua morte. Não é intuito deste trabalho fazer uma apresentação detalhada da Teoria dos Atos de Fala de Austin, no entanto sugerimos a leitura: AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

A instância é o conjunto de categorias que cria um determinado domínio e a categoria é a noção para agrupar uma classe de elementos da realidade. Substantivos, números, verbos são categorias linguísticas comuns a elementos da realidade.

Os elementos da realidade só terão sentido quando o “eu” da categoria pessoa toma a palavra. O “eu” se constitui no ato do dizer, tal qual o “tu”, e o lugar daquele que fala é o “aqui” e o momento em que o “eu” toma a palavra se constitui “o agora”. Os indicadores desses elementos são os dêiticos. A Enunciação é a instância do eu, do aqui e do agora.

2.2.1 O Dito

Cada dito é um enunciado. Assim, pode-se verificar os enunciados dos marcos legais que proporcionaram a criação das políticas públicas voltadas para as pessoas idosas. Tomando para análise, por meio da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, o art. 230 da Constituição Federal, de 1988, serão apontados, a seguir, os principais conceitos do Aparelho Formal de Enunciação.

2.2.2 O Enunciado

Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. § 1º Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares. § 2º Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos (BRASIL, 1988).

Benveniste (1989, p. 82) diz que é preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação, o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado. Dessa forma, é necessário perceber em que contexto esse enunciado foi produzido.

2.2.3 O Contexto de Produção do Enunciado

Na Segunda Guerra Mundial, o mundo pôde ver, sentir e sofrer o que a falta de limite poderia trazer como consequência para a população. Havia a necessidade de dar/instituir limites à violação do que se consideravam direitos naturais. Instituíram-se, então, os Direitos Humanos, através de uma carta magna, com signatários de mais de 50 países, em 1948.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos era a materialização do reconhecimento dos direitos naturais a todo e qualquer indivíduo. Ela também materializou a convocação e o comprometimento de todos os povos para validar, proteger e cumprir tais direitos. Cada nação precisou elaborar formas de cumprir o compromisso com a humanidade.

O Brasil teve sua primeira carta magna promulgada em 1894, mas, somente após a vivência de diversas violações dos direitos humanos, a Constituição Federal adquiriu perfil democrático. Pela ação democrática, cada enunciado carregava um sentido de reconhecimento de direitos, principalmente, daqueles que nunca os tiveram reconhecidos, e deveres do Estado para promovê-los e validá-los. A partir daí, a pessoa idosa ganhou direitos instituídos no Brasil, como já apresentado neste texto.

Dito isso, é possível contemplar a relação do locutor com o alocutário, do eu com o tu. É possível apreender como o enunciado é tomado por instrumento pelo locutor, e, por meio dessa apropriação, é impressa instruções para o tu a respeito do ele, ocorrendo à conversão do individual da língua em discurso e a materialização do sentido pelas instâncias enunciativas.

2.2.4 A Pessoa

A teoria linguística da enunciação revela que há três categorias que constituem o dizer: a pessoa, o tempo e o espaço. Mesmo um enunciado jurídico é dito por alguém, direcionado a alguém, se referindo sobre uma terceira pessoa. Quem diz é o enunciador, o eu (EGO). Aquele a quem é dito é o tu. “Eu” e “tu” são constituídos somente no ato do dizer, isso é, sem o dito não há eu, não há tu.

Um enunciado legal o é por constituir o eu e o tu. Tomando por referência o artigo 230 da CF/88, o Estado fala à sociedade. O Estado assume o lugar do “eu”, por ser o enunciador da produção desse conhecimento da língua internalizado.

Dessa forma, esse enunciado de instância jurídica se constrói no conhecimento dos direitos e dos deveres do tu. Assim, esse enunciado reforça um dizer de âmbito mundial, e o esquadrinha em um determinado lugar, no âmbito nacional.

O tempo desse enunciado é o aqui e o agora, é o imediato. Uma vez constituído o enunciado, a materialização dele se torna emergente pelo peso das escolhas dos elementos linguísticos que indicam o tempo e o espaço, anterioridade, posterioridade ou concomitância.

“Tem o dever de”, “defendendo”, “garantindo”, serão”, presentes no artigo 230 da Constituição, de 1988, dão uma ordem histórica de proteção à pessoa idosa, o “ele” ⁷. Sim, é sobre “ele” que todo o enunciado se refere, o indivíduo idoso.

As condições de empregos das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. São em realidade dois mundos diferentes, e pode ser útil insistir nesta diferença, a qual implica em outra maneira de ver as mesmas coisas, outra maneira de descrevê-las e de interpretá-las (BENVENISTE, 1989, p. 81).

Uma vez proferido esse enunciado, ele segue pelas escolhas semânticas com efeitos de objetividade. É como se o enunciado falasse por ele mesmo. O eu (Estado), utilizando-se de uma embreagem enunciativa, está sendo referenciado nesse marco legal como se não fosse ele o próprio enunciator, mas é.

2.2.5 O Tempo (*Hic – Nunc*)

Todo enunciado possui seu tempo. A categoria verbo caracteriza essa instância, por meio dos morfemas de modo e de tempo. No art. 230 da CF/88, a primeira parte de seu enunciado, no qual está expressa a função “delegar”, encontra-se no tempo presente. “Tem o dever de” é um agora elucidado pelo eu, que não há de ser compreendido de outra forma pelo tu, por explicitar uma urgência no ato. Ato contínuo pela recorrência do enunciado, pela eloquência inerente à enunciação.

O primeiro parágrafo do art. 230, em que está subentendido o dever do Estado de promover políticas públicas em prol da manutenção da pessoa idosa em seus lares, tem sua temporalidade esgaçada. O tempo verbal no futuro permite que esse outro, personificado em terceira pessoa (plural), as políticas públicas (elas), tenha possibilidade de elaboração, mas permite também uma atemporalidade para sua execução. Em um futuro, como enunciado proposto no enunciado “Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares”, o verbo no futuro “serão” justifica a permissividade do não agora.

No segundo parágrafo, “§ 2º Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos”, ao se tratar de concessão de direito de

⁷ Para Benveniste (1989), existem três instâncias (categorias) de pessoas: o eu, o tu e o ele (não-pessoa); o “eu” (quem diz) que constitui o sujeito de discurso, o “tu” (para quem é dito) que é instituído a partir da função do “ele” (o que é dito). O “ele” é um elemento constitutivo dessa relação interpessoal, denominado “não-pessoa”, pois a pessoalidade do “eu/tu” está em oposição à impessoalidade do “ele”.

gratuidade de passagem, o tempo retorna ao presente. O agora torna eficaz à medida enunciada pelo *eu* de forma assertiva e contundente, caracterizando o *ele* inclusive, definindo de quem se trata: o longo maior que 65 anos. Denomina-se a este evento de breagem actancial.

2.2.6 O Espaço

Onde poderá se cumprir este enunciado? Perceba que o espaço é a comunidade ou os lares. A cargo do Estado estão os serviços de assistência social de alta complexidade que consiste na garantia de proteção integral (habitação/moradia, alimentação, higiene, saúde). Esta garantia deve ocorrer pelos aparelhos de assistência de alta complexidade⁸, entre os quais as instituições de longa permanência para idosos (ILPI), além de casa-lares, casa de passagem, residência inclusiva. O Estado não se compromete com aparelhos para a assistência. Não nesse enunciado. Este compromisso foi instituído em 2003, pela Lei 10.741/2003 (Estatuto do Idoso):

1. Casa-Lar: Atendimento em unidade residencial para atendimento de grupos de até 10 idosos. Deve contar com pessoal habilitado, treinado e supervisionado por equipe técnica capacitada para auxiliar nas atividades da vida diária;
2. Abrigo Institucional: Atendimento em unidade institucional com característica domiciliar que acolhe idosos com diferentes necessidades e graus de dependência. Deve assegurar a convivência com familiares, amigos e pessoas de referência de forma contínua, bem como o acesso às atividades culturais, educativas, lúdicas, e de lazer na comunidade. A capacidade de atendimento das unidades deve seguir as normas da Vigilância Sanitária, devendo ser assegurado o atendimento de qualidade, personalizado, com até quatro idosos por quarto (BRASIL, 2018b).

Vejamos, a seguir, alguns dados sobre a situação brasileira no que se refere ao que é público e o que é mantido mediante a filantropia.

⁸ Serviço organizado em diferentes modalidades de equipamentos, conforme o público, e destinam-se a famílias e/ou indivíduos afastados temporariamente do núcleo familiar e/ou comunitários de origem. A organização do serviço deve garantir atendimento em pequenos grupos, favorecer o convívio familiar e comunitário, bem como privacidade, respeito aos costumes, às tradições e à diversidade de: ciclos de vida, arranjos familiares, raça/etnia, religião, gênero e orientação sexual. Deve ainda ser ofertado em unidade inserida na comunidade com características residenciais, oferecendo condições de habitabilidade, higiene, salubridade, segurança, acessibilidade e privacidade. Os Serviços de Acolhimento devem ainda, garantir o acesso dos moradores a todos os serviços essenciais no território, como educação, saúde, trabalho, habitação, dentre outros, e em comum com os demais cidadãos (SANTA CATARINA, 2019).

Figura 1 – Características selecionadas das ILPI's conveniadas com o MDS, 2017

Região	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sul
CEBAS	38,1%	26,3%	43,0%	61,1%
Estatuto	70,4%	89,1%	87,3%	89,3%
Contrato	66,7%	69,9%	65,5%	85,5
Natureza				
Pública	37,0%	9,6%	33,8%	6,4%
Filantrópica religiosa	37,0%	51,3%	38,0%	43,6%
Filantrópica não religiosa	11,1%	34,0%	28,2%	40,6%
Mistas	11,1%	2,6%	--	0,9%
S inf	3,7%	1,9%	--	--
Regime de funcionamento				
Aberto	28,6%	14,1%	47,2%	31,2%
Semi aberto	33,3%	53,2%	30,3%	38,0%
fechado	38,1%	32,1%	21,8%	30,8%
Tem RT	44,4%	54,5%	76,1%	78,2%
Rt com nível superior	91,7%	82,4%	76,9%	91,8%

Fonte: Brasil (2018)⁹.

A Figura 1, divulgada em 2018, no relatório do Ministério de Desenvolvimento Social (MDS), demonstra que as instituições públicas são deficitárias em relação às instituições filantrópicas, religiosas ou não. Em algumas regiões, não compõem nem dez por cento do total de instituições filantrópicas.

Para os casos de idosos em que há declínio ou perda de capacidades, faz-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas que busquem eliminar as barreiras à participação das pessoas idosas e compensar a perda de capacidade, proporcionando as adaptações e supervisões necessárias, seja por meio de tecnologias assistivas ou apoio de terceiros (HOFFMAN, 2018, p. 19).

Na citação acima, que faz parte das orientações técnicas para implementação de cuidado à saúde da pessoa idosa, no Sistema Único de Saúde (SUS), há a afirmação *faz-se necessário o desenvolvimento de políticas públicas*, ou como dito há trinta anos, no Artigo 230 da CF/88: *programas de amparo*. Mesmo com a instituição de outros marcos legais, por exemplo: a Política Nacional do Idoso, o Estatuto do Idoso, o LOAS, esses não garantiram o proposto no Art. 230. A flexibilidade temporal se mantém em evidência. A atemporalidade do enunciado deixou sequela no imediatismo da execução das ações de responsabilidade do Estado.

⁹ Disponível em: www.mds.gov.br/webarquivos/.../5_Helena_ILPIs%20apresentação%20MDS3.pptx.

“É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto” (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Toda Enunciação é histórica. Fiorin (1996, p. 30) afirma que isto ocorre porque a enunciação está submetida à ordem da história. Sendo assim, o jurídico interpretado como marco, enquanto enunciado, está submetido a uma ordem histórica. A emergência histórica que produziu o enunciado: o exagero desenfreado de violação de direitos naturais, ocorridos perante a primeira Grande Guerra, já apontava para a necessidade de imposição de limites a esta demanda mundial. A Segunda Guerra foi a gota d’água para que o clamor de um mundo apavorado direcionasse um dizer a todos. A Declaração de Direitos Humanos com seus enunciados produz um discurso de equidade entre os povos, de possibilidade de resiliência para as minorias, de responsabilidade para os poderosos, de limitação para os opressores.

Trinta anos após a declaração dos Direitos Universais, o Brasil se permite enquadrar nessa ordem mundial, após um período obscuro e violento sob a ditadura militar. No entanto, deslocamentos de sentidos permitem à subjetividade de alguns enunciados camuflarem a resistência nesse *enquadramento*. Neste trabalho, o exemplo selecionado foi o artigo 230 da Constituição federal, de 1988. Nesse artigo, o Estado fala à sociedade a respeito da pessoa longeva. Reconhece-a de fato e delega à sociedade, diga-se à família, o cuidar dessa pessoa até então invisibilizada. A pessoa idosa, nesse momento a *não pessoa*, é referenciada como aquele que precisa de amparo. Logo o enunciado tem sentido assistencialista.

Todavia, o enunciado, quanto aos seus deveres enquanto Estado, permite a flexibilização de tempo para a materialização/execução das ações previstas, que pode vir a comprometer o cuidado da pessoa longeva. Uma lacuna presente nesse enunciado se dá pela mudança do tempo verbal, a embreagem temporal a partir da escolha do tempo. *Programas serão executados* – ora, se a *não pessoa* já está, e o enunciado localiza-se no agora, por que razão as ações do Estado se deslocaram adiante? Possivelmente por essas ações ainda não terem sido elaboradas, o que caracteriza um desamparo imediato. Ainda sobre o tempo e o espaço, para quão adiante tem sido deslocada a elaboração e a materialização dessas ações?

Em 2011, o Instituto de Pesquisa de Economia Aplicada (IPEA), ao fazer o primeiro levantamento das instituições asilares no Brasil, constatou que 71% dos municípios brasileiros não tinham nenhuma instituição pública asilar. Na época, a população de idosos no Brasil era de 20 milhões, dos quais 83 mil estavam institucionalizados. Havia apenas 218 asilos públicos para atender essa população (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2010), um déficit minimizado pelas instituições filantrópicas, mas longe de ser exaurido. Um

relatório recentemente divulgado pelo Ministério de Desenvolvimento Social (2018) apresentou os seguintes dados preliminares, considerando as características das ILPI conveniadas ao MDS: na região Nordeste, 85,3% são filantrópicas e 9,6% são públicas, enquanto que, na região Sul, 84,2% são de característica filantrópica e apenas 6,4% são públicas. Existem hoje 615 instituições públicas no Brasil, das quais somente 35 estão localizadas na região Norte (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2018).

É importante mencionar que o Estado, enquanto “*eu*”, está representado politicamente por três poderes: o Poder Legislativo, aquele que cria as leis e as normativas em consonância com a Carta Magna; o Poder Executivo, aquele que tem a responsabilidade da execução das normas; e o Poder Judiciário, cuja natureza é fiscalizar o cumprimento das normas. Logo o “*eu*” enunciador ora ocupa o lugar do eu por ser aquele que diz e ora ocupa o lugar de “*tu*”, pois é a ele mesmo direcionado a responsabilidade de execução das ações enunciadas.

Na sequência, o enunciado, de volta ao presente, dá conta de regulamentar o transporte. Dessa forma a atenção do primeiro parágrafo se concentra no dito do segundo parágrafo. O que é garantido. O que é dito. O não dito se camufla na subjetividade discursiva, enquanto o tu, permanece ouvinte. Já o Estado, aquele que escreve, se enuncia ao escrever e, no interior da escrita, atua em dois planos. Dessa forma, a imparcialidade está comprometida.

Observa-se aqui que não há discurso neutro ou imparcial. Todo discurso, através de mecanismos linguísticos, tem efeito de sentido e de subjetividade. Um olhar atento e minucioso pode desvendar os dêiticos que apontam para esses efeitos, tal qual no caso aqui descrito. Isso quer dizer que sempre haverá pistas a seguir; marcas linguísticas que materializam ideologias contidas em cada enunciado.

2.3 Direito Garantido ou Omitido

2.3.1 A proposta do que é dito

As normativas têm como foco o cuidado da pessoa idosa de forma ampla e íntegra. Através de Políticas de Assistência Social, diferentes níveis de complexidade são abarcados e organizados pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Na Proteção Básica, são ofertados programas, serviços, projetos para os indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social. Visando intervenção e cuidados em casos de violência, abuso sexual, maus tratos, há atendimentos pelo Centro Dia e pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Esses programas formam a rede de proteção especial. As

Instituições de Longa Permanência para Idosos e as Casas Lares encontram-se na proteção de alta-complexidade.

Para Pêcheux (1995), filósofo francês e precursor da Análise de Discurso desenvolvida na França, os aparelhos ideológicos de Estado possuem diversificados objetos, cada um com suas propriedades e que podem ser coadunados. O direito, através de seu discurso normativo, revela referência à ordem, à justiça, à igualdade, ao poder e aos processos ideológicos. O dito por enunciados legais reproduz uma preocupação mundial com a população maior de 60 anos, e o Brasil, por meio do Estado e de marcos jurídicos, acompanha essa tendência mundial. “A língua da ideologia jurídica permite conduzir a luta de classes sob a aparência da paz social” (PÊCHEUX, 1995, p. 11). Entende-se por marcos jurídicos ou prática jurídica o “aparelho especializado do Estado que atua como força repressiva de apoio, em última instância, e de seus corpos auxiliares especializados, são ultrapassados pelos acontecimentos; e acima deste conjunto o chefe do Estado, o governo e a administração” (ALTHUSSER, 1970, p. 32).

2.3.2 A Realidade do Não Dito

O direito à personalidade e à liberdade deve ser primeiramente garantido pela família do indivíduo longo, mas a realidade é diferente. Existe um mito da família protetora que dados do Disque 100 (serviço de denúncia de violência contra a pessoa idosa) desconstroem ao revelar que a família é o lugar onde ocorrem as principais violações de direitos.

Tabela 2 – Violência em Números

Disque 100 - Ano 2018 - Número de denúncias por UF, por mês				
Ranking*	UF	Denúncias	População Total	Denúncias por 100 mil de habitantes ¹⁰
1º	PR	694	24668	2813,4
2º	RN	343	46926	730,9
3º	SP	4025	656913	612,7
4º	RJ	2202	451386	487,8
5º	MG	2378	568680	418,2
6º	BA	691	185957	371,6
7º	MT	97	34276	283,0
Disque 100 - Ano 2018 - Número de denúncias por UF, por mês				
Ranking*	UF	Denúncias	População Total	Denúncias por 100 mil de habitantes ¹⁰

¹⁰ *O ranking de Denúncias por 100 mil habitantes foi baseado na divisão entre o total de denúncias do estado e o resultado da divisão da População Idosa por 100.000.

				habitantes ^{II}
8º	PI	253	112685	224,5
9º	DF	333	197613	168,5
10º	AM	311	210225	147,9
11º	PB	401	364745	109,9
12º	PE	588	535134	109,9
13º	MS	246	239270	102,8
14º	SC	576	561625	102,6
15º	PA	251	276763	90,7
16º	CE	725	937943	77,3
17º	TO	51	117554	43,4
18º	GO	446	1459597	30,6
19º	RO	73	331877	22,0
20º	RS	864	4771436	18,1
21º	ES	330	2080608	15,9
22º	MA	366	2310564	15,8
23º	SE	137	909475	15,1
24º	AC	43	342890	12,5
25º	AL	136	1170955	11,6
26º	AP	26	239626	10,9
27º	RR	20	1451206	1,4
28º	NA	54		
TODOS		10683		

Fonte: Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019).

A Tabela 2 releva que a violência contra os idosos em suas residências é um fato social, embora nem sempre reconhecida. Em junho de 2019, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos divulgou que, em 2018, foram recebidas 37.454 denúncias de violações contra a pessoa idosa e que esse dado significa que houve um aumento de 13% em relação ao mesmo período anterior. Tais números denunciam o desrespeito ao idoso e, principalmente, a relação de poder, que ocorre de forma desigual no contexto intrafamiliar. O balancete de 2018 revela que 52,9% dessas violações tem como autor o(s) próprio(s) filho(s) da vítima, seguidos pelos netos em 7,8% dos casos. As mulheres são as mais cometidas e na faixa etária de 71 a 80 anos, sendo que 85,6% das violações ocorrem dentro da casa da vítima.

A sociedade deve acolher seus idosos, porém é nela que também há diversas e subjetivas violações de direitos dos longevos.

^{II} *O ranking de Denúncias por 100 mil habitantes foi baseado na divisão entre o total de denúncias do estado e o resultado da divisão da População Idosa por 100.000.

2.3.3 Violência difusa

Observa-se que a violência difusa afeta de formas diferentes a vida dos idosos. Essa pode ser estrutural ou institucional. A violência estrutural¹² é aquela que resulta da má distribuição de renda, gerando a desigualdade social, a pobreza, a miséria e as discriminações, em outras palavras, é a perpetuação da desigualdade social, que tem como consequência grande sofrimento àquele que tem seus direitos violados. Os idosos são sujeitos dessa perpetuação a partir da valoração concedida aos idosos. Essa valoração se torna palpável nos números que expõem a violência contra esse recorte da população, materializada pela violação física, emocional, financeira, social, psicológica, institucional.

A violência institucional é toda e qualquer ação de abuso ou violação de direitos praticada em instituições de prestação de serviços. Atendimento ruim em repartições públicas ou privadas que venha a potencializar o sofrimento daqueles que não têm condições de optar por outros serviços, nas longas filas, sofrem com falta de informação adequada, comunicação confusa e ausência de uma relação pessoal compreensiva sobre sua situação.

“As condições de vida devem ser consideradas violentas quando elas se constituem em fator de risco, causa de conflito ou de isolamento para a pessoa idosa” (BRASIL, 2013).

Violências e abusos praticados por empresas, como bancos, lojas e planos de saúde, estão no campo da violência institucional. Configura-se quando é tirado proveito das vulnerabilidades da população idosa para oferta de créditos, produtos e aumentos abusivos, tornando ainda mais vulnerável a condição de vida dessa população. Nas ILPIs, a problemática da violência institucional se perpetua com a reprodução de abusos, maus tratos e negligências que podem resultar em mortes, incapacitações e aceleração de dependências e de doenças mentais, como a depressão (BRASIL, 2013).

A proteção de alta complexidade, institucionalmente, está a cargo do Estado e é materializada pelo acolhimento em ILPIs e Casas Lares, que podem ser públicas, filantrópicas ou Parceria Pública Privada (PPP). De acordo com dados oficiais sistematizados pelo IPEA, cerca de 1% (um por cento) da população idosa reside em domicílios coletivos, o que representa 84 mil moradores. Em torno de 65% (sessenta e cinco por cento) das ILPIs do país são de natureza filantrópica e, em média, 6,6% (seis por cento) são públicas, majoritariamente municipais.

¹² O termo *violência estrutural* foi cunhado pelo sociólogo norueguês Johan Galtung, em sua obra denominada *Violence, Peace and Peace Research*, de 1969, disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002234336900600301>.

Por meio da Análise de Discurso Francesa (AD), preconizada por Pecheux, é possível ter a percepção de como os discursos vinculam-se, como produzem um deslocamento prático. No intuito de compreensão de como os discursos falam sobre a história e em que emergência histórica eles são produzidos é que os marcos legais, instituídos até aqui, foram expostos. Não cabe à AD intervenção, e sim, análise desses. Desconstruir, identificar as incongruências, dissecar dados. Para isso, é necessária a leitura dos discursos por sua materialidade consolidada em números. Eis alguns números importantes.

Dados censitários do SUAS (2017) registraram 1610 abrigos institucionais, 87 casas lares e 15 repúblicas para maiores de 60 anos. Dessas unidades, 89,3 não são governamentais e 80% tem convênio com o poder público. Entre os acolhidos, 7,8% possuem trajetória de rua e 2,7% possuem bolsa família. As mulheres constituem a maioria, totalizando 31.172, e os homens, 29.767.

Outro dado importante diz respeito à concentração geográfica das unidades de acolhimento: 59,8% se encontram na Região Sudeste, com acolhimento de 62% do total dos idosos acolhidos. Devido à oferta deficitária de Centros-dia, 98% dos idosos em domicílios têm seus cuidados a cargo de algum familiar.

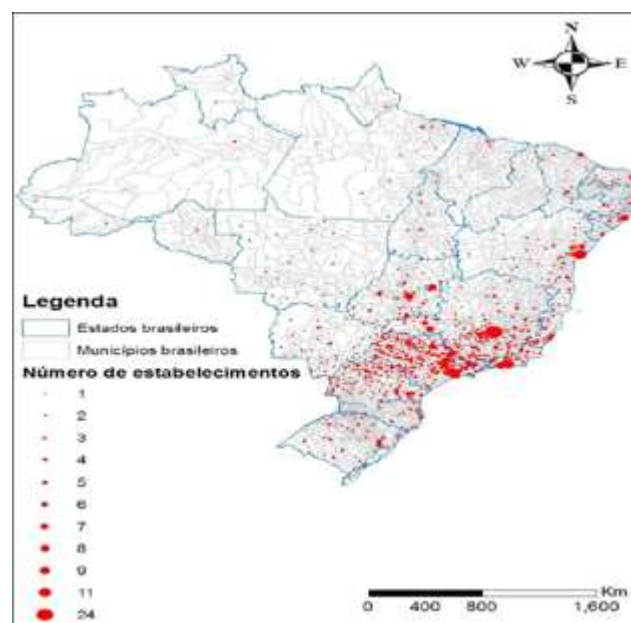
Os dados aqui apresentados não são apenas informações, são códigos constituintes de um processo de significação, em que, segundo a AD, é possível identificar o sujeito, a subjetivação e a construção da realidade (ORLANDI, 2009, p. 23). O idoso é sujeito em um enunciado assistencialista, que reconhece os direitos naturais do indivíduo e que convoca e compromete a família, a sociedade e o Estado a validar, proteger e cumprir tais direitos. Porém, as marcas linguísticas evidenciam que a história é paradoxal, que os direitos dos idosos são violados, quando deveriam ser garantidos, e que os enunciados jurídicos e as ações são incongruentes.

2.3.4 As Instituições de Longa Permanência no Brasil

O SUAS, por meio da NOB-RH/SUAS (2006), insere as ILPIs no campo da Proteção Social Especial, no âmbito da Alta Complexidade. Isso significa dizer que essas são instituições de caráter social e que devem abrigar pessoas acima de 60 (sessenta) anos que se encontrem em situação de risco e vulnerabilidade social. Contudo, existe um grande número de instituições que, para além da função de acolhida, também desenvolvem ações de cuidados frente às doenças e incapacidades que surgem ao longo do processo de envelhecimento. Na

Figura 2, é possível constatar a deficiência de serviços de proteção de alta complexidade, materializado na carência de Instituições de Longa Permanência para idosos.

Figura 2 – ILPIs no Brasil



Fonte: Brasil (2018a)¹³.

Em 2017, foi criada a Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa (SNDPI) (decreto nº. 9.122, de 9 de agosto de 2017), cuja finalidade é assegurar os direitos sociais da pessoa idosa e criar condições de promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Além disso, deve desenvolver ações e diretrizes que promovam valorização e a participação social da população idosa.

A competência para fiscalização das instituições é definida no Estatuto do Idoso como sendo responsabilidade dos Conselhos da Pessoa Idosa, do Ministério Público e dos órgãos de vigilância sanitária. No que se refere à vigilância sanitária, esta tem sido orientada pela RDC¹⁴, da Anvisa nº. 283 de 2005, que define as regras de funcionamento e de organização física, sanitária e de recursos humanos, levando em conta o grau de dependência dos residentes dessas instituições.

No artigo IV, do capítulo II, da Convenção Interamericana sobre a proteção dos direitos humanos da pessoa idosa, é facultado aos Estados signatários a promoção de

¹³ BRASIL. Ministério da Saúde. **Mapa da Pessoa Idosa**. 2018. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/jpg/2018/novembro/22/mapa-pessoa-idosa.jpg>. Acesso em: 20 maio 2019.

¹⁴ RDC: resolução de diretoria colegiada da Agência de Vigilância Sanitária, ou seja, são as normativas da ANVISA.

instituições públicas especializadas na proteção e promoção dos direitos do idoso e seu desenvolvimento integral.

Na Figura 3 são apresentados dados do MDS a respeito das razões que levam à instituição de idosos.

Figura 3 – Razões de Institucionalização de Idosos

Região	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sul
Abandono	55,6	44,9	61,3	45,3
Sem familiares	40,7	30,8	21,1	41,5
Família não tem condições de cuidar	...	28,8	26,1	37,6
Necessidade de cuidados / saúde	37,0	40,4	9,0	33,3
Maus tratos/negligência/violência	...	28,2	11,3	23,1
Enc. órgãos públicos/ MP	29,6	11,5	12,7	9,4
Vulnerabilidade	7,4	6,4	9,2	4,3
Dificuldades financeiras	3,7	9,7	5,6	13,2
Morar só	3,7	6,4	6,3	0,9
Trazidos pela família	--	1,9	6,3	1,7
Opção do idoso	3,7	15,4	3,5	7,7

Fonte: Brasil (2018)¹⁵.

Pensar o discurso como um acontecimento, como uma ação, e não como uma verdade, é a proposta de Michel Foucault (2007, p. 209). A verdade é um conjunto de acontecimentos discursivos. Um conjunto de enunciados caracteriza um discurso. Nesse sentido, é possível contemplar, através dos enunciados legais dispostos, o discurso do Estado relacionado à pessoa idosa. Segundo Foucault, o discurso reflete a condição histórica de um sujeito. Para compreensão deste, é necessária uma análise arqueológica, para situar em que condição histórica o discurso é produzido.

O sentido de arqueologia remete ao ofício do arqueólogo, que precisa cavar camadas, se distanciando da superfície para, nas miudezas, compreender o todo. Compreender as condições sociais e históricas sob as quais os enunciados legais emergiram possibilita saber como esse discurso jurídico pode influenciar a verdade. A verdade é o efeito.

O discurso apresentado pela forma jurídica do Estado é assistencialista. O Estado tem o dever de promover políticas públicas que de forma efetiva garantam o direito à personalidade da pessoa idosa. Porém, dados de diversas pesquisas apresentam o Estado como o principal violador de direitos do idoso. Dados dão conta da omissão do Estado pelo não

¹⁵ Disponível em: portalms.saude.gov.br/images/pdf/.../resultados-residentes.pdf

fornecimento de aparelhos de promoção de proteção básica, especial e de alta complexidade. Em uma sociedade como a nossa, como conhecemos, é certo o procedimento de exclusão. No entanto o mais familiar é a interdição. Dessa forma, o conceito de aparelho repressor do estado, segundo Althusser, se materializa nas instituições administrativas, jurídicas, revestindo formas não físicas (ALTHUSSER, 1970, p. 43).

A arqueologia faz-se necessária para compreensão da bondade humana, dos enunciados assistencialistas que cobrem as possíveis verdades. Conceitos são formulados, reformulados, e, muitas vezes, retomados. Portanto, o discurso de poder explicita a dominação do homem pelo homem, do homem pelo Estado. O uso da linguagem, de enunciados como forma de controle, segregação e dominação de seres humanos.

No art. 230 da CF/88, é delegado à família, à sociedade e ao Estado o dever de amparar as pessoas idosas, defendendo-lhes a dignidade e garantindo-lhes o direito à vida. Ainda no parágrafo primeiro, é garantido que esse cuidado deve ser, preferencialmente, executado em seus lares. Porém, dados sobre denuncia de violência contra a pessoa idosa dão conta da vulnerabilidade desta população em seus lares. Pesquisa do Ministério de Desenvolvimento Humano denuncia que a principal causa de institucionalização do idoso é o abandono, seguido pela ausência de familiares e questões de saúde.

O enunciado legal “Política Nacional do Idoso”, em seu artigo décimo, diz que “estimular a criação de incentivos e de alternativas de atendimento ao idoso, como centros de convivência, centros de cuidados diurnos, casas lares, oficinas abrigadas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros” é de competência dos órgãos e entidades públicas. Logo, é prioridade dos gestores de Assistência Social garantir alternativas de cuidados às pessoas, fomentando serviços de proteção básica e especial de cuidado no domicílio como forma de apoiar às famílias no cuidado da pessoa idosa, garantindo-lhes o direito à família, à moradia, à saúde, enfim, à personalidade.

Em última instância, o cuidado em uma ILPI deve ser garantido, como instituído no art. 230 da CF/88.

O Estado deveria disponibilizar equipamento de longa duração e acompanhar a demanda de crescimento demográfico. No entanto, o discurso pré-estabelecido é assistencialista, promovido por uma tendência mundial urgente de cuidado e garantia de direitos aos invisibilizados. Mas a ausência de políticas públicas que promovam o cuidado à pessoa longeva de forma efetiva, a ineficiência da promoção de proteção básica, da proteção especial e da proteção de alta complexidade se caracterizam por uma forma não física de repressão do Estado, promovendo a manutenção da invisibilidade da pessoa idosa. Essa

manutenção se consolida na ausência e na omissão daquele que tem o saber; que permite prática de caráter excludente, segregadora e de autêntica dominação de poder. Poder de ações recorrentes que reproduzem em diferente contexto, em diferente emergência histórica um saber rastreável de uma ideologia impressa em processo discursivo. Processo de ininterrupta produção simbólica, impressa por meio de práticas sociais que institui e desinstitui, constrói e reconstrói, interdita e reativa sentidos, em deslocamento de tempo e produção de efeito.

Diremos, pois, que uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar (FOUCAULT, 2008, p. 49-50).

A dicotomia garantia x negação de direito da pessoa longeva tem sua importância na projeção numérica e demográfica dessa população em alguns anos. Sem direito à personalidade, a identidade do idoso é negada. O idoso enquanto objeto de um discurso assistencialista tem sua personalidade silenciada. A invisibilidade é mantida e deslocada para um momento futuro atemporal pelo discurso assistencialista que impregna os diversos marcos legais instituídos pelo poder jurídico do Estado. Realizar uma população estatisticamente relevante destituída de identidade não é novo. O homem não é novo, ele se recria a partir da urgência. No entanto, o poder, esse sim, para sustentar-se, necessita de um direito universal imediato (FOUCAULT, 2008, p. 34) que reafirme a fragilidade dos sujeitos, nesse caso, os longevos. Fragilidade que permite a modelagem, a manipulação e a obediência imposta pela disciplina aplicada por um corpo técnico-político constituído por regras e regulamentos. Isso quer dizer um corpo ora objeto e ora alvo de poder. Um que adentra e um que é adestrado, segundo Foucault, a representação da noção de docilidade. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 2014, p. 134). O idoso, quando institucionalizado, tem de se submeter às regras da instituição da qual fará parte por longa permanência, reproduzindo a noção de docilidade descrita acima.

3 A INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS: NARRATIVAS E PERTENCIMENTO

O Estado deveria disponibilizar equipamento de longa duração como meio de proteção dos idosos em estado de vulnerabilidade e abandono social. No entanto, a instituição de longa permanência, como hoje é conhecida, e que já foi denominada abrigo ou albergue, é uma providência que funciona como uma barreira entre o asilado e o mundo externo. Por meio da intertextualidade dos trabalhos científicos de Kátia Fernandes Bernardo (UESB, 2015) e de Irlandia Maria Serra Negra Coelho Rocha (UNIRIO, 2010), “Sobre a Linguagem e Interação Numa Instituição de Longa Permanência para Idosos” e “Memória, Espaço Asilar e Representações – um estudo sobre narrativas de idosos”, é possível verificar, em análise, a influência que a instituição asilar tem no funcionamento da linguagem e a constatação que a estrutura asilar é um obstáculo entre o idoso e o mundo externo. O corpus de ambas as dissertações é composto por idosos institucionalizados no Abrigo Nosso Lar, mesmo loco da pesquisa que deu origem a esta dissertação, com diferença temporal entre os discursos apreendidos, que corroboram entre si e a atual pesquisa, curiosidade que inspirou este capítulo. Apesar da temporalidade em questão, é possível identificar o lugar de pertencimento do idoso institucionalizado, a partir de suas narrativas, através dos pressupostos da Neurolinguística Discursiva, utilizados também no trabalho de Bernardo (2015), que contextualiza os processos linguísticos e a produção de sentido, considerando sua historicidade, e através da AD, que possibilita compreender a relação entre ideologia e língua, por meio do discurso (ORLANDI, 2009, p. 17).

A conceitualização de envelhecimento, institucionalização, idoso e a relação de causalidade entre despertencimento e silenciamento serão expostas a seguir.

3.1 O Envelhecimento e a Institucionalização

Desde antes do nascer, o ser humano está em processo dinâmico de amadurecimento biológico. O ciclo vital compreende todas as etapas derivadas dessa complexidade, inclusive o envelhecer, fato inevitável, salvo alguma fatalidade ocorra no curso vital de qualquer ser vivo. Ainda sobre o envelhecimento, é fato que a população mundial está envelhecendo. O IBGE

(2013)¹⁶, através de dados apresentados em 2013, demonstram que a expectativa de vida tem se elevado, e a previsão é que, em 2050, a população de longevos maiores de 60 anos venha a ser superior a de jovens e adultos de até 26 anos. Esses dados alarmam para o envelhecimento inevitável da população mundial, causada pela melhoria da qualidade de vida e pelas descobertas terapêuticas da Medicina, como já posto neste texto. Contudo, o envelhecimento, natural ou patológico, envolve mudanças drásticas na vida de todo indivíduo longo. Entende-se por natural, a senescência, e patológico, a senilidade, ou seja, o envelhecimento com comprometidos fisiopatológicos. Transformações de ordem biológica, cognitiva, socioeconômica afetam o indivíduo, ora chamado idoso. Tais transformações que a cultura ocidental destitui daquele que não mais produz o seu valor social; a alguns desses idosos restam-lhes o abandono familiar, a exclusão social, a institucionalização. Estudos de Berger e Mailloux-Poirier (1995) dão conta de que a institucionalização da velhice no Brasil data do começo do século XX, mais precisamente a partir dos anos 30. Chamadas de asilo, albergues ou casa de repouso, sabe-se que a institucionalização no Brasil teve início com as atividades assistencialistas da Igreja. Inicialmente eram institucionalizados/acolhidos/abrigados mendigos, crianças abandonadas, doentes mentais, prostitutas, velhos; todos num só lugar. Em 1890, foi criada, no Rio de Janeiro, a primeira instituição exclusivamente para idosos, chamada Asilo São Luiz. Somente, em 1964, em resposta à demanda crescente de idosos, é que a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo igualmente assumiu o perfil de uma casa gerontológica. Porém, em toda sua historicidade, a institucionalização do idoso está relacionada com a perda de autonomia, perdas funcionais, fragmentação das relações familiares, fragmentação de identidade social e a deterioração da identidade do indivíduo longo.

¹⁶ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira 2013. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

4 SILENCIAMENTO SOCIAL

Um dos conceitos postulados por Orlandi (2007) que nos ajuda na compreensão da dinâmica do silenciamento é o da política do silêncio. A autora contextualiza a relação do dito e do não dito com o poder-dizer (ORLANDI, 2009, p. 82). Social e historicamente, o indivíduo ao envelhecer é sobrepujado pelo discurso opressor do não ser. Logo, não é mais o indivíduo idoso que fala por si. Sua história, quando contada, ou será sempre por outros, com o significado e a interpretação de terceiros, ou poderá deixar simplesmente de ser. Por não mais fazer, o ser perde sua significância, o dizer torna-se inaudível, o discurso social assistencialista, através do não dito, impõe sua censura frente à fragmentada identidade do indivíduo, que, por sua vez, paralisa e, em resposta ao novo, constitui no silêncio, na conformidade, o seu dito indignado.

“[...] é o cidadão cansado, impotente, sem força, sem disposição, sem privilégio de exercer uma função, falta de jeito, de técnica, ele se torna um inútil” (ROCHA, 2010, p. 101).

Na resposta de Abgnaíde, um dos sete idosos que contribuíram para a pesquisa de Rocha (2010), à pergunta da pesquisadora sobre o que é velho, é possível perceber a significação de sua identidade social, enquanto indivíduo longo, descaracterizada pelo não fazer de seu laboral (alfaiataria).

“Com 65 anos, acho que posso trabalhar com toda petulância, mas para outras coisas me sinto um velho, sem força, sem disposição e sem hombridade: me falta potência” (ROCHA, 2010, p. 101).

Nessa narrativa de Abgnaíde, há a atribuição do seu embotamento social à sua limitação sexual, reprodução da interpretação do discurso social que atribui ao homem imagem de virilidade. Aqui, damos ao discurso social o sentido opressor que exige do homem, mesmo idoso, a necessidade de ser viril. Caso contrário, esse receberá o estigma de ser inútil. Ao discurso opressor, a resposta vem com uma indignação passiva e silenciosamente resignada.

Da cidade que nasci, onde cresci, guardo um monte de lembranças. Lá eu mandava. Hoje eu sou mandado. Lá eu mandava no que eu tinha, mandava até no fórum, eu dava uma palavra, tava dada. Hoje em dia, eu me embaralho nessa condição, pior que um cachorro (ROCHA, 2010, p. 107).

O idoso Lídio expõe sua angústia causada pela perda do status social. Sua memória lhe conserva lembranças de poder, porém sua narrativa, ao comparar-se “pior que um cachorro”,

referindo-se àquele que fica à mercê de migalhas e em busca de um dono, revela sua dor pela perda da credibilidade e, principalmente, do respeito.

4.1 O Silenciamento Institucional

Na dissertação de Bernardo (2015, p. 33), “considerando a singularidade do sujeito e sua relação com os fatores sociais, culturais e históricos que constitui sua linguagem e o constitui como indivíduo”, é expressa a dificuldade dos diálogos entre os idosos institucionalizados, uma vez que não há estímulos que promovam a interação, além do empobrecimento do conhecimento de mundo.

“[...] nada, as pessoas aqui não prestam assunto entre si, então quando quero fazer algo, durmo (BERNARDO, 2015, p. 47).

A falta de interação com o outro e com o mundo, relatada por GM, único sujeito do trabalho de acompanhamento longitudinal realizado por Bernardo (2015), promove o silenciamento e embotamento do indivíduo. Saussure (1916 [2012]) postula que a língua é um fato social, cuja existência se funda na necessidade de comunicação (BAKHTIN, 2012, p. 14). Sem a comunicação e a interação, ocorre a perda da noção tempo/espacial que causa confusão mental. As limitações físicas causadas pela senescência e por doenças comuns ao envelhecimento, como diabetes, pressão alta e outras, limitam o indivíduo funcionalmente e alteram sua percepção de mundo. No caso de GM, há relato em seu prontuário que havia lucidez e facilidade de expressão ao ser admitida na instituição. Porém, a pesquisadora, em sua coleta longitudinal de dados, percebe a alteração na capacidade de percepção e de expressão linguística de GM ao longo do estudo (BERNARDO, 2015, p. 35). A autora, na narrativa de GM, identifica confusão quanto à noção espaço/temporal, comum às pessoas que estão há muito tempo institucionalizadas. Esta senhora, na época com 82 anos, estava há um ano na instituição, após situações traumáticas e relatos de violência por cuidador. Por fim, foi institucionalizada pelo sobrinho, que demonstrava grande apreço, sempre a visitando. Todavia foi acometido pela morte, e GM amargurou sua ausência inexplicável.

Quando o idoso é admitido na instituição, passa por um processo de despojamento de seus bens. [...] No asilo, há controle restrito dos objetos pessoais, e frequentemente confisco periódico da propriedade acumulada (ROCHA, 2015, p. 57).

Também é forma de silenciamento a imposição do despertencimento nas normativas das instituições. Eliane, funcionária na instituição, afirmou que não há mais separação, “isso ou aquilo é meu” deixa de existir. A roupa é coletiva (ROCHA, 2010, p. 58). A coletividade anula a singularidade de cada sujeito institucionalizado, fragmentando a identidade do idoso. A instituição trabalha pelo coletivo, não é possível individualizar o atendimento. Não é possível o meu. Tudo é de todos e para todos.

Sintetizando, para Bakhtin (2012), o ato da fala inicia-se no meio ambiente. A partir desse pressuposto, entendemos que a linguagem cumpre um papel estritamente social. A consciência individual é um fato socioideológico (BAKHIN, 2012, p. 35). É através da singularidade da linguagem de cada sujeito e sua relação com os fatores que a constitui, como os fatores sociais, culturais e os fatores históricos, que, segundo os pressupostos da Neurolinguística Discursiva, é constituído o indivíduo (BERNARDO, 2015, p. 33). Logo, textualizar as narrativas desses idosos é materializar o discurso proferido de toda forma, seja verbal, não verbal ou semiótico. Compreender suas subjetividades é apreender a falta de pertencimento pairada na esfera do subjetivo e textualizar esses sentimentos é materializar a voz de quem a perde gradativamente, possibilitando o reconhecimento de suas trajetórias solitárias indubitavelmente caóticas. É necessário compreender que o abandono familiar é a principal causa que mantém idosos submissos à estrutura asilar, que os confina. Para além desse confinamento físico, há o encerramento em si mesmo, permitindo-se a tutelas e sequestros de sua autonomia, submissos à rotina institucional. As perdas das funções laborais expressam grande impacto no envelhecer, por influenciar no ir e vir, no querer e poder, na perda do status social, perda da credibilidade e do respeito. Por não ocorrer uma ressignificação dessa valoração pessoal, o lugar de despertencimento se instala através da sensação de incompletude, e acarreta comprometimentos de ordem psíquica e biológica. A dor da desconstrução da identidade é profunda e essa precisa ser ressignificada, para que seus efeitos sejam suavizados. É necessário que o longo seja ouvido, e não somente *acolhido*. O silenciamento ocorre com o indivíduo longo privado de autonomia, cuja identidade se fragmenta a partir do sentido do discurso social que o impõe ao embotamento individual e social. Ao compreendermos esse processo, é necessário projetarmos essas narrativas para uma escala ainda maior, uma vez que nossa sociedade vive o processo de inversão da pirâmide etária, que deve alcançar sua totalidade em 30 ou 40 anos. É urgente o pensar na reconstrução desse discurso social embotador, para que seja possível a construção de uma geração não silenciada, mas sim ressignificada.

4.2 O Silenciamento e o Silêncio

O silenciamento ocorre de forma processual, contínua e tem como produto final o silêncio. A partir de leituras, estatísticas e observações, podemos identificar inúmeras formas de silenciamento. Sugerimos e elencamos, no Quadro 1, algumas formas de silenciamento:

Quadro 1 – Tipos de Silenciamento

(continua)

TIPO	DESCRIMINAÇÃO	EXEMPLO
Silenciamento Fisiológico	Ocorre quando comprometimentos fisiológicos impedem o sujeito de expressar-se por meio da fala ou compromete essa forma de expressão.	presbifonia, desgaste das cordas vocais, sequelas de acidente vascular cerebral, afasia
Silenciamento geoespacial	Ocorre quando fatos ou fatores sociais impedem a expressão coletiva de um grupo ou comunidade	os indígenas perdendo suas terras na Amazônia, isolamento social, confinamento por Pandemia
Silenciamento Social	Caracteriza-se pela opressão e omissão de direitos	o idoso que é institucionalizado por seu processo natural de envelhecimento ou por adoecimento.
Silenciamento Geracional	Ocorre quando uma determinada geração se impõe a outra, desqualificando por enunciados, todo um discurso coletivo	pessoas de meia idade recusadas em vagas de emprego
Silenciamento laborativo	Este é sempre resultado de relações trabalhistas e de poder.	Trabalhador que se vê obrigado a levar trabalho para casa, tendo seu tempo sequestrado por uma relação de poder
Silenciamento parental	Associado à imposição de pais sobre os filhos de forma opressora.	Idosos que tem suas vidas controladas pelo querer dos filhos sem considerar sua autonomia
Silenciamento individual	Ocorre por atravessamentos externos ou bloqueios internos, mas como resultado da relação do eu com o eu ou com o externo.	Por falta de crença em si, ou no futuro, ocorre o embotamento do indivíduo.
Silenciamento Institucional	Provocado pelo caráter disciplinar de toda e qualquer instituição	A destituição da singularidade individual em prol do coletivo
Silenciamento Vertical	Ocorre quando o indivíduo se expressa de forma longitudinal, entre signos, palavras ou enunciados.	Falar mais baixo

(conclusão)

TIPO	DESCRIMINAÇÃO	EXEMPLO
Silenciamento Horizontal	Sua ocorrência afeta a distância entre uma e outra palavra, pode ser mensurado em tempo, em frações de segundos ou minutos.	Falar com mais pausas
Silenciamento Estrutural	Decorrente da má distribuição de renda ou falta de efetividade de políticas públicas.	Oferta deficitária de equipamento de cuidados de alta complexidade para idosos
Silenciamento Institucional	Decorrente de ações abusivas ou violação de direitos em instituições públicas ou privadas	Ausência de acessibilidade, desrespeitando a condição de fragilidade de idosos

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

O silêncio, consequência da ação contínua do silenciar algo, o impedimento do dizer, pode ser identificado em corpos dóceis ou pausas longas, em ausências de sons ou apatia de gestos, manifesta-se pelo sentido que carrega, e tal como na teoria da enunciação, identificar os atores (eu, tu e ele), o tempo e a condição de produção é determinante para compreensão do sentido do silêncio. O silêncio pode manifestar-se de diversas maneiras.

No resgate dessas formas e funções, foi percebido que o silêncio não é vazio, que um valor linguístico pode ser-lhe atribuído. Observemos abaixo o olhar de um familiar sobre o silêncio de uma idosa institucionalizada.

“Ela é viúva, não tem filhos e aí ela começou a ficar mais silenciosa, conversar menos, né. Ela conversava bastante alto, e começou a conversar baixinho, então tudo isso acho que por causa da idade mesmo” (ODETE).

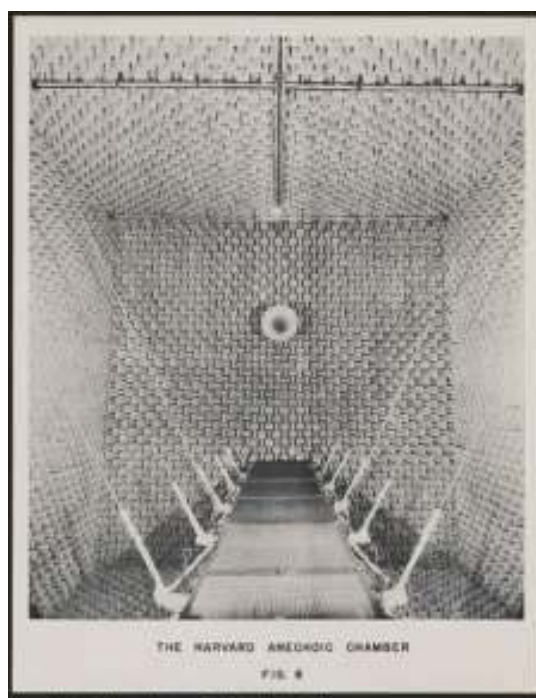
O relato acima é o recorte de uma sequência discursiva de Odete a respeito de sua irmã Ofélia (idosa institucionalizada, na ILPI Abrigo Nosso Lar, um dos sujeitos da pesquisa que deu origem a esta dissertação). Odete relata um acontecimento notório na linguagem do idoso: a presença progressiva do silêncio. A caracterização apresentada por Odete pode ser denominada como silenciamento horizontal, para a identificação do silêncio que se manifesta de forma linear em relação à fala, e como silenciamento vertical, assim denominado por representar o definimento da fala pela compressão do som até sua impercepção. O silenciamento descrito na primeira parte do enunciado não é o mesmo silenciamento da segunda parte, logo o resultado de cada processo é singular. Cada silêncio é um silêncio, resultado de um processo particular de silenciamento e de uma historicidade única. Resultado: cada silêncio tem seu próprio sentido e reflete um significado específico.

4.3 O silêncio não é nada, é tudo

De caráter multifacetado, o silêncio inspirou diversas reflexões, como, por exemplo, na Linguística, na Música, em trabalhos envolvendo a acústica, na Filosofia e na Psicanálise. Para cada uma dessas disciplinas, o silêncio apresenta diferentes formas e funções.

Professor e diretor técnico do Laboratório de Acústica e Eletrônica de Harvard, Léo L. Beranek¹⁷ identificou o ruído dos ambientes hostis de guerra como um grave problema nas comunicações militares, durante a Segunda Guerra Mundial. O Código Morse¹⁸ era o código de linguagem utilizado nas comunicações. No entanto, o ruído do ambiente impossibilitava uma escuta limpa desse código. Na ocasião, o Comitê Nacional de Defesa dos Estados Unidos da América criou em Harvard, por meio de seu Comitê de Pesquisa, dois projetos: um para estudar as possibilidades de reduzir os ruídos dos veículos militares e outro para estudar o efeito destes ruídos nos soldados. O primeiro grupo foi comandado por Beranek e o segundo grupo por Sleeper (graduando de Beranek).

Figura 4 – A Câmara Anecóica de Beranek



Harvard University, Harvard University Archives, WTH1957.1

Fonte: Harvard University Archives (*apud* SENSORY STUDIES).

¹⁷ SENSORY STUDIES. **Beranek's Box**. Disponível em: <http://www.sensorystudies.org/picture-gallery/untitled/>. Acesso em: 28 maio 2018.

¹⁸ O Código Morse é um sistema de linguagem que usa sinais elétricos para representar letras, algarismos e pontuação. Ele foi fundamental na Segunda Guerra Mundial, mas o ruído do ambiente era um grande problema, porque atrapalhava a transmissão dos códigos que eram transmitidos por pulsos.

Beranek e sua equipe, na tentativa de reverem as especificações dos equipamentos de comunicação militar, construíram a primeira câmara anecóica do mundo. As câmaras anecóicas simulam um espaço aberto com dimensões infinitas. Isso quer dizer que o “nível de som a partir de uma fonte esfericamente irradiado diminui 6db a cada dobro da distância da fonte”¹⁹ em um coeficiente de absorção que abrange todos os ângulos de incidência (lei do inverso do quadrado)²⁰ no qual foi possível, por meio de revestimento específico, absorver 99% dos ruídos ambientes e suas frequências.

Construída em 1942, a câmara anecóica possibilitou a um importante musicista da contemporaneidade, John Cage, a refletir sobre o silêncio. Cage nasceu em 1912, em Los Angeles, e faleceu em 1992. Como artista, poeta e músico multidisciplinar, concentrou seu interesse no silêncio. Para ele, o silêncio não é acústico, é uma mudança da mente, uma reviravolta (CAGE *apud* HELLER, 2008, p. 164), pois o silêncio é um evento subjetivo que depende da atenção atribuída a determinado nível de som. O autor da obra musical 4’33” provoca a reflexão da plateia ao apresentar-se fechando seu piano, deixando a plateia ao som do silêncio por tempo determinado. Para ele, o silêncio poderia ser ruidoso ou harmonioso. O autor define como silêncio ruidoso aquele que, no ambiente, não há a definição de sons, e sim ruídos espontâneos, como, por exemplo, no trânsito de uma cidade, ou, numa cozinha, o som de louças e panelas. Para o autor, tudo isso é música. O silêncio harmonioso é definido por ele como aquele em que há harmonia entre os sons espontâneos, há suavidade, por exemplo: passarinhos em meio a natureza. Tomando essas definições de Cage (HELLER, 2008), podemos mesmo pensar que o silêncio ruidoso sempre se sobressai ao silêncio harmonioso: por exemplo, o ruído do trânsito ofusca o som de passarinhos. O som de trânsito é sempre perturbador e o som de passarinhos sempre harmonioso.

Cage se submeteu à experiência de vivenciar a ausência de sons proposta pela câmara de Beranek.

Isso foi após eu ir à Boston. Eu fui à câmara anecóica, na Universidade de Harvard. Qualquer um que me conhece sabe desta história. Estou constantemente a recontando. De qualquer forma, na sala do silêncio, eu ouvi dois sons, um alto (agudo) e outro baixo (grave). Eu perguntei para o engenheiro porque, se a sala era silenciosa, eu ouvira tais sons. Ele respondeu: “Descreva-os para mim”. Eu o fiz. Ele disse: o mais alto era o

¹⁹ KREMPEL, D. L. B. **Câmaras Anecóicas**: princípios de projeto. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://poli-integra.poli.usp.br/library/pdfs/17712fb85b1834246640032da9b42c30.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.

²⁰ Lei do inverso do quadrado: $1/n^2$

som do seu sistema nervoso funcionando. E o baixo era o som da sua circulação sanguínea (CAGE, 1961, p. 13, tradução nossa)²¹

Após essa experiência, Cage, que até então pensava existir um silêncio de fato, reconheceu que, por mais que se tente fazer silêncio, não é possível, pois “nenhum som teme o silêncio que o extingue e não há silêncio que não esteja grávido de sons” (CAGE *apud* HELLER, 2008, p. 40).

Em seu entendimento e reflexões acerca do silêncio, Cage passou por diversas fases. Primeiramente, na década de 30 e início da década de 40, o músico entendia o silêncio como ausência de som, sentido de oposição ao som. Na pausa musical, por exemplo, ele é representado por um valor negativo. Trata-se de uma compreensão retórica do silêncio. Posteriormente, Cage desenvolveu uma compreensão dialética do silêncio, afirmando a inexistência deste, pois acreditou que há sempre um som, seja este intencional ou não. O som e o silêncio estão em constante mutação e contínua interpenetração²² (HELLER, 2008, p.14). No terceiro momento, Cage, na década de 50, início da década de 60, compreende o silêncio como um fenômeno acústico, após sua experiência na câmara anecóica. Esta experiência significou um grande marco, um divisor de águas nas reflexões de Cage acerca do silêncio. Ao entrar na câmara anecóica, ele percebeu que na completa ausência de som externo, ainda há a ocorrência de um som grave e de um som agudo. Espantado, solicitou explicação para o engenheiro responsável e recebeu o seguinte esclarecimento: o primeiro som grave é decorrente de seus batimentos cardíacos e de sua circulação sanguínea, enquanto o segundo, mais agudo, é decorrente de seu sistema nervoso.

Cage, instigado e curioso, começa a estudar a filosofia e a cultura oriental: o Zen na busca de entender o silêncio. Descobre que, para o Zen, o silêncio é o próprio verbo (em alusão ao ocidental “o verbo se fez carne”), logo o silêncio é corpo, o silêncio é gesto (HELLER, 2008, p 43). É nessa filosofia que Cage se apoia para continuar suas reflexões: a

²¹ “It was after I got to Boston that I went into the anechoic chamber at Harvard University. Anybody Who knows me knows this story. I am constantly telling it. Anyway, in that silent room, I heard two sounds, one high and one low. Afterward I asked the engineer in charge why, if the room was so silent, I had heard two sounds. He said, “Describe them.” I did. He said, “The high one was your nervous system in operation. The low one was your blood in circulation.”

²² Cage ouviu o termo em um curso sobre o Zen, ministrado por Daisetz Suzuki, na Universidade de Colômbia. Segundo Cage, Suzuki afirmava que a grande diferença entre o pensamento ocidental e o oriental é que a visão de causa e efeito não é enfatizada como no ocidente. Antes, o oriente enfatiza o aqui e agora. A interpenetração significa que, em todo espaço, cada coisa e cada ser humano pode ocupar o centro. Estando no centro, ocupa um lugar de honra. Cada um desses mais honrados se move em todas as direções, penetrando e sendo penetrado, não importando o tempo e o espaço. Isso quer dizer que não há causa e efeito, mas uma imensurável possibilidade de causas e efeitos.

ideia de que para o Zen não há a negação do nada, ao contrário, o nada impede que os entes se solidifiquem, que se fundem em uma única substância.

Outro estudioso a respeito do Zen, Martin Heidegger, filósofo alemão (1889-1976), em um colóquio sobre a arte e o pensar, ao questionar sobre a arte para Shinichi Hisamatsu, pesquisador do Zen, obteve a seguinte resposta: “[...] A beleza na arte em Zen está em que o sem-forma vem ao encontro no imagético. Sem a presença da própria não forma na forma a obra de arte Zen é impossível” (HELLER, 2008, p. 43).

Para Heidegger (2011, p. 137), “o nada não permanece indeterminado oposto do ente, mas se desvela como pertencente ao ente”. Heidegger, em seu livro “Caminhos da Linguagem”, reconhece o silêncio e sua função linguística ao constatar a onipresença da linguagem na existência do homem, ao dizer que “a linguagem encontra-se em toda parte” e que “Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar uma palavra” (HEIDEGGER, 2011, p. 7); mesmo na pausa, no silêncio, a linguagem está presente, logo o silêncio também é linguagem.

4.4 Signo, significante, significado

Para melhor compreensão do silêncio e dos conceitos apresentados na sessão anterior, é necessário a retomada dos conceitos preconizados por Saussure. Ferdinand de Saussure, o pai da Linguística, em seu Curso de Linguística Geral, definiu linguagem como um complexo sistema de comunicação e a língua como “uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (SAUSSURE, 1916 [2012], p. 41). Sobre o som, referindo-se à fala, ele afirma que “não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo”. Saussure identifica uma importante distinção entre a língua e a fala. Para o autor, a língua é a linguagem sem a fala. Afirma que, para reconhecermos o lugar da língua nos fatos da linguagem, é necessário reconstituir o circuito da fala em um ato individual (SAUSSURE, 1916 [2012], p. 43).

Figura 5 – Circuito da Fala

Fonte: Reprodução de Saussure (1916 [2012], p. 43).

Utilizando-se da imagem acima, Saussure (1916 [2012], p. 43) explicou que o circuito da fala se inicia no cérebro, no qual os fatos de consciência (que ele denomina conceitos), associados às representatividades dos signos linguísticos, servem para expressá-los. Nesse momento, dá-se início a um “efeito inteiramente psíquico”, em que o cérebro demanda aos órgãos responsáveis pelo sistema fonador impulsos correlatos à imagem que serão propagados da boca de A ao ouvido de B, em um processo físico. O circuito se estende em ordem inversa (de B para A), consecutivamente.

Ao uso individual da linguagem, Saussure (1916 [2012], p. 45) chamou de “*parole*”, e ao uso social da linguagem (língua), aquele que “é o produto do que o indivíduo registra de forma passiva”, ele denominou “*langue*”. Essa é uma das dicotomias do pai da Linguística. Outra importante dicotomia por ele apresentada é o do paradigma e do sintagma. O uso coletivo da língua está no nível paradigmático, e as escolhas individuais estão no nível sintagmático. O elemento que tem uma imagem acústica associada a um conceito, ele chamou de signo linguístico (ideia, conteúdo), composto de significante e significado. Para o signo linguístico, Saussure atribui dois princípios: a) arbitrariedade do signo: o significante é imotivado; e b) linearidade do significante: por sua natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, numa só dimensão: uma linha.

Dos conceitos pressupostos por Saussure, um dos mais importantes é o “valor linguístico”. Saussure compara o sistema linguístico a um jogo de xadrez. Cada peça equivaleria a um signo, mas o que faz a peça (signo) funcionar é a relação que ela tem com as demais. Logo, o que é só o é porque o outro não é. As relações sistemáticas é o que estrutura o conceito de valor em Linguística. Há uma relação entre os signos de comparação e oposição. Um dos exemplos que ele apresentou para ilustrar essa relação é o da moeda que nominalmente vale cinco francos, porém, “não é o metal da moeda que lhe fixa o valor”, materialmente, a prata que a constitui pode ter menor valor. Uma convenção coletiva é o que lhe estipula o valor diferente do valor de sua substância. Dessa maneira, a língua é forma e

não substância (SAUSSURE, 1916 [2012], p. 160). Na analogia do jogo de xadrez, uma peça de xadrez não a faz ser o que é pela substância da qual é feita, e sim pelas relações que esta terá com outras peças. Logo, são as regras e as relações (função no sistema) que permitem a realização do xadrez enquanto jogo.

Figura 6 – A forma do tabuleiro não influi nas regras



Fonte: Pinterest²³ e Amazon²⁴.

Nas comparações apresentadas por Saussure, a posição de um jogo é equivalente ao estado da língua; o sistema se modifica de uma posição para outra. Porém, assim como o jogo apresenta regras, a língua tem seus princípios direcionados pela Semiologia, ciência que daria conta de estudar todos os signos no seio da sociedade.

John Cage nasceu um ano antes do falecimento Ferdinand de Saussure, eles não se conheceram, mas compartilharam do mesmo objeto para suas analogias: o tabuleiro de xadrez. Saussure pensou na analogia do jogo de xadrez com o sistema linguístico, e Cage pensou na indeterminação da linguagem. Cage pensou na indeterminação do som, pensou no silêncio.

O compositor criou tabelas gráficas, movimentando intuitivamente os elementos musicais por entre as células da tabela semelhantemente a peças em um tabuleiro de jogo de xadrez. Essas duas obras, podem ser vistas como um período de transição em sua poética, que vai da auto expressão subjetiva até a não-intencionalidade (PEREIRA, 2014, p. 11).

²³ PINTEREST. **Tabuleiros de Xadrez Criativos**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/478226054152927384/>. Acesso em: 28 maio 2018.

²⁴ AMAZON. **Tabuleiro de Xadrez Luxo Reis do Egito**. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Tabuleiro-Xadrez-Eg%C3%ADto-Pe%C3%A7as-55x55x10cm/dp/B076LGRDCC>. Acesso em: 28 maio 2018.

Segundo Pereira (2014), havia uma inquietação nas obras do compositor. Ele percebia que, nos elementos musicais, havia uma não intencionalidade que surgia da subjetividade da auto expressão. O silêncio permite esse movimento intuitivo e possibilita a indeterminação do som. O jogo de xadrez não foi a única analogia de Cage para explicar o silêncio, ele também fez analogias entre o silêncio e o vazio, a transparência e o branco. Para ele, o branco estava para o quadro como o silêncio para a música. Logo, o silêncio acústico é inexistente para os ouvidos, mas há algo que é acusticamente inaudível. Cage percebeu que o silêncio tem um parâmetro comum com o som: a duração (HELLER, 2008, p. 17). Ele afirmou que o silêncio não pode ser ouvido em termos de altura ou de harmonia: é ouvido em termos de duração de tempo. Em sua “Conferência sobre o nada”, Cage diz que as palavras ajudam a fazer o silêncio. Pois, quando não há nada a dizer, ele está dizendo.

4.5 O Valor Linguístico e o Valor do Silêncio

A Figura 7 representa o signo enquanto entidade linguística, constituído pela “combinação do conceito e da imagem acústica”, a saber, o significado e o significante. Cada signo tem seu valor interno, a significação em si mesmo. Porém, no sistema um signo terá seu valor a partir de sua relação com outro signo, conforme demonstrado na Figura 8.

Figura 7 – Representação do signo linguístico



Fonte: Reprodução de Saussure (1916 [2012], p. 106).

Figura 8 – Valor Linguístico



Fonte: Saussure (1991).

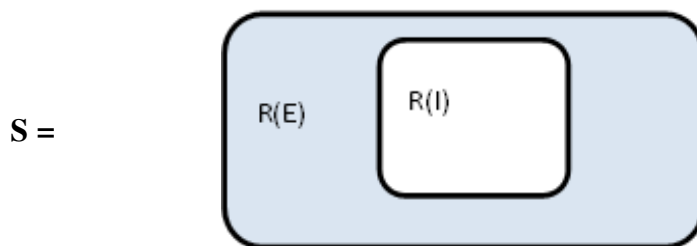
Enquanto Saussure estipula um valor para cada signo, a partir de seu significante e de seu significado, Cage estipula um valor para o silêncio e diz que a forma de o mensurar é por sua duração. Mas a duração é uma forma de emoldurar parte do silêncio, uma vez que ele é a “tela branca da pintura”; o tabuleiro onde se dispõe a pintura das casas, no qual o xadrez se constituirá a partir das regras, valorando suas peças. Cage fala das inúmeras possibilidades a partir do silêncio e o define de duas formas: o silêncio ruidoso, aquele que é perturbador, e o silêncio harmonioso, o que possibilita quietude.

Heidegger, o filósofo, usou uma jarra como analogia do vazio (silêncio). Ele disse que a jarra, enquanto recipiente, tem lado e fundo, mas não é o lado e o fundo. E questiona se ela seria o vazio que a encerra, se ela está mesmo vazia. Ele explica que a jarra está cheia de ar e de tudo que compõe o ar. Se a jarra fosse vazada por vinho, o ar seria deslocado e substituído pelo líquido. Então encher a jarra de vinho seria trocar um conteúdo por outro (LIMA, 2010, p. 98). Heidegger vai além quando diz que na água doada, perdura a fonte, seus sentidos e significados.

4.6 A Multimodalidade do Silêncio

O silêncio constitui-se por inúmeras possibilidades de sentidos. Mesmo que um signo não o represente, ele é a diferença de zero menos tudo o que não é (não pode ser). Retomando a câmara anecóica como exemplo, usaremos a seguinte representação:

Figura 9 – Representação Gráfica do Silêncio



Fonte: Elaboração própria com orientação do Prof. Martins Almeida.

Na representação acima, R(E) é o ruído externo, que está no meio ambiente, todo ruído que está fora do ser (sons da natureza, sons produzidos pelo homem); R(I) representa todo ruído que está dentro do indivíduo, proveniente de seu interior (batida do coração, fluxo sanguíneo, movimentos peristálticos, sistema neural, etc.); e S é o silêncio.

Na tentativa de encontrar S, Beranek reduziu R(E) próximo a zero, e, só assim, foi possível identificar R(I). Logo, R(I) sobressai quando R(E) tende a zero. E S é identificado quando ocorre o equilíbrio entre R(E) e R(I). Quando um sobressai ao outro, algo perturbador tende a ocorrer. Mas o suposto equilíbrio entre os dois fatores permite a neutralidade, a que chamamos de silêncio. Vejamos a representação a seguir:

$$S = R(E) + R(I)^{25} \quad (1)$$

Sendo que:

$$R(E) = \sum_{i=1}^n x_i \quad i = (0 + 1 + 2 + \dots + n) \quad (2)$$

$$\sum_{i=1}^n x_i \quad i = (0 + 1 + 2 + \dots + n)$$

- Ruído externo (R(E)) é igual ao somatório ($\sum$) de contribuições externas (x_i) (x_i), sendo (n) quantos ruídos existem no ambiente que o indivíduo está inserido e (i) o número de eventos no espaço amostral.

$$R(I) = \sum_{i=1}^j x_i \quad i = (1 + 2 + \dots + j) \quad \sum_{i=1}^j x_i \quad i = (1 + 2 + \dots + j) \quad (3)$$

- Ruído interno (R(I)) é igual ao somatório ($\sum$) de contribuições internas (x_i) (x_i) sendo (j) quantos ruídos proveem do interior do indivíduo e (i) o número de eventos no espaço amostral.

O silêncio (S) acústico é sempre diferente de zero. Não é diferente com o silêncio linguístico. Há sempre um dizer ou um não dito que está a dizer, pela fala ou pela língua, no intermeio dos signos ou na ausência destes, o sentido se faz ser.

Eni Pulcinelli Orlandi, importante linguista brasileira da atualidade, em sua obra intitulada “As Formas do Silêncio – no movimento dos sentidos”, afirma que “no início é silêncio. A linguagem vem depois”.

²⁵ Fórmula elaborada com a contribuição do Prof. Dr. José Carlos Martins Oliveira (Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas – UESB).

“Em Suma: quando o homem individualizou (instituiu) o silêncio como algo significativamente discernível, ele estabeleceu o espaço da linguagem” (ORLANDI, 2007, p. 27).

O silêncio descrito por Orlandi se apresenta de duas formas: o silêncio fundador e a política do silêncio, sendo este local ou constitutivo (ORLANDI, 2009, p. 74). Orlandi se apoia no conceito de fuga, no sentido musical, para falar da polissemia (diferentes movimentos de sentidos do mesmo objeto simbólico), se inspirando em Pêcheux, filósofo que buscou, na linguagem, a compreensão de conceitos que falam do deslocamento de um ponto de deriva que modifica o sentido de um enunciado.

Orlandi recebeu influência também de Oswald Ducrot, linguista francês nascido em 1930, que diz que o silêncio pode ser visto como o não dizer e, a partir daí, o dito.

“De acordo com uma expressão familiar, o subentendido permite acrescentar alguma coisa “sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita” (DUCROT, 1987, p. 19).

Logo, o silêncio, enquanto simbólico, é fundamental para que haja produção de sentidos. De acordo com Ducrot (1987), “Se o posto é o que afirmo, enquanto locutor, se o subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, o pressuposto é o que apresento, como objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação” (DUCROT, 1987, p. 20).

Por isso, para Orlandi, o silêncio é a eminência do dizer. O silêncio é o que fundamenta a linguagem. O silêncio não é um “nada”, pois é carregado de possibilidades e de fundamentações. Dessa forma, o silêncio e o dizer são inseparáveis. O dizer e o silenciamento são igualmente inseparáveis. Segundo a autora, como parte constituinte da política do silêncio está a interdição, o não poder dizer, o silêncio local, e, ao lado, o silêncio constitutivo, no qual a divisão de sentido afeta o dizer. Onde é preciso não dizer para dizer.

“Pois bem: a censura, o ato de censurar, é uma manifestação cultural da necessidade estrutural de uma interdição na linguagem. Pensamos que o silêncio é necessário, mas o que determina o silenciamento e o dizer é o interdito” (TFOUNI, 2008, p. 364).

Fato é que o silêncio não é “nada”, ele é sempre um algo a dizer ou um algo que ainda não foi dito. O Silêncio possibilita os sentidos, e, enquanto língua, ele está no campo da semiologia, o que não é fala, mas é linguagem. O silêncio faz parte da linguagem e, usando a analogia da teoria de valor linguístico, de Saussure, seu valor é diferente de zero.

4.7 Implicações do Silêncio para o indivíduo

A câmara anecóica revelou que o silêncio, enquanto ausência de ondas sonoras, impossibilita pistas perceptivas que permitem o equilíbrio e a manobra do corpo. Por isso, após meia hora, o indivíduo na câmara precisa sentar-se para não cair ao chão. Além disso, quanto maior a ausência de sons externos, maior a percepção dos sons internos (batida do coração, estômago, pulmão, artérias). Depois de algum tempo exposto à ausência total de som, há relatos de “alucinações” – a NASA testa a tolerância de seus astronautas em câmara semelhante quanto à ausência de sons, o tempo que as alucinações começam a surgir e quais as possibilidades de se trabalhar com elas. Trata-se de um estudo de cunho acústico para estudar as implicações da exposição duradoura à total falta de ondas sonoras que os astronautas experimentam no espaço.²⁶

Na música, existem diferentes tipos de silêncio, caracterizados por seu valor em tempos (semibreve, mínima, semínima, colcheia, de semicolcheia, entre outros) e diferentes combinações (silêncio e “fermata” – pausa sem valor em tempo definido). Ainda há pausas *não-escritas*, puramente interpretativas, para frasear ou declamar (rubato), mas não correspondem a uma notação (NASIO, 2010, p. 254).

Entender o silêncio acústico é relevante para entender o silêncio enquanto linguagem. Como na música, a ausência, a pausa ou o silêncio exerce implicações sobre o indivíduo. Como na música, cada ausência ou hesitação tem seu valor específico e sua significação singular. Representante da neurolinguística, Coudry (1988, 2008, 2017, entre outros) cunha, por meio de estudos sobre a linguagem dos afásicos, o conceito de processos alternativos de significação, como a produção pelo afásico de:

“rearranjos para falar por diferentes trajetos que, de maneira geral, se apresentam como uma relação não oficial, [...] mas, produto de um trabalho linguístico-cognitivo que circula por diferentes sistemas verbais e não verbais” (COUDRY, 2008, p. 13).

Dessa forma, consideramos esse conceito relevante para verificar o silêncio na institucionalização de idosos, visto que o sentido não é produzido apenas por estruturas linguísticas, mas também, dentre outras formas, pelos movimentos do corpo, pelo olhar, pelo sorriso, pelos gestos, pela entonação e pelo silêncio, todos esses modos em interação. E, por razão de recorte, optamos por verificar o silêncio.

²⁶ BORGES, C. **Sabia que o silêncio absoluto pode enlouquecer você?** 2017. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/corpo-humano/44512-sabia-que-o-silencio-absoluto-pode-enlouquecer-voce.htm>. Acesso em: 20 out. 2018.

De acordo com Novaes-Pinto (2017), ao trabalhar com variações individuais nos processos linguístico-cognitivos de envelhecimento normal ou patológico, "cada caso é um caso". Conforme o autor, os aspectos subjetivos influenciam as diferentes formas de significação e reorganização da linguagem. Para discutir essas questões, Novaes-Pinto (2017) se utiliza de preceitos da abordagem enunciativo-discursiva proposta por Coudry (1988), que considera que a linguagem é uma atividade (FRANCHI, 1992 [1977], p. 31) que integra o sujeito, o seu meio, a sua cultura e a sua história. Para Coudry (1988), as interações sociais são o lugar em que os significados são produzidos, compreendidos, mas é necessário considerar a indeterminação da linguagem, visto que “não há nada universal na linguagem, exceto o processo (sua força criadora e constitutiva)” (FRANCHI, 1992 [1977], p. 31).

Azevedo *et al.* (2019) e Costa (2019) apresentam uma discussão sobre o silêncio na afasia e na gagueira em grupos de apoio da Universidade Católica de Pernambuco. As autoras também recorrem a Orlandi (2007) para considerar que o silêncio não é vazio e sem sentido, mas é causador de efeito no outro, “que vê a linguagem significar, sair do vazio e instaurar algo a ser dito”. Nesse estudo, a gagueira e a afasia são compreendidas como fenômenos da ordem do discurso e apresentam relação direta com os interlocutores e com as condições de produção. Nas análises das sequências discursivas dos trabalhos dessas autoras, o silêncio e o silenciamento no discurso dos sujeitos com linguagem atípica, afasia e gagueira são observados em meio ao enfrentamento daquilo que é esperado pelo meio social, ou seja, uma linguagem com fluência absoluta, sem deslizes, pausas ou hesitações.

Vale dizer que a palavra afasia carrega um sentido que leva para a ideia do silêncio, de não conseguir falar, e as palavras silenciadas são aquelas que permanecem em suspense, mas não inexistente (COSTA, 2019, p. 114). Nesse sentido, há um manejo, por parte de Azevedo *et al.* (2019) e Costa (2019), que permite a mudança de posição diante dos discursos apresentados pelo gago e pelo afásico, o que reforça o nosso olhar para o silêncio dos idosos institucionalizados.

4.8 O Silêncio na Clínica: Multifuncionalidade

Lacan (2011, p. 24-25), refletindo sobre os conceitos saussurianos de signo, significante e significado, já apresentados nesta dissertação, e retomando o conceito psicanalítico de Freud, elaborou uma importante definição de psicanálise. Ele, entretanto, ao reconhecer a estrutura da linguística, considera que um signo é uma unidade composta de um significante sobreposto a um significado. Nessa forma estruturalista de pensar, Lacan (2011,

p. 18) apreende que a linguagem é o objeto de trabalho da psicanálise, sendo a fala o material de trabalho do psicanalista. Três importantes obras de Freud têm em seu cerne a linguagem, quais sejam: *A Interpretação dos Sonhos* (1900); *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901) e *Chistes e sua relação com o Inconsciente* (1905). Ao retomá-las, considera que há algo além na linguagem que ultrapassa a intencionalidade do indivíduo.

É na ideia de significante que Lacan contempla a possibilidade de nomear o que organiza o inconsciente. Dessa forma, ao contrário de Saussure, diz que o significante tem primazia sobre o significado. Para ele, é o significante que está acima do significado no modelo proposto por Saussure. O significado só irá emergir a partir da articulação de uma série de significantes, que, como em cadeia, um leva a outro, ou seja, S/s-s-s-...

Nesse ponto, Lacan diverge da teoria freudiana, quando considera a importância da fala no conceito de representatividade de Freud. Em “*Interpretação dos Sonhos*”, Freud considera que condensação e deslocamento são mecanismos de formação do inconsciente, conceitos coadunados aos conceitos de metáfora e metonímia. A condensação equivalente à metáfora e trata da redução do conteúdo latente em conteúdo manifesto. O deslocamento, equivalente à metonímia, é o deslizar de um significante a outro, em que o primeiro significante da cadeia não tenha relação aparente com o conteúdo (significante latente).

O indivíduo nasce mergulhado num universo de linguagem e construção contínua de significados. O sujeito é submetido aos significantes que lhe são concedidos pelas relações ao redor e às normas que possibilita a construção de novos significantes, bem como a ordem simbólica que institui a linguagem. Logo, há um saber inconsciente que produz esse saber, baseado na articulação e nas instâncias do significado.

A linguagem de que se trata, como investi tempo, cuidado, trabalho e paciência em articular, é a linguagem em que podemos distinguir, entre outras coisas, o código da mensagem. Sem essa distinção mínima, não há lugar para a fala. É por isso que, quando introduzo esses termos, intitulo-os de *Função e campo da fala* — esta é a função - e da linguagem - este é o campo. A fala define o lugar daquilo a que chamamos verdade (LACAN, 2011, p. 25).

O sujeito se constitui ao se submeter nesse universo de linguagem. Lacan (1985) diz que o inconsciente é estruturado como a linguagem. Linguagem, aqui, trata-se de códigos da mensagem, do que é a verdade, o real. O sujeito, ao expressar sua verdade, se constitui.

Outra discussão de Lacan (2011, p. 83-84), de origem mais técnica, diz respeito à necessidade de interrupção das sessões de análises. O consenso da Sociedade de Psicanálise

tinha como regra sessões diárias e longas demais. Lacan, reduzindo a sessão a 50 min, compreendendo a necessidade de dar limite, de interromper uma sessão, passa a discutir sobre a escuta do analista e a importância do silêncio na clínica. Segundo Nasio (2010, p. 19), seria mais exato dizer que a psicanálise prova o poder das palavras e o poder do silêncio.

Dessa forma, o analista é aquele que acolhe a palavra do sujeito, ainda que no silêncio. O silêncio, por comportar palavras, é preciso ser “guardado”. Guardar o silêncio quer dizer que, para além de não fazer barulho, ele se cala “em vez de” responder. Na psicanálise lacaniana, o outro, o analista, tem papel imprescindível:

Em certo momento da análise, o silêncio do analista torna-se um fator que favorece a reciprocidade das forças emocionais. Parece proibir que se passe por cima dos problemas e faz tomar consciência daquilo que escondem os comentários sobre o tempo ou sobre a biblioteca que ali está. O poder ativo do silêncio torna transparentes os pequenos nada da conversação, e possui uma força que arrasta o paciente e o faz progredir, empurra-o para profundezas maiores do que havia visualizado (NASIO, 2010, p. 22).

A função da fala, na Psicanálise, é instrumentalizar o sujeito na busca do sentido que foi recusado. A fala, ao encarnar a história do sujeito, permite o reconhecimento e a produção de significantes e a realização da verdade como elemento que integraliza o desejo na linguagem e no simbólico.

“Propomos o seguinte: assim como o vaso cria o vazio, a palavra cria o silêncio; voltaremos sobre o estatuto dessa palavra criadora que, ao recuar diante de sua insignificância ou falta de sentido, toma forma de silêncio” (NASIO, 2010, p. 84).

Dessa forma, a fala pode ser plena ou vazia. Quando plena, a fala viabiliza a realização da verdade do sujeito, enquanto vazia, ela é resistência, para além da fala. Eis aqui o silêncio pela perspectiva Lacaniana.

Se a transferência se faz muito intensa, produz-se um fenômeno crítico que evoca a resistência, a resistência sob a forma mais aguda em que possamos vê-la manifestar-se – o silêncio... É preciso dizer também que, se esse momento chega em tempo oportuno, o silêncio toma todo o seu valor de silêncio – não é simplesmente negativo, mas vale além da palavra. Certos momentos de silêncio na transferência representam a apreensão mais aguda da presença do outro como tal (LACAN, 1985, p. 323).

No silenciar do sujeito, o significante se cala e, nesse momento, uma centelha de significação brota na superfície do real, “depois o real ilumina-se com uma fulguração projetada de sob seu embasamento de nada” (NASIO, 2010, p. 242). Na clínica, o silêncio

possibilita ao sujeito as impossibilidades e possibilita, ao outro, um papel interlocutório. O psicanalista não teme o silêncio, pois seu silêncio tem sentido para o paciente ao promover *efeito* calmante e benéfico (LACAN, 2011, p. 20), que o permite olhar para si e para o outro de forma mais pacífica. O silêncio na clínica é acolhimento, fundamento, reconhecimento e possibilidade.

4.9 O Idoso, Sujeito de Pesquisa

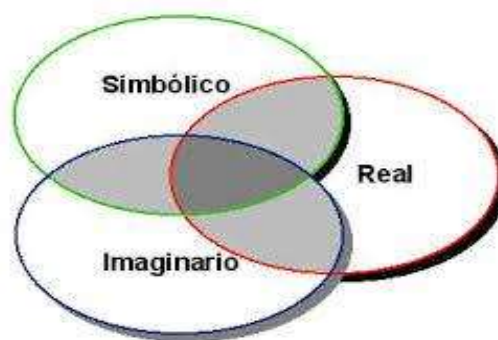
Quem é o idoso, sujeito desta pesquisa? Um sujeito que tem história e contexto, significantes / significados. Para Lacan, o sujeito tem, em sua historicidade, os seus significantes, e são estes significantes que estruturam o inconsciente. Lacan apoia-se no modelo estrutural proposto pela linguística Saussuriana e em algumas formulações de Jakobson. Como dito, signo, significante e significado são conceitos da Linguística que Lacan utilizou em sua teoria. Para ele, o sujeito é vazio, mas os predicados atribuídos ao sujeito são os significados. O sujeito se constitui como uma *não forma*, um lugar vazio, que ganha sentido a partir de seus significantes (os significados atribuídos pelos outros).

O significante, é ele o senhor do jogo, e vocês não são mais do que o suposto, em relação a alguma coisa que é outra, para não dizer o Outro. Vocês não lhe dão sentido, nem sequer têm o suficiente para vocês próprios. Mas lhe dão um corpo, a esse significante que os representa, o significante-mestre (LACAN, 2011, p. 96).

Dessa forma, a característica ou o significado atribuído pelo outro é o que dá o significante do outro. Assim, uma cadeia de significantes é constituída por articulações atribuídas pelos outros aos sujeitos.

Os significantes formam redes que o sujeito desconhece, mas que influenciam sua vida em todos os aspectos, como uma trama simbólica. É essa trama, formada pela repetição dos significantes, que estrutura o inconsciente. O inconsciente é uma cadeia virtual de acontecimentos, de dizer o que é possível e um dito oportuno sem conhecimento do sujeito. O sujeito é da ordem do simbólico, referindo-se à multiplicidade pertinente a cada um, o lugar do significante; da ordem do imaginário, que busca no outro sua significação, a incompletude do eu; e da ordem do real, o impenetrável que permanece no sujeito. Para representar essa triplicidade do sujeito lacaniano, a estrutura borromeana está apresentada a seguir:

Figura 10 – O Sujeito Lacaniano



Fonte: Rodrigues (2016).²⁷

Apesar de cada um desses anéis se organizarem de forma diferenciada, a estrutura borromeana revela uma equivalência das três instâncias. Isso quer dizer que todas têm importância semelhante nessa organização. O simbólico é o sistema de representação que Lacan baseou na estrutura da linguagem: significações que determinam o sujeito e em que o significante precede o significado. No imaginário, o sujeito busca no outro a possibilidade de unidade.

O sujeito dessubstanciado não está onde é procurado, ou seja, no consciente onde reside a ilusão do “sujeito centro” como sendo aquele que sabe o que diz, aquele que sabe o que é, mas pode ser encontrado onde não está, no inconsciente, lugar onde reside o outro – o discurso do pai, da mãe, etc. -, que lhe imprime identidade (critério do lugar vazio). Assim, a identidade do sujeito lhe é garantida pelo lugar do Outro, ou seja, por um sistema parental simbólico que determina a posição do sujeito desde sua aparição (MUSSALIM, 2003, p. 108).

Nesse caso, no Estádio do Espelho²⁸, quando o sujeito assume a imagem atribuída pelo Outro²⁹, ele só se contemplará por completo na presença do Outro, quando não, a sensação de incompletude se instaura. O Real trata-se do impossível, o que não pode ser simbolizado e, por isso, se mantém intransponível no sujeito.

Jakobson pensou o processo comunicativo como um sistema composto de elementos como código, mensagem, contexto e canal, no qual o remetente ocupa uma posição inicial no processo de comunicação e o destinatário ocupa posição terminal em uma relação

²⁷ RODRIGUES, C. I. **O simbólico, o imaginário e o real**. 2016. Disponível em: <http://odiariodecris.blogspot.com/2016/03/o-simbolico-o-imaginario-e-o-real.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

²⁸ O Estádio do Espelho como formador da função do eu (1949, 1998).

²⁹ A definição de Lacan para outro difere de o Outro (o grande outro). O outro é a idéia narcisista de si, o desejo do que se quer ser, mas não o é. O Outro, de ordem simbólica, é constituído a partir do significante atribuído pelo outro, pelo exterior, materializado em linguagens.

comunicativa (JAKOBSON, 1969). Segundo Mussalim (2003, p. 109), esses pontos foram concatenados por Lacan em suas reflexões. Porém, há divergências entre o posicionamento de Lacan e o estruturalismo proposto por Saussure e Jakobson ao propor que o sujeito, definido pelas palavras do Outro, pelo significante atribuído pelo Outro, torna-se um significante do Outro. No entanto, é um sujeito clivado³⁰ na estrutura binária, que tem o consciente em um eixo e o inconsciente em um eixo oposto, que, no intervalo entre os dois significantes, emerge das palavras, no intermeio do discurso.

Outro ponto de divergência está no rompimento com a simetria de Jakobson, que considera os interlocutores equivalentes. Lacan considera que “o Outro ocupa uma posição de domínio com relação ao sujeito, é uma ordem anterior e exterior a ele, em relação à qual o sujeito se define, ganha identidade” (MUSSALIM 2003, p. 109). O sujeito surge por uma ação da linguagem (enunciados), representado pelo social, pelo histórico, por tudo o que lhe é atribuído. Ao sujeito do inconsciente será dado o sentido a partir da relação do outro, o que este significa ou recebe significações para outro significante. Este sujeito é vinculado a uma alienação, ou seja, à significação da demanda do outro no sujeito.

³⁰ Termo utilizado por Authier Revuz para explicar a heterogeneidade discursiva e por Mussalim para explicar a heterogeneidade do sujeito, que está clivado, dividido entre o consciente e a submissão ao inconsciente. Segundo Mussalim, o “eu”, sujeito descentrado, se define a partir da relação do “eu” com o “outro”. O sujeito é constitutivamente heterogêneo, da mesma forma como o discurso o é. (MUSSALIM, 2003, p. 134)

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS: NATUREZA DA PESQUISA, FORMA DE COLETA DOS DADOS, LOCAL, ESCOLHA DOS SUJEITOS

A pesquisa teve o caráter qualitativo e, quanto à observação e a coleta de dados, foi ancorada no conceito de dado-achado, desenvolvido por Coudry (1996), que resulta da articulação teórica a respeito do objeto em investigação, juntamente com a avaliação e acompanhamento dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos, em que a teoria conduz ao caminho do dado e o dado alimenta um caminho para discutir e fundamentar a teoria. Além disso, concordamos com Coudry e Freire (2017) que esse olhar para o dado instrui o olhar do investigador sobre o que se investiga, a teorização que lhe pode ser atribuída, estabelecendo movimento entre a relação dado e teoria e vice-versa, e o olhar sobre a intervenção clínica. Utilizamos, para observar e analisar os dados, conceitos teóricos advindos da Linguística, da Análise de Discurso, da Música e da Psicanálise, conforme apresentados nos capítulos anteriores.

5.1 Local - A Instituição Abrigo Nosso Lar

A pesquisa foi desenvolvida na Instituição de Longa Permanência para Idosos – Abrigo Nosso Lar, de Vitória da Conquista – Bahia, historicamente, apresentada na seção “A Instituição De Longa Permanência Para Idosos: Narrativas E Pertencimento” desta dissertação. Entretanto, consideramos ratificar aqui o ponto de partida para as observações e coleta de dados nesse local para posterior análise.

Rocha (2010) descreve a história da instituição Abrigo Nosso Lar, fundada em 1954, em Vitória da Conquista, desde quando sua estrutura física era formada por barracos cobertos com palhas, situada na Rua do Gancho, hoje Juracy Magalhães (ROCHA, 2010, p. 47). Nessa época, não somente os idosos provenientes das ruas eram acolhidos, mas igualmente as crianças órfãs, os retirantes e os doentes, portanto era atribuída ao Nosso Lar a função de asilo (amparo, proteção) e de albergue (acomodação, hospedagem). Segundo Bernardo (2015), foi em 1983 que a instituição foi definida como instituição de assistência exclusivamente a idosos, entrando com pedidos de aposentadoria para os idosos asilados e adequando-se gradativamente à legislação que rege as hoje denominadas Instituições de Longa Permanência para Idosos (BERNARDO, 2015, p. 21). Dessa forma, os idosos que antes procuravam o abrigo arbitrariamente, que poderiam até sair da instituição durante o dia e voltar à noite, hoje,

em sua maioria, são institucionalizados pela família ou pelo poder público, em caso de vulnerabilidade.

5.2 O Idoso Institucionalizado Percebido pela Sociedade

Rocha (2010) apreende narrativas de sete idosos remanescentes da transformação funcional de asilo para instituição de longa permanência do Abrigo Nosso Lar. Para a sociedade, segundo o tabloide – O COMBATE (1960), a institucionalização de idosos, representava a libertação dos infortúnios:

Obrigado, Dr. Luiz Barreto. Obrigado por nos livrar do flagelo da esmola que deprime, envelhece e humilha quem a recebe, não se verificando debalde o reverso para quem dá. É um ato que desgasta ambas as partes (O COMBATE, 1960 *apud* ROCHA, 2010, p. 46).

Em 1999, o Abrigo Nosso Lar passou a assistir, preferencialmente, a idosos desamparados (ROCHA, 2010, p. 47), por ser esse um departamento de serviço social da União Espírita, de Vitória da Conquista, que, até 1983, se mantinha com aluguéis de imóveis da própria União. Porém, a partir daquele ano, muitas aposentadorias foram deferidas pelo INSS, a pedido da União, transformando o caráter da instituição, que era, até então, exclusivamente de caridade. Os idosos passaram a contribuir para sua manutenção. Das narrativas apreendidas por Rocha (2010), todas, com exceção de “Lídio”, demonstram que esses indivíduos mantinham funções produtivas na sociedade. O abandono familiar era a principal causa que os mantinham submissos à estrutura asilar, que os confinava, separando-os do mundo externo por altos muros, e, para além desse confinamento físico, há o encerramento em si mesmo, permitindo-se a tutelas e sequestros de sua autonomia, submissos à rotina institucional. Questionada sobre a frequência da visita de seus familiares, Lindaura, uma das colaboradoras da pesquisa, respondeu:

Vem nada! Eu não sei se são mortos ou vivos. Tenho filhos em São Paulo, Salvador, em várias cidades de Pernambuco e da Paraíba. Ali em Jequié, eu tenho outra filha e outra em Itabuna. Eu fico pensando... Quer dizer eu não vivo à toa, porque o albergue me amparou, mas uma pessoa viver sozinha assim, sem parente, não é coisa boa não! (ROCHA, 2010, p. 55).

O abandono familiar está explícito em sua narrativa, e, apesar do reconhecimento do amparo institucional, a falta de pertencimento gerada pela estrutura familiar e social

desintegradas leva-o a uma abnegação de sua história, pois, quando o idoso é admitido na instituição, passa por um processo de despojamento de seus bens (ROCHA, 2010, p. 57), e, periodicamente, ocorre o confisco da propriedade pessoal acumulada, sob a justificativa de insuficiência de espaço para mantê-los.

5.3 O Idoso e o (Des)Pertencimento

O (des)pertencimento está atrelado ao sentido e efeito de sentido, ou seja, ao valor atribuído a um determinado significado, em senso comum. Se há um senso comum de valoração, a identidade, ora constituída de forma densa, pode se manter ou se fragmentar. Ao se apreender cada narrativa, o significado das coisas para esses sujeitos é o que interessa. Dessa forma, será possível identificar a sensação de incompletude proveniente de cada sujeito, ancorado em seu contexto sócio histórico. Verifica-se, em cada enunciado, a exteriorização da consciência individual, assim, toda manifestação verbal está estritamente vinculada às condições de uma condição social. Das manifestações verbais apreendidas se dará a compreensão da condição social de cada sujeito.

“[...] na minha profissão, eu tenho entusiasmo, me sinto capaz de executar o serviço, mas eu só sei fazer isso, fora da profissão não sou ninguém” (ROCHA, 2010, p. 101).

Narrativa de Sr. Abgnaide, que foi levado para o abrigo pela sobrinha para ficar por três meses, e, no momento da entrevista, já estava há um ano e quatro meses e sem visita. Ele definiu que ser velho “é o cidadão cansado, impotente, sem força, sem disposição, sem privilégio de exercer uma função, falta de jeito, de técnica, ele se torna um inútil.” (ROCHA, 2010, p. 101). A importância da vida laboral como pilar para reconhecimento da própria identidade é assumida nessa narrativa como condição de vigor. O grande impacto ao envelhecer está na perda das funções laborais que acarretam na perda do status social, em perdas financeiras, em descaracterização do lugar que julgava ocupar, na autonomia social.

Ao tomar o silêncio pela instância da acústica, verifica-se que ele é algo que parece ser nada, mas que possibilita o dar sentido ao que precisa se tornar. Dito de outra forma, silêncio é o contraste que permite o revelar. Pela filosofia heideggeriana, observamos que o silêncio é o sem forma que possibilita a forma, que preenche o que está a ser tomado. É o elemento que caracteriza a onipresença da linguagem. Essa é a mesma onipresença que Lacan identifica em seu conceito de significante extraído e adaptado da teoria da linguística estruturalista saussuriana para a teoria estruturalista lacaniana do inconsciente. O silêncio significa, possibilita, censura, guarda, mas igualmente liberta e carrega sentidos. O silêncio fundamenta,

como diz Orlandi, e pode ser político, local ou constitutivo, movimentando os sentidos em diferentes objetos simbólicos.

No entanto, Cage nega a existência do silêncio enquanto ausência de som, pois sempre haverá um som, que pode ser inaudível, mas mensurável pelo tempo. O tempo dá forma, limite, contorno ao silêncio. E sua teoria nos traz uma importante colaboração acerca do silêncio externo, ambiental e do efeito da ausência de som para o corpo. O silêncio ruidoso é perturbador. Esse é o silêncio identificado no Grande Salão da Instituição de Longa Permanência em que a pesquisa foi desenvolvida.

O ambiente é amplo e sua acústica desfavorável para o som harmonioso. Mesmo com a tentativa de harmonizar o ambiente com música ambiente, o ruído sobressai e é associado a ele as vozes, os pigarros, as tosses, os gritos, sendo o som de pássaros abafado pelo som grave dos ruídos.

Figura 11 – O Grande Salão



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Dessa forma, o ambiente que deveria ser harmonioso, se torna ruidoso e perturbador, causando possível estresse aos idosos, confrontando-os com seus sons internos. As teorias atribuem ao silêncio um perfil fundador, de caráter basilar, e, tal qual a viga de sustentação de uma edificação, ele está na base e na estrutura, imperceptível, porém essencial na construção de sentidos. Interditando ou possibilitando, enquanto parte da linguagem, permite a articulação do eu, dos desejos e dos afetos, mas também compõe o externo, influenciando o estado mental e emocional do indivíduo.

Assim, o poder de ir e vir, o querer e poder são impossibilitados. Sem “o lugar que o sujeito se significa para significar” (ORLANDI, 2007, p. 156) o mecanismo da incompletude, a partir do deslizamento do sentido da unidade, cede à autoria da interpretação do indivíduo de si mesmo, impedindo a ressignificação da valoração pessoal, cedendo ao lugar de despertencimento. Este se instala e pode acarretar comprometimentos de ordem psíquica e biológica. A dor da desconstrução da identidade é profunda e silenciadora.

5.4 Forma da coleta dos dados e composição da amostra

Os dados foram coletados por meio de captação audiovisual, em meio a situações enunciativo-discursivas, entrevistas com transcrição e observação direta. A captação de dados ocorreu com gravação de vídeo e captação de áudio, prioritariamente, em sala apropriada (Sala de Psicologia) na instituição, mas sempre em situação enunciativo-discursiva. A análise de dados foi ancorada na metodologia dado-achado, que possibilita a teorização de cada dado de forma dinâmica “pela interação dialógica entre pesquisador e sujeito” (COULDRY, 2011, p. 17). O equipamento utilizado foi o celular Motorola G4, com kit *youtuber blogger* profissional completo, composto por microfone SGC 598, suporte celular para as mãos (*steadcam*), luz de led 96 unidades, filtro âmbar e difusor, cabo adaptador TRS para TRRS, tripé universal telescópico TRIPOD 3110, tripé flexível articulado, suporte celular selfie câmera pret. Para a transcrição de dados, foi utilizado o programa de transcrição Elan 5.4, *Inscribe* e *Transcribe*, sendo que o programa *Transcribe* foi utilizado para transcrever os enunciados de forma bruta, sem mensurar o tempo. O Elan 5.4 foi fundamental para apreensão da linguagem não verbal, e o *Inscribe* para registro do *time code* nos enunciados, o que possibilitou averiguar os tempos de pausa com maior precisão, essencial neste trabalho.

Os dados foram apanhados de amostragem composta por 5 (cinco) sujeitos moradores da Instituição de Longa Permanência Abrigo Nosso Lar. A seleção de 05 (cinco) idosos moradores da instituição como sujeitos desta pesquisa se deu por corresponderem a dez por cento da população institucionalizada, no momento da elaboração do projeto desta pesquisa. A necessidade de uma amostra significativa se dá pelo fato dos sujeitos, em condição natural da senescência, apresentarem possibilidade de óbito repentino, sem causa aparente. Dessa forma, utilizando essa amostra, evitamos que uma possível interrupção no decorrer da pesquisa, por fatalidade, venha comprometer o curso natural desta investigação. Os sujeitos foram selecionados da seguinte forma: um pertencente ao gênero masculino, quatro

pertencentes ao gênero feminino, conforme Tabela 3, a seguir, onde se observa a quantidade de idosos homens e mulheres que estão institucionalizados nessa ILPI:

Tabela 3 – Quantitativo de Idosos

	TOTAL	MULHERES	HOMENS
Idosos internos (fevereiro /2019)	52	41	11
Sujeitos de pesquisa	5	4	1
Grupo controle (não institucionalizados)	3	2	1
Idade média (institucionalizados)		87	66

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Além desses sujeitos, para controle de variáveis desta pesquisa, foram selecionados 05 (cinco) idosos não institucionalizados que correspondessem aos perfis dos idosos institucionalizados (faixa etária, grau de instrução, renda). Esse grupo, inicialmente, era formado por cinco idosos. Desses cinco idosos, dois desistiram de participar por questões de saúde, permanecendo três, que contribuíram para a construção do corpus da pesquisa.

5.5 Sobre as questões éticas

A captação de áudio e de vídeo ocorreu após aprovação da pesquisa pelo comitê de ética, o parecer nº 3.050.076, e após o consentimento dos participantes, a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Quanto ao termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), foi elaborado um TCLE1 para o idoso, outro TCLE2 para o familiar ou responsável e, ainda, um terceiro TCLE3 específico para prestadores de serviço, voluntários e/ou cuidadores da instituição. Além disso, fez-se necessário a elaboração de um quarto termo para os idosos não institucionalizados (TCLE4) e um quinto termo para seus familiares / cuidadores (TCLE5). O modelo desses termos consta nos anexos.

5.6 Sobre a condução da coleta de dados

A pesquisadora utilizou como parâmetro a forma de atendimento do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), da Universidade Estadual de Campinas, criado em 1989, pela professora Maria Irma Hadler Coudry, um centro interdisciplinar de atendimento e convivência a indivíduos afásicos e não afásicos; e a dinâmica de condução dos atendimentos realizados pelo Espaço de Convivência entre Afásicos e não-afásicos (ECO), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, implementado pela professora Nirvana Ferraz

Santos Sampaio. Considerando que o silêncio pode ser fundamentado como ponto de intersecção entre afásicos e não afásicos, estão inseridos nessa convivência pesquisadores, terapeutas, familiares e amigos em uma interação mediada pela linguagem verbal e não verbal, bem como por sua relação com sistemas não verbais (SAMPAIO, 2008, p. 71). Lugares em que, na prática (clínica) com a linguagem, são preocupações fundantes o não isolamento social, o enfretamento das dificuldades e a construção de possibilidades dos sujeitos de estar no mundo em meio ao exercício com e sobre a linguagem, nas diferentes situações discursivas / comunicativas e eventos discursivos / comunicativos (SAMPAIO, 2008, p. 77).³¹

Novaes-Pinto (2017), ao estudar a linguagem no envelhecimento, se inspira em reflexões da vertente sócio histórico cultural, principalmente, nas produções do Círculo de Bakhtin, pautadas no entrelace da linguagem, dialogia, alteridade e ética. Para a autora, Bakhtin (2010) considera que cada sujeito é responsável e deve responder por seus atos, a partir da ética, que é um conjunto de obrigações e deveres concretos, sendo que o ato de pensar é o mais fundamental compromisso humano. Em 2011, a autora já havia discutido sobre essa temática e considera que esse dizer de Bakhtin “nos move; nos desloca de posições possivelmente mais cômodas” e conclui que “acomodar-se em uma forma de pensar, repetindo o que se faz numa certa abordagem teórico-metodológica, ou porque é mais aceita numa comunidade científica, ou porque tem mais prestígio não pode ser considerado ético, nem tampouco responsável” (NOVAES-PINTO, 2011, p. 756), esse pensamento também direcionou a pesquisa descrita nesta dissertação.

Nesse sentido, primeiramente, houve a necessidade de a pesquisadora compreender as atividades praticadas no ECOA. Observou-se que as atividades denominadas de situações-discursivas necessitavam de um ambiente em que os interlocutores pudessem construir e compartilhar dizeres, sentimentos e sentidos.

³¹ Ver Sampaio, Cota, Santana e Souza (2018).

Figura 12 – Atividade no Ecoa



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Dessa forma, a sala de psicologia, da ILPI Abrigo Nosso Lar, foi definida como o lugar em que as práticas discursivas seriam vivenciadas. Foi traçado um planejamento para o trabalho com os idosos sujeitos desta pesquisa: oficinas de memória, de trabalhos manuais, conversas individuais. No entanto, no decorrer do trabalho, percebemos que nem sempre os sujeitos estavam dispostos ao deslocamento ao espaço. Então, o evento discursivo passou ter observação *in loco*, sempre que necessário, respeitando a metodologia do conceito *dado-achado*, formulado por Coudry, que justifica a pesquisa a partir de sua própria dinâmica, mediada pela interação dialógica entre o pesquisador e o sujeito (COUDRY, 2008, p. 17). As atividades ocorreram entre fevereiro e agosto de 2019, totalizando 27 sessões – ora com atividades, ora com observação. Durante esse período, foram coletados dados de outro grupo, denominado grupo controle, em outros 8 encontros externos.

Ao considerar a interlocução, suas implicações e condição de produção, julgamos essencial, para a posterior análise dos dados, o conhecimento do contexto histórico no qual o sujeito está inserido para o traçado da *relação constitutiva entre sujeito e linguagem* e para a interpretação do dado-achado e do dado-singular, aquele em que o fato linguístico se apresenta de maneira indeterminada (COUDRY, 2010, p. 26).

Sob a perspectiva da Neurolinguística Discursiva, no próximo capítulo, serão apresentadas situações enunciativo-discursivas, cuja análise busca identificar o sentido atribuído ao silêncio, presente nos enunciados desses sujeitos, considerando sua condição de produção.

“Não basta comprovar que nos enunciados dos sujeitos há pausas e hesitações, já que esses fenômenos são constitutivos do normal. Deve-se analisar a sua produção em função do ‘todo do enunciado’ [...]” (COUDRY, 2010, p. 107).

Para que sejam descartados os elementos comuns à linguagem oral, como pausa e hesitação, consideramos como silêncio os espaços nos enunciados que tenham no mínimo três segundos de duração. Para tanto, os quadros de transcrição³² contarão com o item *time code*, como no exemplo abaixo, retirado de uma sequência discursiva de Valdo, um dos sujeitos desta pesquisa, identificado na seção 6.5:

Quadro 2 – Identificando o Silêncio

00:02:36.00]	Então tudo bem pro senhor tomar banho com ajuda das moças?
[00:02:37.00]	das cuidadoras?
[00:02:38.00]	sim
[00:02:39.00]	é que eu tenho medo (colocando a mão nos joelhos) de levantar e....
[00:02:40.00]	
[00:02:48.00]	sim, claro
[00:02:49.00]	
[00:02:50.00]	torna a "coisar" de novo a perna
[00:02:51.00]	
[00:02:52.00]	tá
[00:02:53.00]	

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Para compreensão do silêncio como parte de um enunciado, é necessário conhecer o eu, o tu, o ele, o tempo e a condição de produção de cada silêncio emergente das sequências enunciativo-discursivas. Cada silêncio está impregnado de sentidos, e, somente com essas variáveis, uma análise é possível. A seguir, será apresentado cada personagem que constitui sujeito desta pesquisa e, posteriormente, o capítulo de dados e análises.

5.7 Sobre a identificação dos sujeitos

Os participantes da pesquisa foram apresentados por nomes fictícios, no intuito de etiquetar participantes sem identificá-los, preservando suas identidades, por questões éticas, conforme o Quadro 3. A pesquisadora foi identificada como PSMP e a pesquisadora-orientadora como PNFS.

³² Nos anexos, consta um quadro com as normas de transcrição utilizadas pela pesquisadora.

Quadro 3 – Identificação dos participantes

Ordem	Participantes	Identificação
01	Maria	ILPI
02	Tata	ILPI
03	Iva	ILPI
04	Valdo	ILPI
05	Ofélia	ILPI
06	Sirlene	Grupo de Controle
07	Nonô	Grupo de Controle
08	Zito	Grupo de Controle
09	As	Departamento de Assistência Social
10	Enf	Departamento de Saúde
11	Angelina	Irmã de Idosa Institucionalizada
12	Odete	Irmã de Idosa institucionalizada
13	Sandra	Filha de Idosa GC
14	Silvia	Filha de Idosa GC

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

6 DADOS E ANÁLISES

Neste capítulo, serão analisados dados sobre o silêncio dos idosos institucionalizados e a possibilidade de ressignificação, retirados de recortes de situações discursivas.

6.1 Maria – Exceção e Realização

Baixinha e muito ativa, Maria decidiu, com o apoio e orientação da irmã cuidadora, pela própria institucionalização. Para “pesar menos” nos cuidados, pensava ela, já que havia uma terceira irmã “deficiente” sob os cuidados da mesma irmã Angelina, que chamava a atenção por sua magreza. As irmãs solteiras, evangélicas, decidiram “não conhecer homem nenhum” e nunca tiveram filhos. Sempre moraram juntas. Maria estava à beira de completar 85 anos e não aceitava o controle da irmã. Tinha seus próprios costumes e manias. Segundo relato da irmã, Maria saía para o mercado, ia à feira e fazia duas garrafas de café para levar para a cama, todos os dias. Emagrecendo muito, com pouco mais de 40 quilos, a irmã Angelina pediu ajuda para alguém conhecido da família, que aconselhou a institucionalização. Visitaram a instituição e gostaram do que viram: *um ambiente limpo e amplo*. Então, Maria candidatou-se à vaga.

Admitida na ILPI Nosso Lar, em março de 2018, Maria estava sempre conversando com idosos e cuidadores. Quando não estava no Grande Salão, era fácil encontrá-la organizando seus pertences no armário do quarto. Separava, dobrava, guardava suas roupas. Contava suas histórias, com sorriso largo no rosto. Nunca parava sentada. Nunca estava calada, tinha fluência nas palavras. E, apesar de afirmar não saber ler, um de seus pertences preferidos era a Bíblia.

Após alguns meses, a irmã interrompeu as visitas e, muitas vezes, não atendeu às ligações de Maria. Segundo Angelina, era difícil aquela situação. Ela se sentia culpada. Conforme o espaço entre uma visita e outra aumentava, o comportamento de Maria se modificava, e as tentativas de fuga se tornavam frequentes.

Angelina, com o fato de Maria querer ir embora, ela tinha uma dificuldade em vir com medo de Maria segurá-la. Eu sinalizei dizendo que não. O pessoal do Abrigo sabe como conduzir essa situação, sabe levá-la para outro lugar até ela esquecer momentaneamente o que ela estava querendo. O intuito dela era sair (AS).

Apesar da orientação dada a Angelina, no intuito de evitar o afastamento da irmã, As não obteve êxito. Angelina se afastou e, com o passar dos dias, Maria deixou claro sua sensação de abandono. Inicialmente, acreditou que sua irmã estivesse doente e, em seus enunciados, transparecia urgência pela necessidade de cuidar de Angelina.

Maria havia decidido junto a sua irmã e cuidadora que a institucionalização seria o melhor para não sobrecarregar a irmã Angelina, que ainda cuidava da terceira irmã, com necessidades especiais. No entanto, apesar de ter feito algumas visitas à Instituição, que antecederam o momento da admissão, logo apresentou outra justificativa para estar nesse lugar. Ela dizia que estava ali somente para fazer uma cirurgia de catarata e logo voltaria para sua casa. Na verdade, o departamento de saúde da Instituição avalia todos os idosos que necessitam de cirurgia de catarata, doença comum aos longevos, e faz o encaminhamento para a rede assistencial, tomando as devidas providências, no intuito de contribuir para a qualidade de vida do idoso institucionalizado, mas nem todos são contemplados. Maria fez dessa possibilidade sua certeza.

Nos primeiros meses, a irmã a visitava frequentemente. Entre uma visita e outra, Maria sempre fazia o pedido de ligação para a irmã, e, para que isso acontecesse, ela criava motivos. No turno 2 do quadro abaixo, não há demonstração de descontentamento por estar na Instituição:

Quadro 4 – Adaptação e Pertencimento

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PSMP	E sua irmã?		
2	Maria	Angelina? Eu pedi uma saia jeans que deixei lá. Boa, bonita. Aqui tenho pouca coisa. Muita coisa tá lá. Pedi pra Angelina trazer. Nem sei quando vem (.....) Liga pra ela. Preciso falar com Angelina	Demonstra aflição	Demonstra com as mãos o tipo de roupa. Mostra um caderno com telefones

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Nos primeiros meses de adaptação à instituição, o sentido de pertencimento era bem presente e o sentir-se em casa encontrava sua forma de materialidade em algumas rotinas e ações que trazia de casa. Na água da fonte, no meio do jardim, ela lavava suas roupas íntimas e outras peças e as estendia nos aparadores e bancos do jardim. Ela estava sempre reorganizando suas bagagens, suas roupas. Mas suas atitudes iam de encontro às limitações

impostas pelas demandas institucionais. A roupa gastava muita água. Os pertences ultrapassavam o espaço individual que lhe era conferido. O silenciamento institucional a afetava e incomodava. Seu recurso até então era falar. Contar a todos e a sua irmã a sua indignação.

Certa vez, *sentiu* falta de seus pertences, roupas que presumia terem sido *roubadas*³³.

Quadro 5 – Inadequação, Despertencimento

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	Maria	Vem cá.		Coloca a mão em concha como se contasse um segredo
2	PSMP	O que há com você?		
3	Maria	Minha saia... Pegaram minhas coisas.		Reclama
4	Maria	Eu com cada uma boa, menina.	Referindo-se às roupas em casa	
5	Maria	Liga pra Angelina, pede pra trazer aqui...		
6	Maria	Ocê é tão boa... se eu tivesse dinheiro eu dava a você.		Sorriu

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Seus enunciados não eram marcados por pausas, nem longas e nem curtas. Sua capacidade de articular palavras e intencionalidade estava preservada. Isso é possível verificar quando, após um pedido, ela faz um elogio. Segundo o setor de saúde:

Quando ela entrou na instituição, ela era animada, conversava bastante [...] ela mudou bastante. [...] Quando percebeu que estava institucionalizada foi diminuindo as conversas, hoje não se percebe mais isso. Ela vai se isolando. Eu vejo que Maria quando entrou houve situações até engraçadas como ela querer medicar os idosos, fazer chás, colocar colírios (ENF).

Após alguns meses, a irmã interrompeu as visitas e, muitas vezes, não atendeu às ligações de Maria. Segundo Angelina, era difícil aquela situação. Ela se sentia culpada. Conforme o espaço entre uma visita e outra aumenta, o comportamento de Maria se modifica.

³³ Parte das roupas estava no processo de lavagem, parte havia sido guardada em outro cômodo. Fato é que a restrição à quantidade de pertences é necessária por conta do espaço físico. Para cada idoso é permitido a utilização de um armário pequeno com duas portas.

Maria intencionava fugir. Ela acreditava ser capaz de chegar a sua casa com a ajuda dos transeuntes. Ficava na porta pedindo ajuda, pedindo carona àqueles que entravam e saíam. Segundo As, a irmã cuidadora ficou um tempo sem ir à Instituição.

A esse período, Maria respondeu com agitação e irritabilidade:

Eu achei que ela ficou muito mais agitada. Muito mais agitada. E a orientação que é dada às famílias é que viesse. Viesse porque não deixa de ser uma violência a saída da pessoa do lar. Está há anos acostumada com toda aquela rotina, as coisas que ela utiliza. Mas parece que é como se falasse assim: deixei em um lugar bom, ela está sendo bem cuidada. Então vou cuidar de minha vida (AS).

A agitação deu espaço à apatia. Arrumava sua bolsa e ora permanecia sentada em frente ao portão de saída, esperando uma brecha, ora ficava sem querer sair do quarto, alegando que suas coisas haviam sido subtraídas.

Ficou um período com as malas arrumadas em cima da cama, achando que ia embora. Afirmava que “Eu vou embora hoje” [...] Hoje já não coloca mais [...] Hoje já não fala e está se isolando. Não vê mais Maria conversando, antes ela era bem falante (ENF).

Fato é que não sentia aquele espaço como sua casa. E, com o passar do tempo, deduziu que sua irmã não estava comparecendo por opção, o que a encheu de tristeza. Certo dia, Angelina procurou o *Abrigo* dizendo que queria levar sua irmã para casa, que havia pensado e que estava irredutível.

Nós conversamos. Ela foi orientada pela psicóloga que a levasse, fizesse uma experiência, uma adaptação. A equipe multidisciplinar iria visitá-las para ver como se deu essa reinserção familiar. Após decidir que ela poderia fazer o distrato, que seria o ideal pra ela ver o que podia fazer; o que poderia fazer pela irmã e por elas, pela relação das duas. Pois havia uma relação de culpa e acusação da outra parte (AS).

O silêncio de Maria foi verbal e não verbal, completo, para dar conta de sua incompletude. Mas, essa história não terminou aqui.

6.1.1 De Volta para Casa

Angelina acatou a orientação da equipe multidisciplinar. Levou Maria para casa. Com a promessa de receber ajuda da comunidade religiosa na qual fazia parte, enfrentou o desafio de voltar a cuidar da irmã.

Figura 13 – O recomeço de Maria



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Alguns dias depois, a equipe multidisciplinar visitou as irmãs e puderam perceber a funcionalidade preservada de Maria, entre outras coisas:

Eu na verdade, eu observei que a Maria estava bem alegre em estar em casa. E queria fazer agir naturalmente, cozinhando, fazendo café, sabe, se excedendo aos poucos naquela tarefa. Muitas vezes não tendo a devida condição de... de... manusear um fogão. E queria! Às vezes, fazendo comida, toda hora, apesar de ser diabética, toda hora fazendo café, tomando café, colocando açúcar (AS).

6.2 Tata – Uma vida dedicada a cuidar

Essa moradora da Instituição trabalhava cuidando da mãe de uma importante personalidade, na cidade de Vitória da Conquista. Um ícone para a União Espírita de Vitória da Conquista. Foi admitida na Instituição em 1998. A data marcante ela guarda registrada na porta do armário, no tempo em que o Abrigo ainda era um albergue.

Figura 14 – O Marco de Tata



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Tata é desde o tempo de D. Dalva Flores. É uma moradora muito antiga aqui da casa. Foi trazida, ou levada, pois foi em outro estabelecimento. Foi levada por D. Dalva estava em um hospital, não tinha para onde ir. E ela tinha na época um problema na perna. Um ferimento causado por um impacto de um ferro. Até hoje ela tem esse problema na perna. Mas, é tratado, levado, feito curativo com o maior cuidado (AS).

Tata costumava sair, viajar, visitar pessoas. Hoje, com menor frequência, ainda mantém a liberdade e autonomia de ir e vir. Encontrou no artesanato um meio de ressignificar o seu laboral. Para ela, artesanato é um meio de ganhar dinheiro. É um meio de comprar sua casa.

Ela faz parte do curso que tem aqui de pintura. Ela faz crochê. Ajuda. Eu sei que ela tem uns paninhos dela, ela doa para o abrigo e ela vende também, e tem o maior prazer de mostrar aquele trabalho dela. Acho que é a coisa mais gratificante, além de cuidar da filha que ela arranhou aqui, é fazer este trabalho manual (AS).

As, a assistente social da instituição, relata a importância do artesanato para a idosa, mas revela que há algo mais gratificante para ela, cuidar da *filha que ela arranhou aqui*, que denominamos, nesta pesquisa, como Milena, nome fictício, para facilitar a compreensão dessa idosa, enquanto personagem, e preservar sua identidade.

“E ela está sempre está andando cuidando da filha dela (sorri) que ela achou aqui. É mais velha do que ela, que a chama de mãe” (AS).

O cuidar é o lugar de identificação e realização de Tata. A relação com Milena tem como base o tempo de convivência: Milena já estava na Instituição quando As chegou; é a busca de completude do próprio sujeito, que busca no outro sua significação.

“O sujeito é sempre incompleto, imaturo, e ao mesmo tempo múltiplo: ao mesmo tempo social, histórico, psicológico e psicanalítico, biológico, linguístico” (COUDRY, 1988, p. 67).

Milena adoeceu. Foi levada para enfermaria, onde permaneceu por alguns dias, com a saúde muito fragilizada e correndo risco de vida. Tata manifestou sentimento de dor e de solidão com silêncio e quietude. Não se tratava apenas de uma cama vazia, mas do vazio de sentido do cuidar, com a possível perda do objeto de cuidado. Além disso, o risco de morte de Milena rememorava tantas mortes que ela presenciou, ao longo desses anos na Instituição, e, ao contar nos dedos quantos de sua época permaneciam ali, confrontava-se com sua própria limitação temporal, e o silenciar-se também era uma forma de resistência.

6.3 Ofélia - Cantar é Minha Alegria

Há oito meses na Instituição, desde novembro de 2018, Ofélia é dona de uma voz suave e de um sorriso constante. Foi professora, mas, segundo suas palavras, uma vez professora sempre professora. Foi institucionalizada pela irmã Odete por precisar de cuidados e sua cuidadora não ter mais disponibilidade. Morava sozinha, em casa própria. “Ela morava numa casa ampla da família, uma casa antiga”, afirmou As, “ela é uma pessoa muito doce, no conversar com a gente, é sempre com muito carinho”, completou. Com o apoio de um andador, segue sempre em marcha, vagarosamente.

“Ela é uma pessoa alegre, uma pessoa feliz, mesmo com os problemas de saúde que ela tem enfrentado, a alegria dela não acabou aí. Ela continua sendo alegre e feliz, gosta muito de cantar, gosta muito de interagir com as pessoas e ela é uma pessoa feliz” (ODETE).

Porém, a irmã notou mudanças comportamentais em Ofélia, com o avançar da idade:

Olha, ela era muito falante, ... Ela fica um pouco mais silenciosa, né? Conforme a idade, ela mudou um pouco isso aí e, e gostava muito de andar e aí foi diminuindo essa vontade de andar e foi ficando mais em casa... Mas, mesmo assim ela às vezes fala assim. Olha eu queria ir em tal festa e dançar... Então aquilo ficou né, o passado ela está sempre lembrando (ODETE).

Ofélia que, segundo a irmã, era sempre falante, com a perda laboral, a ausência de relações familiares de primeiro grau (pais, filhos), de convívio e autonomia, acabou isolando-se em sua residência:

Assim... Bom, por que ela convivia com muitas pessoas, e, de repente, ela ficou morando sozinha, e aí não tem nem como pôr as pessoas pra conversar tanto que ela conversava antes, né? Ela foi professora, ela lecionava, então tinha uma escolinha particular, então tinha muitas pessoas para conversar. Depois que ela se aposentou então ficou... Ficou só, né? Ela é viúva, não tem filhos e aí ela começou a ficar mais silenciosa, conversar menos, né. Ela conversava bastante alto, e começou a conversar baixinho, então tudo isso acho que por causa da idade mesmo (ODETE).

Mas, na Instituição, esse processo de silenciamento teve continuidade por conta das questões institucionais, como o alinhamento de idosos no hall de estar, o estado geral e individual dos idosos, a falta de interação entre os idosos com funcionalidade reduzida.

Olha, é porque eu acho assim: os idosos ficam assim, eles ficam *muito* paradinhos, caladinhos, sem conversar com o outro. [...] Deveria ter uma interação de um idoso com o outro, para que eles se conversassem por que *pode até perder a voz...* Entendeu? É o que eu sinto exatamente isso... No caso até de Ofélia *eu estou sentindo isso que ela esta conversando menos...* Então falta essa interação de um idoso com o outro... Eu acho que devia mudar um pouquinho (ODETE).

Como Psicopedagoga, Odete fala com propriedade. Estudiosa, ela conhece a importância da interação na comunicação e na linguagem.

Em uma ILPI, as áreas interativas são limitadas e nem sempre ergonomicamente preparadas para essa geração. O ambiente social de uma instituição de longa permanência é amplo, onde comumente os idosos cadeirantes são alinhados lado a lado e os funcionalmente autônomos acomodados em sofás e cadeiras que dificultam ou impossibilitam a interação com os demais idosos. Essa disposição é utilizada ao menos três vezes ao dia, em períodos entre o café e o almoço, entre o almoço e o lanche, entre o lanche e o jantar. Bakhtin (2012, p. 14), a partir de sua visão sócio-discursiva, diz que é na situação interativa, nas relações sociais, que os enunciados são produzidos e apreendidos. É nas relações sociais que a comunicação é estabelecida. É na relação dialógica entre locutor e receptor que o sujeito, ao expressar seus sentimentos e pensamentos, institui-se como ser, o existente no mundo. A falta de interação encerra o indivíduo no limite de sua própria produção. O indivíduo do qual falamos se encontra em estado de senescência ou senilidade, o que por si só estreita as fronteiras da produção individual, que envolve qualquer um dos sentidos humanos, bem como suas capacidades e habilidades.

6.4 Iva - Uma Estranha no Lar

Uma senhora robusta, forte, Iva, sob seus óculos, deixa transparecer, por seu par de olhos verdes, a indignação de estar ali, no meio de pessoas estranhas, longe de seu amado filho, longe do seu mundo real, do mundo em que se sente pertencer. Uma história de abandono e solidão a manteve por muitos anos longe de seu filho. Quando este a procurou, ele estava doente, mas ela também estava doente. Já apresentava sinais da senescência. Então, o filho procurou abrigo na casa da filha, ou seja, da neta de Iva, que não suportou essas novidades em sua vida e acabou sugerindo a institucionalização de Iva (avó). Nessa relação distante, o filho de Iva aceitou institucionalizar a própria mãe. Na primeira ILPI, ela sofreu e adoeceu. Retiraram-na de lá, mas a família continuou em busca de um lugar adequado para Iva.

Quando a equipe multidisciplinar foi fazer uma visita para a avaliação biopsicossocial, encontrou uma mulher forte, sentada à sala, dizendo que não iria para a instituição, a menos que seu pastor dissesse que poderia ir. Embora o filho estivesse na casa, era a neta que respondia a entrevista de solicitação de vaga.

Quando foi perguntado ao filho o que ele achava da mãe vir para a instituição, ele disse que era o jeito, pois a mulher não podia cuidar dele e da mãe. E que era isso mesmo. Achei, na minha opinião, que ele estava sem condição de opinar, naquela situação, por ter abandonado a família. E hoje ter chegado doente com a mãe. E aquela mãe que notamos um vínculo muito forte da mãe para com ele. Quando ela foi institucionalizada, ele pouco apareceu e a neta sempre pedindo pra que ele viesse, pois o vínculo maior era com ele. As visitas que beneficiariam a idosa seriam mais da parte do filho. Isso não ocorre. É uma luta pra que ele venha. Ocorre um descaso. Ele tem condição de vir (AS).

O contexto histórico de sua institucionalização não contribuiu em nada para sua adaptação neste ambiente novo. Seu comportamento demonstra sua insatisfação e real falta: a presença do filho.

“Ela já quis fugir, já quis agredir pessoas na porta. Mas, isso passou. Isso foi no começo. Como se tivesse dito que queria, de repente quando veio estranhou totalmente aquela situação” (AS).

Embora a neta esteja sempre presente e participativa, o vínculo de Iva com a neta não é estreito o suficiente para que haja uma compensação emocional para ela.

“Uma coisa é dizer eu vou, outra coisa é nem ter imaginado como seria; eu acredito que a revolta é mais por causa do filho que não está presente” (AS).

6.5 Valdo - A força da FÉ

Foi uma sobrinha que preencheu a ficha solicitando uma vaga na ILPI Abrigo Nosso Lar para Valdo. Após visita da As e todos os trâmites necessários, ele foi institucionalizado. Cadeirante, ex-funcionário da Prefeitura, sem filhos e solteiro, essa sobrinha é o que ele tem de mais próximo de uma relação familiar. É uma sobrinha de consideração, não consanguínea.

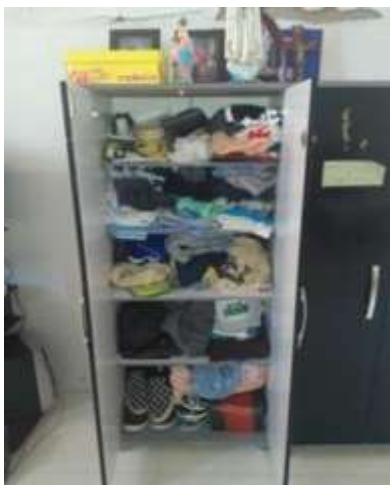
Valdo é bastante lúcido. Ele conversou conosco. Mostramos a instituição. Falamos que ele poderia conhecer, tentar se adaptar... Ele morava numa vila. Vários quartos voltados para uma área aberta. Uma senhora alugava e ele morava há muitos anos lá. Só que ele caiu, quebrou o fêmur. Aí essa senhora juntos com os outros moradores, passaram a cuidar dele. Mas, teve uma hora que disseram que não havia mais condição (AS).

Mesmo recebendo agente de saúde e médico em casa, ele entendeu que precisava de cuidados de alta complexidade e que não teria ali esses cuidados. Quando ele recebeu a sugestão da institucionalização, ele aceitou conhecer, com a condição de que pudesse levar alguns pertences e pudesse sair para frequentar a igreja a que era assíduo desde criança. Ele perdeu a mãe cedo e foi criado por uma senhora que é mãe de uma moça a quem se refere como sobrinha.

Sim ele queria, As responde ao ser perguntada se Valdo queria ser institucionalizado, e complementa:

Ele é católico. Fez parte da igreja, do seminário. Foi coroinha. Ele tem muito apego à religião dele. Ele quer frequentar. No dia que ele veio visitar o Abrigo, ele viu um culto da igreja católica. Ele ficou alegre, a gente notava certa satisfação. A única exigência dele era trazer a santa. Ele sempre está reivindicando as coisas que ele quer. Ele sabe o que pode pedir. [...] Tem as reivindicações maiores dele é ir para a igreja principalmente no dia de festa. A próxima festa agora será Santo Antônio (AS).

No dia 26 de maio de 2019, depois de muita negociação sobre seus pertences, Valdo foi admitido na ILPI. Um rack, uma tv, um som, uma antena, suas santas, suas roupas foi o que ele pode levar. O desejo de levar sua cama de casal não pôde ser atendido, pois os quartos respeitam uma padronização normatizada pela ANVISA.

Figura 15 – Pertences

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

A sobrinha recebeu a incumbência de vender todos seus pertences restantes, pois precisavam entregar a casa quatro dias depois. O departamento de saúde da Instituição providenciou uma cadeira de rodas para ele, pois ele não tinha. Ao final deste primeiro dia, mesmo triste e visivelmente frustrado por deixar muitos de seus pertences para trás, Valdo concluiu: “eu sei que eu precisava. Aqui é bom pra mim”.

6.6 Em cada caso, vários dados, e cada dado é um caso

Toda enunciação é uma resposta a alguma coisa e construída como tal, afirmou Bakhtin (1998, p. 98). Essa afirmação remete-se ao fato de que o processo de tomada de decisão acontece a partir das relações interativas do eu com o outro. Para Bakhtin (1998), essa relação do eu com a palavra do outro, é um processo contínuo e ininterrupto, processo em que é constituído o sujeito de forma heterogênea e incompleta. A incompletude fundante leva o eu ao encontro do outro por um desejo de completude.

Lacan postulou que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, como exposto na seção 4.8, tal qual:

“Uma cadeia de significante latente que se repete e interfere no discurso efetivo, como se houvesse sempre, sob as palavras, outras palavras, como se o discurso fosse sempre atravessado pelo discurso do outro, do inconsciente” (MUSSALIM, 2003, p. 107).

No inconsciente, há uma estrutura discursiva de onde emergem os discursos que delimitam o eu. Esse conceito, da psicanálise lacaniana, define o sujeito, como a função de

como é estruturado, a partir de sua relação com o outro, a partir da palavra do outro. Portanto, um sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente.

A palavra, o enunciado e o discurso são objetos de análise para Análise de Discurso, de Pêcheux, que inscreve os processos de significação, considerando os âmbitos históricos e ideológicos do sujeito, ou seja, a condição de produção do discurso (MUSSALIM, 2003, p. 105).

A seguir, serão apresentadas situações enunciativo-discursivas que, considerado o contexto histórico e a condição de produção de discurso, terão como foco de investigação o silêncio enunciativo e o sentido que lhe é atribuído. Acreditamos que, no contínuo entrelace entre o eu e o outro, o sujeito se constitui, e é na relação do eu com o outro que o discurso se constrói. O inconsciente e o consciente encontram, no silêncio, uma forma de expressão, uma forma alternativa de significação, como a ressignificação. Poderá ser observado, ainda, que, a partir do manejo das pesquisadoras, o silêncio se liberta e se carrega de sentidos. Esses sentidos serão apresentados e também discutidos.

6.6.1 O Impacto Da Chegada

Havia poucos dias de sua admissão na Instituição. Embora Valdo tenha feito algumas visitas antes à ILPI e tenha gostado com ressalvas e dúvidas, ele tinha consciência que sua condição física o impossibilitaria de voltar para o que um dia foi sua casa. Agora cadeirante, ele precisa de cuidados contínuos e especializados. Neste primeiro contato, a pesquisadora PMSP, ao perguntar sobre data e local, averigua a orientação temporal e de localização do idoso, como mostra o Quadro 6:

Quadro 6 – O Silêncio como Reconhecimento

(continua)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PSMP	[00:00:00.00]	O Sr. sabe que data é hoje?		
2	Valdo	[00:00:04.00]	Hoje é 05.		
3	PSMP	[00:00:05.00]	Cinco de que mês?		
4	Valdo	[00:00:07.00]	Cinco de Março.		
5	PSMP	[00:00:10.00]	O Sr. sabe em que ano nós estamos?		

(conclusão)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
6	Valdo	[00:00:14.00]	2009, 2019.		
7	PSMP	[00:00:20.00]	Em que tipo de instituição o Sr. está morando?		
8	Valdo	[00:00:21.00] [00:00:28.00]	Nosso Lar.		Olha para o alto e depois olha para o lado durante 6s Olhando para PSMP
9	PSMP	[00:00:33.00]	Nosso lar, é o que? Um hospital, uma casa de repouso?		
10	Valdo	[00:00:39.00] [00:00:42.00]	Pra mim, eu acho que é uma casa de repouso.. Porque hospital... não é "que nem" hospital... ... é tipo hospital sim, porque tem médico, tem tudo.		
11	PSMP	[00:00:57.00] [00:00:59.00]	No momento que o Sr. veio pra ficar, o que lhe causou mais impacto? Eu sei que o Sr. já havia feito algumas visitas antes, mas, o que lhe causou mais impacto?		
12	Valdo	[00:01:08.00]	Pra mim vir?		Pensativo
13	PSMP	[00:01:10.00]	Quando o Sr. Entrou ficou muito choroso nos primeiros dias	Reformula a pergunta	
14	Valdo	[00:01:13.00] [00:01:14.00] [00:01:15.00] [00:01:16.00]	Foi porque passou uma música, aí Eu lembrei das conhecidas... ... da dona da casa que gostava muito de mim ... elas tudo...		
15	PSMP	[00:01:39.00]	E nesse início, nessa primeira semana, como é sua rotina aqui dentro?		
16	Valdo	[00:01:45.00] [00:01:50.00] [00:01:51.00] [00:01:52.00] [00:01:53.00]	Vou levando como Deus quer Se ele <i>ver</i> que eu mereço um dia de eu voltar pra casa...		(baixa o olhar) olhar baixo, mão no queixo
17	PSMP	[00:01:54.00]	O senhor tem esperança de voltar para casa?		
18	Valdo	[00:01:55.00]	Tenho, tenho		(mantem o olhar baixo)

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Nos turnos 7 e 8, do Quadro 6, é possível identificar o silêncio como forma de reconhecimento. Ao olhar para o alto e posteriormente para o lado até encontrar os olhos de PSMP e expressar o nome do lugar que agora é sua casa, Valdo faz um reconhecimento de lugar e, neste momento, o silêncio intervém como parte da relação do sujeito com o dizível (ORLANDI, 2007, p. 89). O dizível para Valdo é que ele está no Nosso Lar, e esse dizer é a constatação de sua nova realidade. No entanto, no turno 10, o deslizar de sentido que emerge do significado do que representa essa instituição para o sujeito, entre a possibilidade de ser uma casa de repouso ou um hospital, a crença de se tratar de um hospital pode estar carregada de sentidos, como, por exemplo, o fato da estadia em hospital ser temporária, pelo período de um tratamento ou cura de algum mal, e ainda de estar em um hospital para a cura (da dor interna). Na elaboração desse enunciado, o silêncio possibilita a eliminação de um sentido, ou seja, Valdo, ao dizer que aquele local é um hospital, por um momento, apaga o fato de estar permanentemente nesse lugar estranho – agora seu lar.

No turno 13, após duas tentativas de PSMP provocar-lhe descrever o impacto da chegada, Valdo descreve a memória emocional de ser querido: a sensação de solidão já era uma realidade. Este trecho é intermeado por pausas e silêncios, é construído em meio a embargos emocionais e a censura de pensar que sua realidade agora é passado. Nos turnos 16 e 18, o espaço entre uma frase e outra é preenchido com silêncio e com a linguagem corporal, que expressa o desânimo e a descrença do que diz pela linguagem verbal ao ser perguntado se tem esperança de voltar pra casa: *tenho, tenho*.

6.6.2 São João – data comemorativa

Em junho de 2019, os festejos de São João, que fazem parte da cultura da cidade e da ILPI Abrigo Nosso Lar, ocorreram em duas festas organizadas por voluntários, com músicas, bandeiras, e roupas a caráter. Vejamos um pouco sobre a reação dos idosos e a interdição, aquilo que não pode ser dito.

Figura 16 – Indumentária

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Alguns dias antes, o departamento social da instituição, que tem um núcleo de artesanato, inclusive com uma lojinha onde são vendidos artigos feitos pelas voluntárias, enfeitou todo o ambiente. Os idosos sabiam o que estava para acontecer, ou seja, os festejos juninos. Os que gostam logo comunicavam a quem chegava que haveria festa. Os idosos não simpatizantes da festa antecipavam que ficariam em seus quartos ou afastados do burburinho. Tata não estava animada pois sua companheira de quarto estava na enfermaria:

Quadro 7 – Enfrentando a Finitude

(continua)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PSMP	[00:02:33.28]	E são João que será domingo...		
2	Tata	[00:02:39.08]	É, o São João vai ser domingo		
3	Tata	[00:02:42.25]	Vamos ver como é, se tem sanfoneiro né?		
4	PSMP	[00:02:45.21]	Mas, você está animada?		
5	Tata	[00:02:51.26]			
6	Tata	[00:02:59.28]	Lá no quarto tá uma farra		
7	Tata	[00:03:04.28]	Está sem o colchão		
8	Tata	[00:03:05.24]	Tá sem o colchão		
9	Tata	[00:03:10.09]	Mas, e faz uma falta muito		Pensativa
10	Tata	[00:03:15.26]	E faz uma falta de Milena		

(conclusão)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
11	Tata	[00:03:18.06]	Mas, Deus ajude que ela melhora, né?		
12	Tata	[00:03:25.21]	É, Deus ajuda.		Pensativa
13	PSMP	[00:03:31.15]	Você acha que ela está sofrendo?		
14	Tata	[00:03:32.05]	Que? <i>Mais ruim, ela teve mais pior..</i>		
15	Tata	[00:03:34.19]	É pra ficar ali no quarto sofrendo, pode não.		
16	PSMP	[00:03:40.24]	Não entendi		
17	Tata	[00:03:43.08]	Ela já teve mais ruinzinha ali. Ela já teve mais sofrimento.		
18	Tata	[00:03:47.07]	Domingo. Domingo, Milena arruinou tanto que <i>nós ía...</i> dela morrer que tanto que ela arruinou		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Neste episódio, Tata foi convidada a participar de uma oficina de atividade, mas não quis. Preferiu apenas conversar, expressando apatia e desânimo. Em seus enunciados, o silêncio emergiu fundamentando a elaboração da finitude, da dor, da ausência e da morte. As pistas nessa situação enunciativo-discursiva são muitas: nos turnos 2 e 3, a dúvida exposta sobre a festa não se trata do evento festa, mas do sentido da festividade para si mesma. Em resposta à pesquisadora sobre seu ânimo, o silêncio antecede a ironia: lá no quarto está a maior farra. Farra faz alusão à festa, mas identifica balbúrdia, falta de controle, de gestão (ex: os empregados fazem farra quando o patrão não está, ou os filhos fazem farra quando os pais não estão presentes). Nos turnos 7 e 8, segue a explicação: tiraram o colchão da companhia, e isso lhe traz sensação de ausência. O silêncio constitutivo a permite dizer: faz falta, e a reforçar faz falta. Mas é nos turnos 17 e 18 que o silêncio substitui uma palavra inteira, carregando o sentido que liga os dois enunciados que falam de finitude. “Milena arruinou tanto que nós ía” (pensar, achar, acreditar) “dela morrer de tanto ela arruinou”. O silêncio interdita o que não pode ser dito, eis aqui o silêncio local, a censura (TFOUNI, 2013).

No dia da festa, a expectativa era grande. Músicas tradicionais tocando ao fundo. Uma grande mesa com biscoitos, bolos e sucos estava posta. Voluntários circulavam usando chapéus, lenços e saias, camisas e vestidos em xadrez.

Uma das mais empolgadas era Ofélia:

Quadro 8 – Alegria e Ansiedade

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	Ofélia	[00:00:01.03]	Tô muito, Hoje tô muito muito....		
2	PSMP	[00:00:03.09]	Está muito o quê?		
3	Ofélia	[00:00:04.19]	tô muito ... pra cantar	(sorrindo)	
4	Ofélia		(INAUDÍVEL)		
5	Ofélia	[00:00:08.20]	Estou muito coisa pra "osa" pra cantar hoje. Se Deus quiser		
6	Ofélia	[00:00:08.22]	Aí se Deus quiser. tem como tentar ver		
7	PSMP	[00:00:10.23]	A senhora não está boa?		
8	Ofélia	[00:00:14.04]	Tá.. pra quebrar		
9	PSMP	[00:00:15.09]	Botar pra quebrar?		
10	Ofélia	[00:00:16.24]	é...(sorri) é..	(gargalhada dobrada)	
11	PSMP	[00:00:20.18]	Vou esperar isso no São João.		
12	Ofélia	[00:00:23.01]	Mas, eu com fé em Deus		(olha pra o alto, intensa)

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Ofélia, ao responder à pergunta sobre como ela estava nesse dia de festa, faltam-lhe palavras para expressar a felicidade que sente por poder cantar, mas afirma que está “osa” para poder cantar, expressando sua ansiedade para cantar. No turno 7, a pesquisadora pergunta se ela não está boa e ela afirma positivamente e, após uma pausa, complementa: “pra quebrar”, sempre sorrindo. PSMP dispara nova pergunta para confirmar o dito: “Botar pra quebrar?”, expressão utilizada nos anos 70 e 80, referindo-se a dançar muito, agitar-se muito. Ela confirma e dá uma enorme gargalhada, como se tivesse fazendo uma traquinagem.

Figura 17 – O Mundo Solitário de Iva



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Mas nem todos compartilhavam da mesma empolgação. Iva encontrava-se em seu aposento, com o rosto encoberto, em posição fetal por horas. Uma das cuidadoras avisou: “Não quis nem almoçar, não quer conversa”.

PSMP, no quarto de Iva, a convida para sair, ver o que está se passando lá fora. Permanece em silêncio. PSMP fala da festa, da comida, da música, e um som quase inaudível surge por entre as cobertas: “não, vô não...”. PSMP pergunta se quer que ligue para alguém, nesse momento Iva descobre seus olhos claros, que permaneciam sob suas lentes, e diz: “meu filho”.

PSMP solicitou ajuda à recepcionista da Instituição, que ligou para neta. Esta, ao saber do estado da vó, compareceu em pouco menos de uma hora. Logo ao saber, pela pesquisadora, que a neta viria, Iva aceitou comer algo. Essa era uma preocupação dos cuidadores por Iva ser diabética e não poder ficar muito tempo sem alimentar-se, por risco de confusão mental e outros sintomas provenientes do descontrole da glicemia. Sentou-se na cama, lanchou em silêncio. Após o lanche, aceitou o convite de aguardar a neta no grande salão. Tão logo ela chega ao grande salão, avista a neta que já havia chegado. Sentam-se juntas e começam a conversar. PSMP deixa-as a sós.

O silêncio de Iva, embrulhada entre as cobertas, em posição fetal, descartando qualquer som proveniente no externo, é aquele em que o som acústico externo se aproxima de zero e o som interno torna-se audível. Porém, o som interno não se limita aos sons palpáveis que Cage escutou na câmara anecóica: o bater do coração, o fluxo sanguíneo. Quando o som

acústico externo reduz, o indivíduo pode ouvir seus pensamentos, sentimentos, dores, ausências, solidão; pode amplificar suas emoções. Trata-se de um silêncio não fundador, mas paralisante. Antes das poucas palavras que Iva profere, seu silêncio e toda sua linguagem corporal denotam a solidão que sente. Pensar o silêncio é pensar a solidão do sujeito em face dos sentidos (ORLANDI, 2007, p. 48), não para que seja interpretável, mas para que seja compreendido.

Dias depois, em atividade integrativa denominada Oficina do Coração, em que participaram Iva, Tata, idosa A (convidada, não colaboradora desta pesquisa), PNFS e PSMP, o assunto São João ainda se fazia presente:

Quadro 9 – O Silêncio como Encerramento

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PMSP	[00:00:03:51]	O que você achou do São João?		
2	Iva	[00:00:03:52]	Humm?		
3	PMSP	[00:00:03:53]	Me fala: o que você achou do São João?		
4	Iva	[00:00:03:55]	São João?		
5	PMSP	[00:00:03:57]	Sim, a festa de domingo.		
6	Iva	[00:00:03:58]	Eu não dancei... eu vi o povo lá		
7	Iva		(Resmungo) Inaudível*		
8	TODOS	[00:00:04:06]		gargalhadas gerais	
9	PNFS	[00:00:04:09]	Faz parte da cultura		
10	PNFS	[00:00:04:17]	E você, Tata o que você achou?		
11	Tata	[00:00:04:20]	Eu gostei, veio bastante gente.		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Iva não participou de grande parte da festa, estava triste, pois havia ido em sua casa dias atrás, mas não havia visto seu filho. Após a manifestação de sua dor, indignação e solidão, por meio do silêncio no dia do São João, na sessão acima, no turno 6, Iva é enfática ao dizer que não participou da festa e, ao dizer que não dançou, reforça que se limitou à mera expectadora nessa festa, ao revelar que viu o povo lá, referindo aos idosos e voluntários.

No turno 7, o silêncio precede um resmungar, falar de algo com a qual não está satisfeita, mas que, de alguma forma, sofre censura, por isso, fala como se estivesse falando

para si. Essa forma de agir provoca risos nos demais participantes, pois a insatisfação é um traço comum em Iva, que ora expressa com agressividade, ora expressa com rabugice, ora com o silêncio. Quando agressiva, afasta os idosos que a julgam como *muié má, véia rabugenta*; quando reclamante, de alguma forma, consegue aliados, mas é no silêncio repleto de sentidos que o não dizer diz.

Quadro 10 – Sentimento de Exclusão

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PMSP	[00:05:26]	Aconteceram dois “São João” nesta semana...		
2	Iva	[00:05:31]	Eu achei engraçado que eles saiam dançando... no carro		
3	PNFS	[00:05:37]	Eles quem?		
4	Iva	[00:05:39]	O povo.		
5	PNFS	[00:05:41]	Na cadeira de rodas?		
6	Iva	[00:05:41]	Saíram dançando ...		
7	Iva	[00:05:44]	Nas cadeiras... eu achei engraçado... cheio de povo engraçado aqui		
8	Iva	[00:06:08]	Humm...		Baixa o olhar
9	PMSP	[00:06:12]	Você estava era triste, né moça?	Olhando Tata	
10	Iva	[00:06:14]	É! Daí eu não vim...		
11	Iva	[00:06:15]	Eu vim na outra		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

No turno 7, do quadro acima, Iva expressa a total falta de exclusão desse lugar: *aqui, desse povo*, e falta de afinidade com quem ela considera: *Povo engraçado*.

6.6.3 O Silêncio e o Morrer

Não foi somente Iva que esteve alheia aos festejos de São João. Para Tata, cada festa teve um sentido. Para entendimento desses sentidos, resgatamos a condição de produção e a historicidade do evento. Como relatou As, esta idosa encontra sentido de vida no cuidar do outro, e, na Instituição, ela adotou uma filha, Milena, como já dito, nome fictício, e que, inclusive, a chama de mãe. Bem mais velha, com mais de noventa anos, a filha adotiva de Tata encontrava-se com a saúde fragilizada, precisou ser internada e, na ocasião da primeira

festa, ela, que já havia recebido alta hospitalar, encontrava-se na enfermaria da ILPI, sob cuidados especiais. A fragilidade de sua saúde era tanta que Tata solicitara ao setor de saúde um padre e a comunicação à família da Milena para que pudesse ter uma passagem tranquila em seu momento de fim de vida.

Figura 18 – A Dor da Perda



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Seu semblante estava pesado, de poucas palavras, durante a primeira festa, nem sequer exibiu seus artesanatos, como faz de costume para vendê-los aos visitantes. Apenas ficou sentada no sofá, assistindo a tudo. Ela sentia a dor da perda de uma forma singular. O colchão havia sido retirado da cama ao lado, onde Milena dormia, para higienização. Ver aquele estrado a confrontava com a realidade da perda gradativa de sua companheira. “Tiraram o colchão daí. Tá vazio”. Dessa forma, Tata resumiu seu sentimento de perda e solidão. Estar vazio no sentido físico: sem o colchão. Milena voltaria para dormir ali? Ela voltaria? Está vazio no sentido subjetivo: a dor da perda, o medo da perda, a perda de sentido: cuidar de quem, se ela não voltar?

Quadro 11 – O Silenciamento pela Dor

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
9	PMSP	[00:06:12]	Você estava era triste, né moça?	Olhando para Tata	
10	Tata	[00:06:14]	É! Daí eu não vim...		
11	Tata	[00:06:15]	Eu vim na outra.		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Figura 19 – Olhares que Significam

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

A outra festa teve um sentido bem diferente. Milena havia apresentado melhoras, voltou para o quarto e esteve ao lado de Tata durante a festa, mesmo que em cadeira especial e por pouco tempo, pois precisava ser resguardada. Tata chamava a todos para ver que Milena estava de volta. Solicitou a PSMP que, por foto, registrasse aquele momento: “Tira uma foto bonita aqui que hoje ela tá de volta...”. Um tempo bem limitado que precisava ser eternizado por um registro fotográfico. Ela sabia bem sobre a limitação desse tempo. A limitação desse tempo tinha grande significado.

Figura 20 – Ela Está Aqui

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Quadro 12 – O Silêncio e o Desejo de Morte

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PMSP	[00:01.07]	Tá triste?		
2	Iva	[00:02.17]		Abre os olhos, e fecha seus olhos	Responde que sim com a cabeça.
3	PSMP	[00:02.32]	Vamos fazer uma atividade?		
4	Iva	[00:02.41]	Hoje não		Faz que não com a cabeça.
5	Iva	[00:02.44]	Terça?	Abre e fecha olhos lentamente	
6	Iva	[00:02.49]	Não.		
7	PSMP	[00:02.52]	Por quê?		
8	Iva	[00:03.01]	Porque eu vou morrer. Se eu não morrer eu vou.	Deitada no sofá, coberta e com os olhos fechados	

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Festas e eventos são essenciais nas ILPI's, são sinônimos de entretenimento, interação, diversão e quebra de rotina. Por outro lado, para aqueles que não têm ou não recebem visitas, podem ser sinônimo de tristeza, solidão, desconforto e angústia. No quadro acima, o silêncio permeia e envolve todos os enunciados. Grandes pausas com linguagem gestual, não verbal,

reforçando o desejo de morte (turno 2, 4 e 6). Iva não havia recebido visita de sua neta e nem de seu filho. A sensação de morte (turno 8) equivale ao abandono, à invisibilidade, à insignificância. O silêncio possibilitou Iva expressar a dor que permeia seus pensamentos.

6.6.4 Despertencimento e Desmerecimento

O próximo quadro apresenta enunciados que revelam sentimentos de perda, de despertencimento e de saudade. Iva relata que “teve suas coisas tudo”, referindo-se a objetos pessoais e a casa que um dia teve, e que não mais as tem (na instituição o número de objetos pessoais e roupas são limitados, na admissão, por questões de espaço). Iva já foi institucionalizada anteriormente e agora está há três meses nessa ILPI. Ela apresenta comportamento arredo em relação aos outros idosos. Iva, no turno 2, do quadro 13, se refere aos demais idosos como se eles a pirraçassem, justificando suas reações aos idosos. E manifesta em tom baixo (silenciamento vertical): “Vou contar mais nada não... Pra não virar.... Não posso ficar falando”, o silêncio que realiza o sentido do que foi censurado. PSMP, ao chegar na Instituição, avista Iva sentada com uma sacola cheia de roupas, “pronta para sair” e, ao ser questionada, diz que “agora só tenho essa bolsinha aí”, demonstrando sentimento de perda. Na véspera dessa sessão, Iva havia tentado fugir da instituição. Foi proposto uma atividade³⁴ de média complexidade (um tênis em EVA que teria que passar o cadarço, com objetivo de trabalhar a atenção e os movimentos finos) para condição de produção enunciativa-discursiva, cujo objetivo foi identificar, pela linguagem não verbal, pelo excluído, as condições para o possível (o dizer o não dito).

³⁴ Essa atividade, aparentemente descontextualizada, possibilitou observar a possibilidade de Iva manusear agulha e linha para confeccionar um coração de feltro em outra sessão com atividade de artesanato, o que possibilitou a situação enunciativa-discursiva descrita no quadro 14.

Figura 21 – Iva na Oficina de Motricidade

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Quadro 13 – Inadequação, Saudade

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1				
2	Iva	.. Pra mim é pirraça... Ficam me pirraçando... Sei lá.... Oh meu Deus... Vou contar mais nada não... Pra não virar.... Não posso ficar falando. LONGA PAUSA (8'')	Tom baixo	Vira o rosto para o lado contrário em que o pesquisador está
3	Iva	[] Saudade de ir embora, ver meu povo	Quase inaudível	
4	PSMP	Quem é seu povo?		
5	Iva	Meus filhos, meus netos	Tom forte	

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

No turno conversacional 2, o dado encontrado no enunciado tem inferências impregnadas no silêncio: “Ele causa efeito no outro, que vê a linguagem significar, saindo vazio e instaurando algo a ser dito” (ORLANDI, 2013, p. 19). A pausa vem acompanhada de expressões faciais e de uma carga de memória que denota a insatisfação representada pelas frases e seus interditos. Porém, é no silêncio fundador, aquele que permite a possibilidade do significar, de uma longa pausa, que o sujeito consegue expressar de forma quase inaudível: “saudade de ir embora, de ver meu povo”. Elaborando a dor do despertencimento, da ausência, do esquecimento, visto que o filho não comparecia à instituição há 17 dias.

6.6.5 Ou cura ou morre

Figura 22 – Ou Cura ou Morre



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

É difícil para qualquer indivíduo institucionalizado acreditar na estadia permanente em um *abrigo* quando já teve sua casa, suas coisas, sua família, sua vida. É difícil para qualquer família, ao institucionalizar seu idoso, falar-lhe a verdade sobre sua longa permanência. O recurso que a família encontra é dar um motivo para justificar a temporalidade da estadia: uma cirurgia, uma viagem, uma providência qualquer a ser tomada. Por outro lado, para o idoso, é igualmente difícil acreditar e, mais ainda, enfrentar a realidade de saber que um ente querido delegou a outros os seus cuidados. Uma realidade que toma forma apavorante a cada dia e que é alimentada pela ausência, pela distância e pela desesperança de voltar para o seu lugar.

Iva, ao ser visitada pela equipe de admissão da ILPI Abrigo Nosso Lar, foi esclarecida a respeito do que se tratava a instituição. A família foi esclarecida a respeito do impacto da institucionalização na saúde do idoso e instada a, em caso de efetivado o acolhimento, visitá-la regularmente e levá-la para o convívio familiar sempre que possível.

No dia de sua admissão, quem a acompanhou foram os amigos da igreja e o seu filho. Um de seus amigos lhe disse: “que hotelzinho bonito e limpo é este aqui.”. Hotel é uma hospedagem temporária, o uso desse substantivo para se referir à nova residência de Iva denota a dificuldade de admitir a verdade para a idosa. Mas a última fala é a que irá ecoar em suas lembranças e, confrontada com a realidade, lhe trará desejo de morte. Morte como forma de cessar o sofrimento, a angústia e a solidão.

Quadro 14 – O Silêncio Estruturante

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações condição de produção verbal	Observação não verbal
1	PNFSS	[00:01:31]	Você falou que ele mora em Conquista e você nesse povoado		
2	Iva	[00:01:34]	Não, senhora! Eu moro com eles...	Referindo-se a família	
3	Iva	[00:01:39]	Eu vim aqui pra receber a cura	Fala enfaticamente	Abre os braços.
4	Iva	[00:01:47]	Ou então morre		respira fundo e diz
5	Iva	[00:01:48]	Ou sara ou morre		
6	Iva	[00:01:52]	Ou sara ou morre		espalma a mão

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

No Quadro 14, a pesquisadora questiona a Iva se seu filho mora em Conquista e se ela morava naquele povoado, visto que, minutos antes, Iva havia se referido à instituição como um povoado. No turno 2, enfaticamente, Iva responde que não, que mora com a família. Com essa resposta ela reforça a não aceitação desse lugar como sua casa permanente. Nessa frase, ela afirma pertencer à família e, na resposta seguinte, justifica estar ali para uma *cura* e, intermeada pelo silêncio, é fundamentada a resposta que ela precisou buscar fôlego para dizer: ou morre. O silêncio novamente lhe permite estruturar tão dolorosa constatação: ou cura ou morre, e conclui, espalmando a mão, materializando toda a dramaticidade dessa conclusão: Ou ela sai dali ou ela morrerá.

Iva não conseguiu a “cura”. Alguns meses depois, Iva sofreu um acidente vascular cerebral. Encontrada caída no banheiro de seu quarto, foi levada ao um hospital da rede pública, em 27 de outubro. No segundo dia de internação, sob os cuidados da neta, locada no corredor do hospital, recebera visita da pesquisadora; ao ver PSMP, Iva fez movimento de querer levantar e aparentou querer falar, assim como fez no momento em que recebeu visita de seu filho. PSMP solicitou que evitasse movimentos bruscos, sem saber se entenderia ou não. Deu-lhe a mão. Ela a segurou com força e fechou os olhos. Quantos sentidos neste silêncio: pedido de socorro, de presença, de medo; aviso de dor, muita dor.

Figura 23 – Silêncio, um pedido de socorro, aviso de dor



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

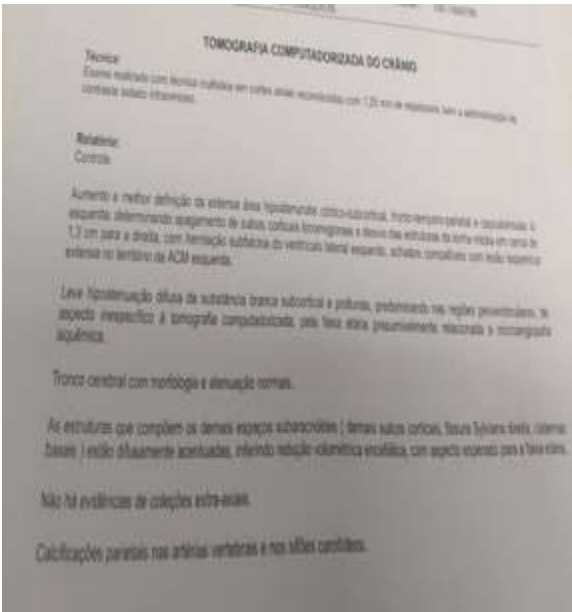
A neta estava confiante que sua avó sairia dali, contudo, com graves sequelas. Após a avaliação da clínica médica, Iva recebeu alta, com indicação de *home care*, no dia 31 de outubro. Salientamos que, embora o encerramento da coleta de dados da pesquisa tenha ocorrido anteriormente, em evento intitulado “Oficina da Memória”, apresentada e descrita no item “I”, em respeito à idosa Iva, não poderíamos deixar de registrar a violência difusa, estrutural e institucional, ocorrida na rede pública de saúde. A neta questionou sobre uma grande mancha escura na coxa de Iva e recebeu, como resposta, que era comum ao quadro. Insistiu e recebeu orientação de um enfermeiro que, “atenciosamente”, demonstrou como movimentar a perna da paciente para ajudar na circulação. Iva não conseguia mais falar. Não abria mais os olhos. Perdia suas expressões...

No dia seguinte, é emitido um novo “papel” de alta. Indignada, a neta reclama, novamente, sobre a mancha na perna com outra enfermeira, que, prontamente, articula para que a paciente receba uma avaliação da ortopedia. Na avaliação, é constatada fratura femoral. Da internação até a constatação da fratura foram sete dias de silenciamentos: institucional, geracional, social, cultural e histórico. Iva era apenas mais um sujeito no corredor de um hospital, invisibilizado, desvalorizado, com seus direitos suprimidos e violados: direito à saúde, à dignidade, à vida.

Após a intervenção do departamento de psicologia, da instituição de longa permanência, junto ao departamento do serviço social do hospital, foi providenciado um

pedido de ressonância para que se soubesse a extensão do acidente vascular. Com a consciência bem rebaixada, não havia nada mais a fazer. O risco era grande para qualquer intervenção cirúrgica. Iva, após 15 dias de internação, faleceu em 11 de novembro, no leito de emergência de um hospital, em busca da esperada cura, da devida escuta, atenção e notabilidade que todo indivíduo merece ter. Toda sua esperança é silenciada e é decretado, em absoluto, o seu silêncio.

Figura 24 – Resultado de Tomografia de Iva Após 09 dias de Internação

Tomografia Computadorizada do Crânio Técnica: exame realizado com técnica multislice em cortes axiais reconstruídos com 1,25mm de espessura, sem administração de contraste iodado intravenoso. 	Relatório. Controle Aumento e melhor definição da extensa área hipoatenuante córtico-subcortical, fronto-temporo-parietal e capsuloinssular à esquerda, determinando apagamento de sulcos corticais locais e desvio das estruturas da linha média em cerca de 1,3 cm para a direita, com herniação subfalcina do ventrículo lateral esquerdo, achados compatíveis com lesão isquêmica extensa no território da ACM esquerda. Leve hipoatenuação difusa da substância branca subcortical e profunda, predominando nas regiões periventriculares, de aspecto inespecífico à tomografia computadorizada, pela faixa etária relacionada presumivelmente relacionada à microangiopatia isquêmica. Tronco cerebral com morfologia e atenuação normais. As estruturas que compõem os demais espaços subaracnóides (demais sulcos corticais, fissura Sylviana direita, cisternas basais) estão difusamente acentuadas, inferindo redução volumétrica encefálica, com aspectos esperados para a faixa etária. Não há evidências de coleções extra-axiais Calcificações parciais nas artérias vertebrais e nos sélos carotídeos
--	--

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

6.6.6 Envelhecimento e Solidão

Sirlene, perto de completar seus 78 anos, é uma das idosas do grupo controle. Sua história e perfil pareiam com o de Ofélia, mas, neste caso, o fator família é um grande diferencial. Mora sozinha, em uma casa ao lado da casa da filha, com comunicação pelo

fundo. “Então moro só, mas não estou só, né?”, diz com satisfação. Professora, aposentada há 29 anos, como Ofélia, tem uma vida bem movimentada:

Eu tenho, eu participo de alguns movimentos de terceira idade. Participo grupo de coral, dois grupos de coral, estou começando a aprender flauta, violão, no Conservatório. Não paro em casa, praticamente todos os dias tenho atividades pela manhã e à tarde (SIRLENE).

Quadro 15 – O Silêncio como Saudade

(continua)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações condição de produção verbal	Observação não verbal
1	PMSP	[00:01:33.15]	Qual foi o momento que você se viu morando sozinha:		
2	Sirlene	[00:01:38.06]	Depois que o marido morreu... Tem... vai fazer agora 9 anos que ele morreu		
3	PMSP	[00:01:42.24]	E ...		
4	Sirlene	[00:01:43.26]	A partir daí que eu passei a morar só, mas já morava nessa casa ao lado da minha filha...		
5	PMSP	[00:01:48.12]	Então		
6	Sirlene	[00:01:49.13]	Só ficou a ausência dele, mas é tudo do mesmo jeito como era antes.		
7	PMSP	[00:01:55.04]	Algum momento a família falou sobre institucionalizar você?		
8	Sirlene	[00:01:59.22]	Não, não ao contrário: quando, às vezes, eu tenho vontade, assim, de ir pra um lugar. Eu sempre tive essa vontade, mas enquanto eu estivesse ativa, sabe...		
9	Sirlene	[00:02:09.09]	Não apenas pra ficar lá, digamos, despejada lá, mas para poder participar...		
10	Sirlene		Mas, eles são radicalmente contra: diz que não tem isso não, que é pra ficar junto toda a vida.		(sorri)
11	PMSP	[00:02:24.15]	Já aconteceu de ficar doente em sua casa?		
12	Sirlene	[00:02:27.17]	Já sim,		
13	PMSP	[00:02:28.14]	Como foi, o procedimento, a atitude dos filhos, como você se viu doente sozinha?		
14	Sirlene	[00:02:37.07]	Não, eu não fiquei sozinha.		

(conclusão)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações condição de produção verbal	Observação não verbal
15	Sirlene	[00:02:38.05]	Como eu moro, quer dizer, durmo só, porque a gente se comunica pelo fundo, minha filha tem as chaves...		
16	Sirlene	[00:02:46.10]	Quando eu tenho qualquer coisa, eu ligo e imediatamente ela vai, se precisar ir para o pronto socorro, como já aconteceu 2 ou 3 vezes.		
17	Sirlene	[00:02:53.17]	Ela me leva, avisa ao resto da família, daqui a pouco está todo mundo lá. Sabe, é tranquilo. Tem sido muito tranquilo.		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Ao contar sua história, Sirlene descreve como o apoio da família foi e é importante para a manutenção de qualidade de vida, mesmo após o falecimento de seu esposo. No turno 2, ela conta que o momento que se viu morando só foi ao se tornar viúva, há nove anos. A pausa que entremeia o enunciado pode significar a saudade, mas não uma resistência em dizer, pois, no turno seguinte, ela relata quão amparada ela permaneceu e o que ficou desse momento marcante de sua vida: “Só ficou a ausência dele, mas é tudo do mesmo jeito como era antes”.

6.6.7 A Institucionalização Para os Idosos

Sobre a institucionalização, sem perceber, Sirlene declara o que pensa a respeito no turno 9, ao dizer que já pensou em ir para um lugar, mas não para ficar *despejada lá*, mas para poder participar, ser atuante. No turno 10, há a afirmação que embasa a sensação primária de pertencimento: os filhos dizem *que* “é para ficar juntos toda a vida”. O sorrir de Sirlene enfatiza que o amparo familiar está aí instituído, permitindo-lhe que tenha direitos à personalidade, garantindo-lhe dignidade e vida, como instruído no art. 230/CF88: “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.”

PSMP questiona Sirlene a respeito da postura familiar quando, ocasionalmente, adoeceu e ela descreve mais uma vez a tranquilidade que sente, a partir de protocolos que a família criou para que ela tenha suporte contínuo e imediato. O amparo é total e a família comprometida no bem-estar da idosa.

Ofélia foi professora, como Sirlene, e gosta de música com a mesma intensidade. Porém, está institucionalizada. PSMP, no Quadro 16, pergunta à sua informante (Odete), familiar mais próximo, o que Ofélia, quando apropriada de sua autonomia, dizia a respeito de estar em uma instituição para idosos, se, quando ela estava mais consciente, algum dia haviam conversado sobre essa questão. Vejamos:

Quadro 16 – Tinha Horror!

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
01	PSMP	Algum dia vocês conversaram sobre a questão de institucionalização, de abrigo,		
02	Odete	Ela tinha horror!	Enfática	
03	PSMP	Ela tinha horror?		
04	Odete	Tinha horror, ela não gostava. Falar de abrigo pra ela era horrível. Quando a gente veio aqui pela primeira vez que ela olhou assim, trouxe pra ela visitar, ela olhou assim e falou ... isso aqui é um céu... Você gostou? Eu adorei isso aqui... isso aqui é um spa! rs		Sorri

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

No turno 2, a informante da idosa afirma, enfaticamente, que Ofélia considerava um horror e ainda acrescenta que “falar de abrigo pra ela era horrível”. Mas o que justifica hoje deixar a irmã em uma instituição? A falta de pessoa pra ficar com ela, uma vez que a irmã Odete trabalha e é uma idosa? A falta de recurso familiar ou protocolo para deixar Ofélia em sua própria casa? Embora sempre sorridente, Ofélia não demonstra insatisfação de estar ali e sua irmã justifica, no turno 4, essa reação: ela disse que aqui é o céu, é um spa. Possivelmente, porque sua condição física, com a marcha motora reduzida, o que a faz andar, na maior parte das vezes, com andador, a isolava no interior de sua residência, em seu sofá, em frente à TV. Ali na instituição, ela vê pessoas passando, sempre alguém fala com ela. Ofélia se realiza nos eventos festivos que ocorrem na instituição, que a possibilita de soltar sua voz, através do canto. Na música, é possível ressignificar o silêncio. O falar *cada vez mais*

baixinho se transforma na voz que toma conta do Grande Salão sempre que encontra uma brecha para cantar as canções de sua autoria, que falam de amor e dor.

Figura 25 – Música e Ressignificação



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

A música é uma forma de expressão e um meio de driblar o silêncio que se forma quando a soma de sons externos é reduzida a quase zero, quando, no ambiente, não há interação, não há comunicação. Quando, pela falta do outro, é impossível estabelecer um diálogo, e os sons internos denunciam a solidão. O silêncio é cheio de sentido: tristeza, saudade, frustração, solidão. A música soma ao ambiente externo e ocupa o ambiente interno, como vemos a seguir:

Quadro 17 – Silêncio, Elaboração e Fuga

(continua)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciado	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PMSP	[00:00:00.00]	Tem momentos que você se sente só?		
2	Sirlene	[00:00:06.04]	Sim		
3	PMSP	[00:00:08.21]	Como são esses momentos?		
4	Sirlene	[00:00:08.10]	Principalmente fins de semana, porque durante a semana eu saio todos os dias, como já falei.		
5	Sirlene	[00:00:14.11]	Agora, no fim de semana, nem sempre os meninos podem estar comigo o tempo todo.		

(conclusão)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciado	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
6	Sirlene	[00:00:21.03]	A minha filha sim, porque é ao lado, então a gente está sempre junto, mas tem o outro filho que não é toda hora que pode ir lá, nem todo dia.		
7	Sirlene	[00:00:27.27]	Então eu sinto, mas é porque tem dia que eu sinto necessidade de ficar só, também.		
8	PSMP	[00:00:36.15]	Mas, como é que você vive esses dias de solidão?		
9	Sirlene	[00:00:44.02]	Eu leio, eu, eu, canto, adoro cantar, num sabe:		
10	Sirlene	[00:00:48.27]	Eu canto em casa o dia inteiro, toda hora...		
11	Sirlene	[00:00:52.12]	É		
12	Sirlene	[00:00:52.23]	Agora, como eu estou aprendendo violão e flauta, aproveito para estudar, e faço muito palavras cruzadas...		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

O fluxo conversacional de Sirlene é sempre claro e contínuo. Mas, o silêncio surgiu em seu enunciado quando a pesquisadora lhe perguntou sobre o sentir-se só. A idosa ocupa seus dias com atividades prazerosas, que não a permitem pensar na ausência, no vazio, na solidão. Contudo, é nos finais de semana que o silêncio externo se faz presente, na ausência de seu filho, que nem sempre pode estar presente. E mesmo afirmando que tem momento que precisa estar só, é como que justificasse seus momentos de solidão, e o momento de quase nove segundos de silêncio surge para elaboração da realidade tão perturbadora. A pesquisadora intervém com outra pergunta, possibilitando que, no turno 10, ela revele que a música lhe impede de viver o silêncio socioafetivo: “Eu leio, eu, eu, canto, adoro cantar, num sabe”. E complementa: “Eu canto em casa o dia inteiro, toda hora”.

Quadro 18 – Ressignificação e Silêncio

(continua)

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações condição de produção	Observação não verbal
1	PMSP	[00:01:01.26]	Você falou de algo muito interessante: a necessidade de estar só. Como é isso?		
2	Sirlene	[00:01:08.12]	Não sei se é, se a gente tem vontade de ficar pensando no] [,,] ontem...		
3	Sirlene	[00:01:14.00]	Eu acho que é isso, às vezes bate uma saudade da... da convivência que a gente tinha quando os filhos eram pequenos.		
4	Sirlene	[00:01:22.21]	Porque era sempre todo mundo ao lado, agora não...		
5	Sirlene	[00:01:24.27]	Eles com as atividades, nem sempre a gente pode estar perto.		
6	Sirlene	[00:01:29.11]	Eu acho que eu... assim		
7	Sirlene	[00:01:31.15]	Meu... Meu marido dizia que era melancolia.		
8	Sirlene	[00:01:34.11]	Tinha dia que eu amanhecia sem saber - hoje você está melancólica... mas, não, não é coisa de demorar não. Logo, logo passa.		
9	PSMP	[00:01:43.21]	Você acha que antes aos 60, 50 anos você era mais falante que agora?		
10	Sirlene	[00:01:49.23]	Não		(risos)
11	PSMP	[00:01:49.09]	Você acha que agora você é mais falante?		
12	Sirlene	[00:01:52.06]	Agora eu falo mais, sabe.		(risos)
13	Sirlene	[00:01:54.03]	Eu, eu agora tenho uma saúde boa... quer dizer... sempre tive.		
14	Sirlene	[00:01:57.17]	Mas, antigamente, quando mais nova, eu tinha umas enxaquecasinhas de vez em quando, tinha uns probleminhas...		
15	Sirlene	[00:02:02.21]	Hoje não. Eu tenho... A minha vida hoje por incrível que pareça parece que eu tenho mais saúde do que antigamente		
16	PSMP	[00:02:11.17]	Você faz outras coisas além do canto, me fala a sua rotina.		
17	Sirlene	[00:02:17.18]	Menina, deixa eu ver		

(conclusão)

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações condição de produção	Observação não verbal
18	Sirlene	[00:02:19.07]	Eu saio segunda, e sexta, segunda, terça, quarta e sexta pela manhã, toda semana. Tinha também um grupo às quintas, mas agora eu resolvi dar um tempo.		
19	Sirlene	[00:02:33.11]	... e à tarde eu saio segunda porque a gente participa de um grupo de dança, segunda à tarde temos ensaio		
20	Sirlene	[00:02:41.02]	Inclusive temos uma, uma apresentação já marcada para maio de dança cigana		
21	Sirlene	[00:02:46.14]	Participo do grupo de flauta no conservatório		
22	Sirlene	[00:02:53.15]	Aqui no CCI participo do coral, na quarta-feira à tarde participo do grupo dos contadores de história de teatro		
23	Sirlene	[00:02:59.26]	E na sexta, na quinta-feira à tarde tem outra vez o ensaio do coral, e na sexta, pela manhã, a gente tem uma atividade aqui de, digamos assim, de ginástica rítmica		
24	Sirlene	[00:03:13.08]	O único dia que eu ainda tenho desocupado é sexta-feira à tarde.		
25	Sirlene	[00:03:16.23]	Na rua, porque em casa a gente tem as atividades de casa, né		
26	PSMP	[00:03:22.14]	E eu sei que tem as viagens, né		
27	Sirlene	[00:03:24.17]	E... sem falar nas viagens... agora mesmo já temos uma programada para setembro, pra Canabrava		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Nesta sequência enunciativo-discursiva, Sirlene revela que seu esposo a considerava melancólica, no turno 7, e ela explica que tem necessidade de ficar só, de pensar no ontem, de relembrar um tempo de convivência familiar que ela sente falta, mas revela como ressignificou esse vazio com atividades diversas e com novos aprendizados. Nessa sequência, o silêncio de Sirlene não tem espaço para se manifestar, pois ela tem muito a contar, apesar da saúde. Ela desvela a necessidade de neutralizar o ruído externo, ficando só, para ouvir os

ruídos produzidos por suas memórias. Contudo, é na presença de seu esposo e familiares que estava a harmonia entre o interno e o externo. O silêncio interno é abafado pelos sons produzidos por tantas atividades e novas memórias. No turno 15, ela revela o resultado da ressignificação pela arte, pela música, pela dança, pelo conhecimento, pelo novo: sua saúde é melhor que antes. A ausência que deixou vazio, desequilibrou a harmonia dos ruídos. Esse equilíbrio tem se sustentado nos novos ruídos, na ressignificação pela música e criação de novas vivências e memórias.

Quadro 19 – Silêncio, Censura e Medo

(continua)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PMSP	[00:00:10.10]	Você tem 77 anos, é natural com a idade perdermos algumas funções e a até a autonomia.		
2	Sirlene	[00:00:12.17]	já vou fazer 78 daqui a dois meses, em junho faço 78		
3	PMSP	[00:00:19.10]	É natural, com o avanço da idade, perder a autonomia de ir e vir. Como você se imagina, como sua família trata esse assunto, como você se imagina numa situação dessas.		
4	Sirlene	[00:00:42.11]	Olha, a minha preocupação é depender dos outros. Num sabe, eu me preocupo muito com essa dependência do idoso que normalmente o idoso,		
5	Sirlene	[00:00:52.16]	Principalmente hoje que a gente fica idosos, mais idoso que os idosos antigos		
6	Sirlene	[00:00:58.28]	Então eu tenho essa preocupação, porque certamente se eu não morrer mais cedo, eu vou precisar de ajuda, vou precisar de cuidados		
7	Sirlene	[00:01:08.09]	Mas, é, é às vezes eu brinco com os meninos: quando eu ficar <i>veinha</i> eu vou mudar de quarto, vocês vão fazer outro quarto pra mim, porque a minha casa tem escada		

(conclusão)

Turno	Interlocutor	Time code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
8	Sirlene	[00:01:19.26]	Não sabe, então eu subo e desço escada sem problema nenhum, mas certamente vai chegar um dia que eu não vou poder descer escada, não é, então eu falei vou querer um quarto cá embaixo, não sei o que...		
9	Sirlene	[00:01:31.05]	Aí, minha filha disse, não, você vem morar aqui com a gente. Troca o quarto, Fabinho vai pra sua casa e você vem para o quarto dele.		
10	Sirlene	[00:01:40.04]	Isso aí a gente pode pensar, (risos) não sei, só Deus é quem sabe o que pode acontecer.		
11	Sirlene	[00:01:46.01]	Mas, eu ... A minha preocupação é só a dependência dos outros, nos cuidados, pois em outro sentido não dependo de nada e nem de ninguém		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

O silêncio, que esteve ausente na sequência enunciativo-discursiva anterior, está presente nesta que trata de um tema que suscita o medo de Sirlene, o da dependência física, da interdição; no turno 4, o silêncio estruturante permite a fundamentação da resposta. É importante ressaltar que, no turno 5, Sirlene reconhece que a expectativa de vida para os idosos hoje é bem superior que a expectativa das gerações anteriores, o que lhe suscita medo da dependência, de se tornar um peso para o outro. No entanto, esse assunto não é velado nos diálogos familiares, o que facilita a elaboração do problema e a busca de solução. Mesmo com todo apoio familiar, com a franca conversa a respeito de assuntos tão difíceis, há a censura em dizer o que não pode ser dito, pois não pode ser imaginável. O silêncio censura o que interditaria Sirlene, mas, ao mesmo tempo, revela o seu medo.

6.6.8 O Silêncio Como Possibilidade

Tata é uma das mais antigas moradoras dessa instituição, como já informado, e tem seu processo de senescência sem comprometimentos patológicos. Há mais 20 anos, aceitou a sugestão de morar em um abrigo, após ser internada para cuidar de sequelas de uma ferida na perna, por não poder trabalhar e não ter familiar na cidade. Tata tem sua funcionalidade preservada, apesar do contínuo tratamento em seu membro inferior. Participativa de todas as oficinas de artesanato, é uma das mais conhecidas moradoras da instituição e tira proveito dessa fama para vender suas produções (pano de prato, pinturas, bolas de natal). Mesmo morando há tantos anos na ILPI, e afirmando gostar muito de estar ali, Tata é instada a falar sobre seus desejos, em uma oficina de artesanato com jornal, proposta pela pesquisadora PSMP. Um dizer, tão contraditório em relação às suas afirmativas diárias, precisou ser ancorado e impermeabilizado pelo silêncio, para ser estruturado e ser realizado nas palavras transcritas a seguir:

Quadro 20 – Silêncio que possibilita o não dito

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	PSMP	Qual o seu desejo?		
2	Tata	(respira fundo) Silêncio		Olha para cima
3	Tata	...rs...isso aí é caro....		Aperta as mãos
4	Tata	Quero uma casa. Meu sonho é ter uma casa (.....) eh (...) desde o outro (...) desde o outro albergue.		Mãos apertadas
5	PSMP	Você moraria sozinha?		
6	Tata	Hein?		Olha para a pesquisadora
7	Tata	(Silêncio)		Pesquisadora mantém o olhar
8	Tata	Com um cuidador...	Tom forte	

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

No turno 2, do Quadro 20, o silêncio possibilita realizar a presença de um desejo de pertencimento. No turno 7, do mesmo quadro, o silêncio fundamenta a possibilidade de uma resposta. Em ambos os casos, o silêncio vem coberto de sentidos e de desejos. Em resposta à

desafiadora pergunta, se Tata moraria sozinha, ela responde com uma interjeição (Hein) que é usada para a) expressar ao interlocutor o desejo reiterado de que seja dada uma resposta a uma pergunta já feita imediatamente antes ou num espaço de tempo, b) verificar quando alguém quer uma confirmação de resposta ou c) demonstrar quando alguém não entendeu alguma coisa. PMSP manteve-se em silêncio, acolhendo o silêncio do outro, atuando com aquele silêncio que se cala, ao invés de responder, permitindo que o outro elabore seu dizer, desconstrua sua resistência e institua sua verdade, o seu dito. Após o silêncio apresentado no turno 7, o turno 8 é constituído por uma expressão forte e uma resposta possível, real e viável: “com um cuidador” – a possibilidade que se adequaria à sua condição física e cognitiva.

6.6.9 O Silêncio Como Resistência

“A resistência é o que faz obstáculo ao fluir dos pensamentos inconscientes, ao desenrolamento da cadeia dos significantes, em resumo, ao advento do saber inconsciente: eis a maneira mais precisa e, entretanto, mais geral de defini-la” (NASIO, 2010, p. 86).

Além de possibilitar o não dito ser dito, o silêncio é resistência ao que não pode ser dito, aquilo que sofre algum tipo de censura, que é proibido. Nesse caso, resistência ao medo da dependência física. O dizer significa reconhecer a possibilidade de não funcionalidade, da perda do ir e vir, daquilo que pode aprisionar o corpo. O silêncio é resistência, mas também é possibilidade. Tata foi, por algum tempo, cadeirante, durante um agravamento do quadro da ferida de sua perna. Momento difícil de rememorar. Vejamos os dados do Quadro 21:

Quadro 21 – Silencio que é Resistência

(continua)

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
01	PSMP	Quanto tempo você ficou na cadeira?		
02	Tata	(.....) ffsfsfu (inaudível)		Olha para fora da sala
03	PSMP Tata	(silêncio)		Olhando para fora da sala (Tata)
04	PSMP	A experiência não foi boa...		Torna-se para a pesquisadora (Tata)

(conclusão)

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
05	Tata	foi (.....) não foi não (.....) não foi não (....) foi (...) era (...) foi		Olha para cima
06	Tata	Eu pedia a Deus pra <i>mim</i> caminhar...		Torna-se para a pesquisadora
07	Tata	O assento dói; as costas. Cai a cadeira. Cansa (.....). Eu já fiquei na cadeira, <i>eles</i> cansa, a costa dói. Você não <i>guenta</i> . Eles não <i>guenta</i> . Já fiquei na cadeira eu sei.		
08	Tata	No hospital de base pedi: eu mereço... Pois, já <i>tava</i> começando na outra perna... a Deus: cura essa enfermidade Jesus [...] Pra não ter de ficar em cadeira. Uuuuuui, é.... ai...		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

No turno 2, do quadro 21, o silêncio interrompido por um som inaudível representa a tentativa de interdição de uma memória de dor e de vivências indesejáveis. A difícil missão de rememorar momentos de dependência. Momento que Tata ficou em cadeira de rodas por conta da ferida em sua perna. No turno 3, o silêncio do PSMP permite Tata fundamentar esse dizer (turno 4) ao afirmar “A experiência não foi boa...”, referindo-se à perda de funcionalidade corporal e/ou a limitação. Contudo, o silêncio é fundante para a estruturação e a escolha das respostas que emergem nos turnos 7 e 8. A melhor resposta. A resposta possível.

De acordo com Lacan (1986), há uma “resistência tanto maior quanto mais se aproxima de um discurso que seria o último e o bom, mas que se recusa de maneira absoluta” (LACAN, 1986, p. 33). Assim, Lacan (1986), ao se referir à resistência, que é maior ao se aproximar de um discurso que seria o último – o urgente, o possível, e o bom – refere-se também ao que permite o constituir-se enquanto sujeito. Em todos os casos, o silêncio é algo que intermedia, que envolve, que antecipa os sentidos dos dizeres e tem seu próprio sentido. O tempo do silêncio é o que o delimita, mas também é o que o permite ser o que é.

O silêncio polissêmico tem diversos sentidos, suprimidos nos interditos de uma situação singular para Tata, que tem, em seu contexto de resignificação e pertencimento, o ato de cuidar. Antes de estar institucionalizada, ela cuidava de seus padrões, na instituição, cuida da “filha dela”, Milena, senhora mais velha do que Tata, com 93 anos, que está na

instituição há mais tempo e que a chama de mãe. Certa ocasião, Milena adoeceu e precisou ser internada. Os funcionários da instituição retiraram o colchão da cama em que Milena dormia, que ficava bem ao lado da cama de Tata. A retirada se fez necessária para higienização. Nos primeiros dias, Tata sentava-se em sua cama, virada para a cama de Milena, e ali ficava por horas a contemplar o vazio da cama, que só se via o estrado.

Quadro 22 – Silêncio Polissêmico

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações sobre a condição de produção verbal	Observações sobre a condição de produção não verbal
01	PSMP	Saudade?		
02	Tata	Tiraram o colchão		Olhando para a cama.
03	PSMP	Para higienizar?		
04	Tata	(.....)		Olhando para a cama.
05	Tata	Será? (...) É mesmo! (...) <i>Genizar...</i>	Sorrindo	Levanta o olhar.

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

No Quadro 22, a situação enunciativo-discursiva apresentada demonstra a dificuldade de elaborar o medo da perda, da finitude, de acreditar na possibilidade da cura e de tantos outros sentidos embutidos no silêncio deste contemplar, como, por exemplo, a indignação e a incompreensão de ver o colchão retirado, que gerava nela um sentimento dúbio: crença e descrença. Quando provocada a pensar outra possibilidade (turno 3), é no silêncio (turno 4) que essa elaboração ocorre. Um misturar de sentidos que permite emergir um que sustente a crença, a fé. Tal hipótese pode ser confirmada na situação enunciativo-discursiva posterior.

No dia seguinte, ao encontrar a pesquisadora, Tata, no refeitório, exhibe um pano de prato que havia pintado:

Quadro 23 – Silêncio que corrobora

(continua)

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações sobre a condição de produção verbal	Observações sobre a condição de produção não verbal
01	PSMP	Que lindo!	(se referindo ao prato)!	
02	Tata	É (...)	Sorrindo	
03	PSMP	Está preocupada com “M”?		

(conclusão)

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações sobre a condição de produção verbal	Observações sobre a condição de produção não verbal
04	Tata	Tô...		
05	Tata	Deus ajude que ela melhore...		
06	PSMP	M é sua companheira, né?		
07	Tata	É (...) Deus ajuda que ela melhora. Ela vai melhorar ... Com fé em Deus!	Sorrindo	Termina de forma enfática
08	PSMP	Amém!		

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Tata já não estava paralisada por seus medos. O silêncio, que possibilitou a elaboração de novas ideias e possibilidades, a trouxe para fora, para o “ruído externo” que, por um instante, se sobrepôs a seus “ruídos internos”. No turno 2 e 7, do Quadro 23, o silêncio como interdito corrobora a afirmação que emerge insegura. E o enunciado a seguir, “Deus ajuda que ela melhora. Ela vai melhorar”, confirma que o silêncio está carregado com o sentido de afirmação.

Em todos os casos, o silêncio intermedia, envolve e antecipa os sentidos dos dizeres. Além disso, tem seu próprio sentido. O tempo do silêncio é o que o delimita, mas, também, é o que o permite que o silêncio seja o que é.

6.6.10 Milagre - Ressignificação e Linguagem

Figura 26 – Milagre, Ressignificação e Linguagem



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Nonô, outra idosa do Grupo Controle, como Tata, sempre cuidou... Cuidou de seus 12 filhos, cuidou de sua roça, e seu dom artesanal a fez produzir um requeijão que “a gente de Anagé ia pra comprar” e colchas de retalhos que “sempre acabava”, como relata a própria. Lúcida, aos noventa e um anos, com problemas cardíacos, problemas pulmonares, hipertensa, teve seu tempo de vida decretado, há oito anos:

Ela sempre foi forte [...] inclusive a médica havia dado tempo de vida pra ela... Várias vezes... Teve um que deu de 20 dias a um mês. Talvez nem isso. Agora dia 28 de abril faz 8 anos. Aí o Dr. F falou: Nonô está viva por milagre de Deus não por nós. Não temos nada a fazer (SANDRA, FILHA DE NONÔ).

Silvia, uma das filhas cuidadoras de Nonô, revela que “Ele queria pegar ela para fazer um estudo, pois o caso dela é caso de estudo”, referindo-se ao médico, afirmando que seus órgãos quase já não estão funcionando, “é um milagre” enfatiza, completando que credita esse milagre à sua vontade de viver e ao tratamento.

Nonô, senhora magrinha de cabelos brancos, deitada, com uma sonda na narina, que teve sua finitude decretada por prognóstico médico, não usa fraldas, toma banho assistida, anda até a mesa para tomar seus inúmeros cafezinhos ao decorrer do dia, costurava colchas de retalho até uns meses atrás e ainda expressa opiniões e tem escolhas.

Silvia, carinhosamente chamada de “Lora” por sua mãe, ao lado de sua irmã Sandra, esclarece como chegaram até aqui: de doze irmãos, cinco participam do cuidado, sendo que “Lora”, a mais próxima da mãe, deixou suas atividades laborais para se dedicar ao cuidado diário de sua mãe. Outras três irmãs fazem rodízio para cuidar da mãe à noite e aos finais de semana. Por fim, a quinta filha, que mora em outra cidade, duas vezes por ano tira férias para contribuir no cuidado da mãe, concedendo às irmãs um período de descanso. Esse esquema funciona há muitos anos.

Dessa forma, cuidam e cuidam-se, dividindo os períodos para não ficarem sobrecarregadas. A preservação da autonomia de Nonô é facilmente contemplada em sua rotina, descrita por Silvia:

Durante o dia, de manhã, ela levanta, antes tinha horário certo, agora não tem. Tem dia que é 07,08, 09 horas e vem tomar café. Ela levanta vem tomar o cafezinho dela aqui. Ela mesma vai ao banheiro sozinha, lava seu rosto... toda hora vem tomar um cafezinho. Aí volta para o oxigênio de novo. depois do banho vem tomar cafezinho aqui na mesa, toda hora ela levanta, fora do oxigênio (SILVIA).

O respeito e a adaptação à mudança de horário que a mãe costuma acordar, que se modifica com o passar do tempo, é uma característica do cuidado singular dessa família com seu idoso. Em uma instituição de longa permanência, o caráter coletivo institucional impossibilita, na maioria das vezes, essa singularidade. Além da singularidade, outro aspecto a se ressaltar é a proposta de resignificação e como ela ocorreu. Quando Nonô não podia fazer nada, pois a recomendação médica era que seu repouso fosse total, ela dizia “*Tô inútil, posso fazer nada, nem uma comida...*”. Ela ficava agoniada, o que a levou a começar a fazer costuras. Suas filhas trouxeram-lhe retalhos e linhas, pois quando mais nova:

Costurava na máquina de mão, em cima de uma mesa, aí depois com o tempo ela parou de costurar na máquina e passou a costurar na mão uma costura tão era perfeita, que quem olha pensa que foi na máquina. Arranjamos retalhos e dando pra ela fazer: virou o passatempo dela, ela foi melhorando... (SANDRA).

Como Tata, a resignificação de Nonô se deu a partir de atividades manuais. Porém, a linguagem teve um importante papel no processo de estabelecimento de sua resignificação. Mesmo quando as palavras lhe faltaram, a observação minuciosa, por parte de seus familiares, da linguagem não verbal, seja por expressões ou por silêncios, possibilitou e possibilita os ditos e não ditos presentes em suas poucas falas....

Nós sabemos o jeito de mãe. Ela não é de pedir as coisas, não é de falar, mesmo quando está sentindo as coisas. Eu conheço. De início as meninas passaram a perceber, eu já percebia o que ela queria, o que ela sentia. Hoje ela fala, mas antes ela é dessas que sentia as coisas e não falava (SILVIA).

Desde o início, essa família escolheu escutar, observar e entender. Dar voz, interpretar, realizar: “Pra ela ficar mexendo muito na cama: mãe tá sentindo alguma coisa? *Tô* sentindo uma dor, mas antes ela não falava não, a gente insistindo... Ela ficava inquieta na cama, mas não falava ...” (SANDRA).

Se não fosse pelo incentivo familiar e acolhimento, Nonô tendia a não falar, a se calar, se silenciar. Todavia, o silêncio de Nonô, cheio de sentido, fez sentido para suas filhas. Dessa forma, quando a soma dos ruídos externos tendia a zero, a interação familiar, a troca, a presença e os diálogos somaram, positivamente, nessa equação. Essa forma de interação familiar permitiu que Nonô mantivesse sua autonomia, opinião, identidade e livre arbítrio, decidindo até quando iria costurar: “Eu não vou fazer, pois não estou acertando mais não, não sei o que tenho de fazer...”. Foi sua decisão. Decisão baseada no reconhecimento de seus

limites. Há outras instâncias em que Nonô, igualmente, expressa sua vontade com total respeito, compreensão e liberdade. Suas filhas relatam que ela escolhe o tecido da roupa que vai sair, o acessório que vai usar, aonde quer ir, e sabe dizer o que não quer e porque não quer. Um exemplo é o que assiste na televisão: “Ela pergunta o que está passando. A gente explica. O único que ela entende é o de *Faustão*, ela fala: *eu não gosto, desliga porque eu não gosto porque tá judiando das pessoas* (aquelas vídeo-cassetadas)” (SILVIA).

No quadro abaixo, está a demonstração de como a filha faz o papel de intérprete da mãe e de como, ainda assim, a permite ser autora de seu próprio enunciado:

Quadro 24 – Ajuda quando as palavras faltam

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações sobre a condição de produção verbal	Observações sobre a condição de produção não verbal
01	PSMP	O que a senhora fazia mais nova?		
02	Nonô	Estão perguntando o que eu fazia quando mais nova, era o quê, Lora, que eu esqueço?		Buscando a filha
03	Silvia “Lora”	Requeijão! Trabalhou na roça, cuidava da casa, da lavoura, da criação...		Afirma a filha...
04	Nonô	Requeijão! A gente de Anagé ia pra comprar meu requeijão.		Rememora com entusiasmo
05	Nonô	... Todas as colchas que eu fazia sempre acabava.		Demonstrand o as colchas de retalho ...

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

O Milagre de Nonô foi possível por meio da palavra. Lacan (2011) considera a palavra um constituinte do inconsciente, imprescindível para a elaboração do “eu” e que, ao construir a fala, “define o lugar daquilo a que chamamos verdade” (LACAN, 2011, p. 25). As palavras rememoradas, interpretadas, reconstruídas definiram a verdade de Nonô: seus desejos, seus medos, seu eu historicamente presente, necessário para o pulsar da vida. As palavras que poderiam ter sido implodidas pelo silenciamento fisiológico e pela falta de interação social, até se transformaram em silêncio, mas impregnado de sentido, que serviu como pista dêitica para ressignificação de Nonô. Até o esquecimento, grande fantasma do envelhecimento, é, naturalmente, assumido (turno 2, Quadro 24) e ressignificado na relação de confiança entre

Nonô e a filha, como se Nonô tivesse a certeza de sua memória ter uma espécie de arquivo em um *drive* externo.

6.6.11 Ressignificação

Viúvo há dois anos, Zito foi casado por quarenta anos. Pai de duas filhas, uma das quais, até a data da coleta de dados, ainda morava com ele, embora na eminência de mudança para sua casa própria. Na ocasião, a outra filha, que mora em outro Estado, convocou a família para resolverem o cuidado de Zito, com 73 anos. Ele se pronunciou: “quero fazer minha comida, meu feijão”. Concluíram que colocar alguém para arrumar a casa três vezes por semana era o suficiente por ora. Zito trabalhou desde cedo com seu pai. Relata que trabalhava, estudava e, nas horas vagas, brincava muito. Desde novo muito ativo, viu o pai, que tinha um negócio de couro, quase quebrar com a chegada da indústria dos derivados de petróleo. Seu pai precisou ser criativo e, em meio às dificuldades, abriu, no mesmo espaço, uma mercearia. Zito conta que antes de conhecer sua esposa era muito namorador. Bem apessoado, despertava os sonhos e desejos das moças de sua época. Mas apaixonou-se, casou-se e viveu 40 anos de completa felicidade e amizade.

Quadro 25 – Silenciamento vertical e Ressignificação

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
01	PMSP	[00:00:50.26]	Como é sua vida hoje, após o falecimento de sua esposa?		
02	Zito	[00:01:03.26]	... depois do falecimento de minha esposa ...		
03	Zito	[00:01:16.29]	Hoje, eu estou praticamente...		
04	Zito	[00:01:18.21]	Eu estou..., como a gente dizia naquele tempo nosso...		Olha para o lado
05	Zito	[00:01:22.29]	desocupado... só	Baixa o tom de voz	

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Zito, a partir de sua condição de produção, no turno 5, do quadro 25, revela, pelo silenciamento vertical, a censura velada em se sentir “desocupado”. Ativo desde muito cedo, é

uma condição que o incomoda. Mas a busca pela resignificação lhe trouxe novos caminhos e resgates: após o falecimento de sua esposa, decidiu entrar no Centro Convivência de Idosos e aprender a cantar.

Quadro 26 – Silenciamento interrompido

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações das condições de produção verbal	Observações das condições de produção não verbal
1	Zito	[00:01:27.08]	Eu entrei aqui para aprender música,		
2	Zito	[00:01:30.02]	Mas, eu me envolvi com a mulherada, aí agora		
3	Zito	[00:01:40.28]	A mulherada chega atrás de mim, quer eu junto, se é num salão...	Risos	
4	Zito	[00:02:02.21]	Se é uma coisa que tinha mais de quarenta anos que não fazia: eu voltei até estar no salão dançando...		
5	Zito	[00:02:16.15]	sinceramente não era nem pra eu estar, mas eu estou		
6	Zito	[00:02:22.19]	e lá a mulherada fica também empolgada comigo		
7	Zito	[00:02:29.19]	Oh doutora, eu sou assanhado até hoje, viu	Riso tímido Tom baixo	
8	PSMP	[00:02:32.17]	E porque não era para o senhor estar no salão, se o senhor gosta?		
9	Zito	[00:02:35.26]	Ah, por causa da minha... minha fé, minha crença aqui.	Tom baixo, vergonha	

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

A resignificação de Zito aconteceu no resgate de atividades que o fazia sentir-se feliz e realizado. O canto foi o meio encontrado para a troca, a interação social e o resgate de valores que o fez instituir-se pessoa. Embora a sua crença tenha efeito inibitório (turno 7 e 9, do Quadro 26), sua vergonha e timidez, expressas em seu enunciado, são tomadas pela alegria da empolgação que o toma pela dança de salão, pelo ritmo da música e pela interação social que esses momentos lhe proporcionam (turno 2 e 5, Quadro 27). Zito tem seu processo de silenciamento interrompido (Quadro 27).

Figura 27 – Interrompendo o Silêncio

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Quadro 27 – Movimento, ritmo e interação social

Turno	Interlocutor	Time Code	Enunciados	Observações condição de produção	Observação não verbal
01	Zito	[00:02:47.03]	É.... não deve, mas até acho que a gente participando das coisas com certa decência... deve ... Deve participar		
02	Zito	[00:03:04.14]	Mas eu no meio da mulherada fico assanhado de mais, e daí pronto... fico empolgado		
03	Zito	[00:03:17.25]	e daí estou participando de tudo, do cântico, embora eu tenha uma dificuldade enorme pra cantar...		
04	Zito	[00:03:27.22]	Querendo aprender música, mas com uma dificuldade enorme, mas ainda com vontade de aprender música,		
05	Zito	[00:03:43.24]	e estar interagindo com a mulherada.	risos	Espalma a mão

Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

6.6.12 Oficina da Memória - Encerramento

Figura 28 – Oficina da Memória – O Encerramento



Fonte: Banco de dados da pesquisadora.

Para o encerramento da coleta de dados da pesquisa na ILPI, foi elaborada uma “Oficina da Memória” com o grupo de idosos institucionalizados, que ocorreu em 14 de agosto. A oficina consistiu em apresentar fotos para que os sujeitos pudessem resgatar momentos vivenciados durante o período de estímulo discursivo, proporcionado pela pesquisa. Algumas fotos foram disponibilizadas em um varal e outras foram impressas para que eles pudessem manusear. Além das fotos de momentos vivenciados, havia fotos de relevância para cada um, como a foto da data de admissão de Tata; da Santa de Valdo; de Ofélia com indumentária de São João; foto de Iva em atividades; Pôr-do-sol; Flor de Mandacaru; almoço dos cuidadores, no Natal; entre outras. Participaram desta oficina PNFS, PSMP e os sujeitos Iva, Tata, Ofélia e Valdo.

O objetivo da oficina foi provocar uma situação enunciativo-discursiva em que os sujeitos pudessem reconhecer e valorar suas memórias, percebendo-se como sujeito histórico, singular e com identidade própria, apesar do coletivo. E, no coletivo, identificar seus pares, criando possibilidade de interação e comunicação entre os sujeitos.

Uma das fotos apresentadas foi a foto do sujeito Maria, que já não mora mais no Nosso Lar por ter sido desinstitucionalizada. Tata a reconheceu enquanto Iva e Valdo perguntavam quem era. Tata relatou quem era e trouxe informações: ficava andando. Iva não lembrou, mas fez uma brincadeira para descontrair. Valdo não a identificou, pois tiveram bem pouca convivência. Fato é que a interação foi estabelecida, as memórias refrescadas, a possibilidade de alguém voltar para casa foi vislumbrada e, como bom som, embalou a esperança de Valdo e Iva. Ofélia sorriu todo o tempo e, mesmo com a acuidade visual

reduzida, foi participativa e comemorou a atividade. Ao final, todos puderam levar suas fotos: Valdo pediu a foto da Santa e Tata pediu a foto que está com Milena. Iva não se reconheceu na foto, disse estar feia e recusou sua lembrança. Iva não reconhece sua identidade, há uma dependência emocional com seu filho que lhe nega o posto de mãe, pela ausência de afetividade. Mas, por um momento, ao receber os elogios de todos e de PNFS, ela aceitou levar a foto, dando gargalhadas de si mesmo, como se não fosse merecedora de demonstração de carinho ou reconhecimento.

Nessa atividade, identificamos a sequela de todos os silenciamentos em cada sujeito e a significação de suas ausências e perdas: a amiga, a fé, a poesia, a família, como atividades interativas podem promover a interação dos sujeitos entre o mundo e a escuta de si mesmo. A produção de enunciados é uma forma de o sujeito se reconhecer, possibilitando o dizer e o que precisa ser dito, elaborando o não dizer e que o não pode ser dito, equalizando os sons internos e externos para que o silêncio de cada um se torne harmonioso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, em resposta ao questionamento inicialmente proposto, a saber: se a institucionalização afeta a linguagem do idoso, se ocorre a ressignificação da linguagem verbal pela não verbal, e se o silêncio, enquanto linguagem, é parte de um sistema alternativo de significação possível para idosos, depreende-se que, nas instituições de longa permanência para idosos, é possível verificar o efeito do silenciamento no indivíduo em diversas instâncias. É na observação e na análise do silêncio na língua(gem) do idoso que verificamos que o silêncio linguístico, comparado ao silêncio acústico por sua similitude, pode ser mensurado por sua duração, já que o tempo próprio e sua singularidade são impregnados de sentidos. O silêncio tem valor na linguagem. Mesmo que na busca do equilíbrio entre o ruído interno do corpo e o ruído externo ao corpo ele se apresente na forma de *nada*, ele não é nada. Ele é a possibilidade do enunciar, do dizer. Ele possibilita dizer o que o inconsciente impetra, bloqueia e interdita. Fundamenta os enunciados e aguarda, silenciosamente, o que está por vir.

O silêncio é quietude e é ruído, incomoda e harmoniza. É possibilidade e é resistência. Em suas diversas formas e sentidos, o silêncio se faz linguagem e, enquanto linguagem, é constitutivo do inconsciente. O silêncio “vale além da palavra” (LACAN, 1985, p, 323) por representar inúmeras possibilidades num contínuo processo de significação, por revelar o outro em um silencioso processo de interação. Ele “possui uma força que arrasta o paciente e o faz progredir” (NASIO, 2010, p. 22). Está onde o dizer necessita ser dito, mas, por algum contexto de produção, é censurado.

O ambiente institucional, por regra e por definição, é um ambiente disciplinar. Como todo ambiente disciplinar, a identidade individual sofre descaracterização, como consequência da uniformidade, da padronização e da coletividade. O silêncio permite ao indivíduo transbordar sua singularidade, por ser constituído de forma ímpar de sentido e de história.

O silêncio é ressignificação. Todas as possibilidades sobre silêncio não se encerram neste trabalho, em que se apresenta de múltiplas formas e possibilidades. Aqui, tratamos do silêncio na linguagem do idoso institucionalizado, mas o silêncio está em toda parte, constituindo, fundamentando, censurando, na linguagem típica e atípica. Concluímos que o silêncio é resultado de um somatório de sons e não a subtração deles, que o diferencial caberá ao valor atribuído a cada um. O somatório de sons internos, quando sobressaem ao externo, pode ser perturbador, causador de estresse emocional. Por outro lado, o indivíduo não está acostumado a ouvir a si mesmo e nem sempre apto a recorrer às suas memórias ou às suas deduções: pode ser muito doloroso o confronto entre passado e presente, sem expectativa de

futuro. O silêncio é um recurso de possibilidades, de ressignificação e de valor. Assim, o silêncio é de pertencimento da linguagem na constituição de sentidos, na resistência e na ressignificação.

Consideramos que se deve proporcionar ao idoso o direito a uma escuta capaz de reconhecer o sentido atribuído por ele, sujeito/idoso, ao silêncio, em meio às possibilidades de intervenções eficazes na Instituição de Longa Permanência para Idosos. As intervenções, para que sejam eficazes, deve considerar um trabalho de observação da linguagem verbal e não verbal do idoso, o resgate do sujeito/eu histórico e cultural e a elaboração, por meio deste resgate, de palavras-pontes que possam fazer sentido para o idoso, possibilitando-lhe reestruturação de significados. Pensar a valoração do silêncio é tão importante quanto a fala. O silêncio e o sentido são pares. O reconhecimento de cada um requer um minucioso trabalho de interpretação, que não pode ser aleatório, isolado de contexto. Um sujeito em silêncio não significa um sujeito quieto, sem vontade de expressão. Significa que há sentidos exalando pelas frestas das censuras, nos entremeios e nos interditos. Sentidos necessários para ressignificação e manutenção da identidade do sujeito.

Este trabalho é relevante para os profissionais da área de psicologia, da linguística e da gerontologia e pode ser um ponto de partida para a compreensão do silenciamento e do silêncio por profissionais da equipe multidisciplinar que atuam em instituições de longa permanência ou qualquer outra que tende a extrair do indivíduo sua singularidade em prol da coletividade.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Em 2015, esperança de vida ao nascer era de 75,5 anos.** 2016. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9490-em-2015-esperanca-de-vida-ao-nascer-era-de-75-5-anos>. Acesso em: 7 set. 2019.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1970.
- AMAZON. **Tabuleiro de Xadrez Luxo Reis do Egito.** Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Tabuleiro-Xadrez-Eg%C3%ADto-Pe%C3%A7as-55x55x10cm/dp/B076LGRDCC>. Acesso em: 28 maio 2018.
- AUSTIN, J. L. **Quando Dizer é Fazer.** Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AZEVEDO, N. P. da S. G.; SILVA, C. S.; MOURA, Érika M. A. C.; CAVALCANTI, M. do C. G. P. A linguagem atípica e o silenciamento em afasia e gagueira: uma análise discursiva (Atypical language and silence in aphasia and stuttering: a discursive analysis). **Estudos da Língua(gem)**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 37-54, mar. 2019. ISSN 1982-0534. doi: <https://doi.org/10.22481/el.v17i1.5312>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5312>. Acesso em: 7 set. 2019.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Tradução M. Lahud e Yara F. Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012. São Paulo. Hucitec. 1929. Edição consultada: 2012.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II.** São Paulo: Pontes, 1989. (cap. 5, p. 81-92).
- BERNARDO, K. F. **Sobre a Linguagem e Interação numa Instituição de Longa Permanência para Idosos.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- BERGER, L.; MAILLOUX-POIRIER, D. **Pessoas Idosas: uma abordagem global – processo de enfermagem por necessidades.** Lisboa: Lusodidacta. 1995. ISBN 972-95399-8-7.
- BORGES, C. **Sabia que o silêncio absoluto pode enlouquecer você?** 2017. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/corpo-humano/44512-sabia-que-o-silencio-absoluto-pode-enlouquecer-voce.htm>. Acesso em: 20 out. 2018.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Texto Promulgado em 05 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_230_.asp. Acesso em: 27 dez. 2019.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm. Acesso em: 27 dez. 2019.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8842.htm. Acesso em: 27 dez. 2019.

BRASIL. Lei nº 9720, de 30 de novembro de 1998. Dá nova redação a dispositivos da Lei nº 8742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9720.htm. Acesso em: 27 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Mapa da Pessoa Idosa**. 2018a. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/jpg/2018/novembro/22/mapa-pessoa-idosa.jpg>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. Proteção Social de Alta Complexidade. Ministério de Desenvolvimento Social. **Acesso à informação (2018)**. 2018b. Disponível em: <http://mds.gov.br/acesso-a-informacao/mds-para-voce/carta-de-servicos/gestor/assistencia-social/alta-complexidade-2>. Acesso em: 23 mar. 2019.

CAGE, J. **Silence, Lectures and Writings**. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1961. Disponível em: <https://archive.org/details/silencelecturesw1961cage/page/n1>. Acesso em: 14 maio 2019.

COSTA, E. M. A. **Análise do Discurso de sujeitos afásicos e seus familiares sobre afasia**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: Discurso e Afasia**. 3. ed. São Paulo. Martins Fontes. 1988.

COUDRY, M. I. H. *et al.* **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com Linguagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução (Discursive Neurolinguistics: aphasia as translation). **Estudos da Língua(gem)**, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 7, dez. 2008. ISSN 1982-0534. <https://doi.org/10.22481/el.v6i2.1065>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1065>. Acesso em: 27 fev. 2018.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Avaliação discursiva das afasias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 5, n. 8, p. 360-377, ago. 2017.

COUDRY, M. I. H.; BORDIN, S. S. Ambientes discursivos na afasia e na infância (Discursive environments in aphasia and childhood). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 9-22, 2019. ISSN: 1982-0534. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v17i1.5295>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5295>. Acesso em: 5 jan.. 2020.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; YEHA, H. C. **Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2012. ISBN 978-85-7758-135-1. CD-ROM. Disponível em: <http://fonologia.org>. Acesso em: 7 jan. 2018.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014. (6ª reimpressão).

FRANCHI, C. Linguagem – atividade constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Unicamp, v. 22, p. 9-40, 1992.

FRANCHI, C.; FIORIN, J. L.; ILARI, R. **Linguagem Atividade Constitutiva: Teoria e Poesia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

GALTUNG, J. Violence, peace, and peace research. **Jornal of Peace Reserach**, set. 1969. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002234336900600301>. Acesso em: 25 mar. 2019.

HEIDEGGER, M. **A Caminho da Linguagem**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2011.

HELLER, A. A. **John Cage e a Poética do Silêncio**. Tese (Doutorado em Literatura) Universidade Federal Santa Catarina. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91918/257998.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 mar. 2019.

HOFFMAN, M. C. C. L. *et al.* **Orientações técnicas para a implementação de linha de cuidado para atenção integral à saúde da pessoa idosa no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília: IPEA, MDS, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População: estimativa 2014**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2014/default.shtm>. Acesso em: 25 nov. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2013**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2017.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1969.

KREMPEL, D. L. B. **Câmaras Anecóicas**: princípios de projeto. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://poli-integra.poli.usp.br/library/pdfs/17712fb85b1834246640032da9b42c30.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.

KUWAE, C. A. *et al.* Concepções de alimentação saudável entre idosos na Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ: normas nutricionais, normas do corpo e normas do cotidiano. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 621-630, jul./set. 2015.

LACAN, J. **Estou Falando com as Paredes, conversas na Capela de Saint-Anne**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, J. **O Seminário** – livro 1 – Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Zahar. 1986.

LACAN, J. **O Seminário** – livro onze – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LIMA, J. S. Comentários sobre as coisas de Heidegger. **Revista SABERES**, Natal, RN, v. 1, n. 4, jun. 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/saberes>. Acesso em: 1 maio 2019.

MORAIS, M. P.; COSTA, M. A. **Infraestrutura Social e Urbana no Brasil**: para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2010. Livro 6, v. 2 (912 p.). ISBN 978-85-7811-064-2.

MUSSALIM, F. Análise de Discurso. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à Linguística 2**: domínios e fronteiras. São Paulo: Editora Cortez, 2003. p. 101-142.

NASIO, J. D. **O Silêncio na Psicanálise**. Tradução de Martha Prada e Silva. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

NOVAES-PINTO, R. C. Desafios metodológicos da pesquisa em Neurolinguística no início do século XXI. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 40, p. 966-980, 2011.

NOVAES-PINTO, R. C. Variações Individuais nos Processos Linguístico-Cognitivo de Envelhecimento Normal ou Patológico: Cada Caso é um Caso. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 745-756, 2017.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes. 1999. Edição consultada: 2009.

ORLANDI, E. **As Formas de Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 152.

PEREIRA, C. A. A. O Silêncio na Obra de John Cage: uma poética musical em processo. *In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 3, 2014, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nusom/sites/default/files/4682-24074-1-PB.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2018.

PINTEREST. **Tabuleiros de Xadrez Criativos**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/478226054152927384/>. Acesso em: 28 maio 2018.

RIBEIRO, E. E. **Viver 100 anos: dicas para envelhecer com sucesso**. Manaus: Editora do Governo do Estado do Amazona, 2005.

ROCHA, I. M. S. N. C. **Memória, espaço asilar e representações: um estudo sobre narrativas de idosos**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

RODRIGUES, C. I. **O simbólico, o imaginário e o real**. 2016. Disponível em: <http://odiariodecris.blogspot.com/2016/03/o-simbolico-o-imaginario-e-o-real.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala**. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, Campinas, SP: [s.n.], 2006.

SAMPAIO, N. F. S. Alguns Aspectos Relacionados ao Funcionamento da Linguagem no Envelhecimento. **Web Revista Discursividade**, ed. nº 07, dez. 2010. ISSN - 1983-6740. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/>. Acesso em: 23 abr. 2018.

SAMPAIO, N. F. S. O Centro de Convivência de Afásicos em foco (Focus on Centro de Convivência de Afásicos). **Estudos da Língua(gem)**, v. 6, n. 2, p. 67-96, dez. 2008. ISSN 1982-0534. doi: <https://doi.org/10.22481/el.v6i2.1067>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1067>. Acesso em: 29 jul. 2019.

SAMPAIO, N. F. S.; COTA, I. R.; SANTANA, L. T.; SOUZA, R. S. Questões teórico-metodológicas e de análise que ecoam do Diário de Narciso (Theoretical-methodological and analysis questions that ecoam from the Diary of Narciso). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 53-70, 2018. ISSN: 1982-0534. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v16i1.4878>. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/4878>. Acesso em: 8 jul. 2019.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social. **Serviço de Acolhimento Institucional**. 2019. Disponível em: <http://www.sds.sc.gov.br/index.php/assistencia-social2/protecao-social-especial/alta-complexidade/servico-de-acolhimento-institucional>. Acesso em: 27 dez. 2019.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1916. Edição consultada: 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1991.

SENSORY STUDIES. **BeraneK's Box.** Disponível em: <http://www.sensorystudies.org/picture-gallery/untitled/>. Acesso em: 28 maio 2018.

TFOUNI, F. E. V. Interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, v. 8, n. 2, p. 353-371, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ld/v8n2/08.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2019.

TFOUNI, F. E. V. Interdito e Silêncio: Análise de Alguns Enunciados. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. XVI, n. 1, p. 39-56, jan./jun. 2013.

ANEXOS

ANEXO A – Normas de Transcrição Utilizadas nesta Dissertação

A fim da padronização dos registros de dados, adaptamos, para esta dissertação, o modelo utilizado no sistema de notação e a codificação do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN):

1) Tabela

É composta por 6 colunas: Numeração dos enunciados (turnos), Sigla do Locutor, *Time Code* (código de tempo), Transcrições, Observações sobre condições de produção do enunciado verbal, Observações de condições do enunciado não-verbal.

* Coluna Sigla do Locutor

Os sujeitos são identificados por Inf (informante) seguido de uma sigla ou duas (A primeira em maiúsculo e a segunda, quando houver, em minúsculo). Exemplo: Inf (informante) + Silvia = InfS, Inf (informante) + Silvia Maria = InfSm (nomes fictícios usados apenas para exemplificar essa coluna).

Já o pesquisador é identificado por uma sigla de 4 letras, na qual a primeira será a letra “P” (**Pesquisador**) em maiúsculo e as demais as primeiras letras do nome e sobrenome em maiúsculo. Exemplo: PSM = Pesquisadora Silvia Maria (nomes fictícios usados apenas para exemplificar essa coluna).

*Coluna Transcrição

Espaço destinado para o registro baseado **no que foi dito** pelos sujeitos e pesquisadores. Esses registros podem ser feitos de dois tipos: transcrição simples ou ortográfica.

* Colunas de Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais e Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais

Espaço destinado para explicitar a natureza dos dados, não mais o que foi dito, mas **como foi dito**. Engloba observações acerca do **ritmo** (pausado, acelerado, hesitação, pausa breve, longa etc.) e do **tom** (afirmativo, dúvida, surpresa, decepção, suspense, ironia, incerteza, enumeração etc.).

Além de observações sobre os gestos (não-verbais).

2) Outras marcações:

Mensurando o silêncio	Cada ponto equivale a um segundo
(.) (...)	Até três segundos é considerado pausa
(...)	Acima de quatro segundos consideramos silêncio
[00:00:42.11]	Inicial da evocação do enunciado
[00:00:52.16]	Tempo de evocação: 1 a 3 segundos + tempo de pausa *

De um a três segundos é o tempo médio de evocação dos enunciados. Para enunciados curtos, é descontado um segundo, para enunciados médios, descontados dois segundos e para enunciados longos, o tempo descontado é de três segundos.

ANEXO B – TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE 1- IDOSO)

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Simone Maximo Pelis

Prezado (a) Senhor (a)

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada: **“Silêncio – A Linguagem em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos”**, conduzida por mim, Simone Máximo Pelis e por minha orientadora Professora Dr^a Nirvana Ferraz Santos Sampaio. Esta pesquisa tem por objetivo avaliar o papel da Instituição de Longa Permanência no processo da consciência individual dos idosos, através da linguagem; investigar se ocorre e como ocorre o processo de silenciamento em idosos institucionalizados e investigar que formas alternativas esses idosos encontram para garantirem sua autonomia de expressão. O benefício desta pesquisa está na compreensão dessa forma alternativa de comunicação do idoso institucionalizado que contribuirá para elaboração de ações preventivas ao processo de silenciamento.

Você foi selecionado (a) por ser um indivíduo longo, morador do Abrigo Nosso Lar – Instituição de Longa Permanência. Sua participação não é obrigatória. Os riscos os quais o idoso será submetido tangem a aspectos da possível estresse emocional, por tratar de assuntos de foro íntimo, e, nesse sentido, tão logo seja observado ou sinalizado, o pesquisador interromperá imediatamente o protocolo. A qualquer momento, o idoso poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. Sua participação não será remunerada, e nem implicará em prejuízo ou gasto financeiro. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevista em vídeo/áudio em espaço apropriado na instituição Abrigo Nosso Lar, em Vitória da Conquista. Esse material será posteriormente transcrito e não será fornecida cópia do mesmo em sua integralidade. Além das entrevistas, imagens dos participantes voluntários serão captadas nas áreas interativas da Instituição. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo da participação do idoso. O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, a qualquer momento.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Simone Máximo Pelis
E-MAIL: Simone.maximo@gmail.com; CELULAR PESSOAL: (77) 99937-2122
ORIENTADORA: Profa. Dra. Nirvana Ferraz Santos Sampaio
E-MAIL: nirvanaf@uesb.br
Departamento de Pós-Graduação em Linguística/UESB
ENDEREÇO: Estrada do Bom-Querer KM 04, Vitória da Conquista, Bahia, CAIXA POSTAL- 95,
CEP 45063-900, TELEFONE: (77) 34248639.
CEP/UESB- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RUA JOSÉ MOREIRA SOBRINHO, S/N - UESB
JIQUE (BA) - CEP: 45206-190
FONE: (73) 3528-9727 / E-MAIL: cepweb.jq@gmail.com

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UESB.

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) e que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação ou da participação do idoso pelo qual sou responsável, na pesquisa, e, dessa forma, declaro que concordo (amos) em participar.

Vitória da Conquista, ____ de _____ de ____.

Participante: _____

Pesquisador: _____